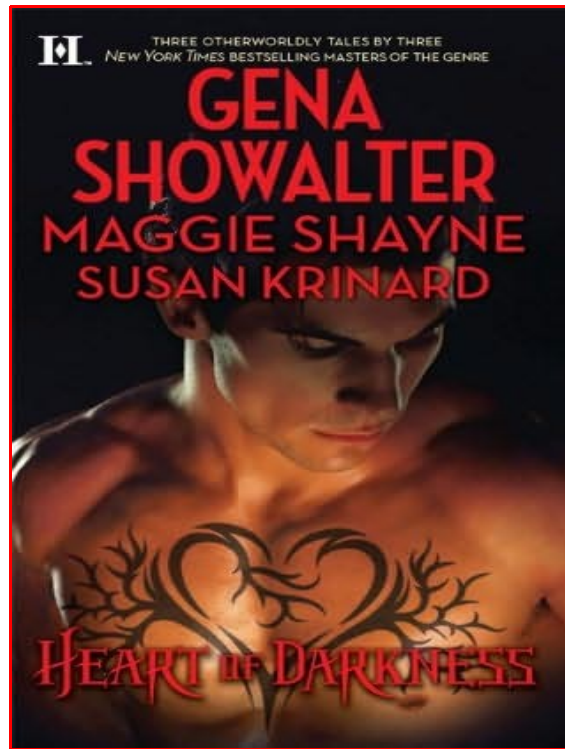


O ANJO MAIS SOMBRIO

GENA SHOWALTER



Um demônio assassino com uma vontade de ferro, o anjo Lysander nunca conheceu a luxúria até que se encontra com Bianka. Concebida da linha de sangue de Lúcifer, a formosa e mortal Harpia está decidida a conduzir o puro coração de Lysander à tentação.

CAPÍTULO 1

Do alto dos céus, Lysander vigiava sua presa. *Enfim. Finalmente, acabarei com isto.* Sua mandíbula apertada e a pele esticando-se. Com tensão. Com alívio. Decidido, saltou da nuvem em que havia se mantido em pé, caindo rapidamente... O vento fazendo redemoinhos através de seu cabelo...

Quando esteve perto do chão, permitiu que suas asas, largas, emplumadas e douradas, se desdobrassem de suas costas e fluíssem com a corrente, reduzindo sua progressão.

Ele era um soldado da Única e Verdadeira Deidade. Um da Elite dos Sete, criados antes mesmo que o tempo. Com tantos milênios como os que tinham vivido, tinha chegado a compreender que cada um da Elite dos Sete tinha uma Tentação. Uma potencial queda. Como Eva com a maçã. Quando eles encontrassem essa... Coisa, essa abominação, felizmente a destruiriam antes que ela pudesse destruí-los primeiro.

Lysander tinha encontrado finalmente a sua.

Bianka Skyhawk.



Ela era a filha de uma Harpia e um troca-formas Fênix. Era uma ladra, uma mentirosa e uma assassina que encontrava prazer nas tarefas mais vis. Pior, o sangue de Lúcifer — seu maior inimigo e o senhor da maioria das raças demoníacas — fluía por suas veias. O que queria dizer que *Bianka* era sua inimiga.

Ele vivia para destruir seus inimigos.

Entretanto, ele somente poderia atuar contra eles quando rompiam as leis do céu. Para os demônios, isso incluía escapar de sua férrea prisão e caminhar pela terra. Para *Bianka*, que nunca tinha sido condenada ao inferno, seria ter se envolvido com algo assim. O que, não sabia. Tudo o que ele sabia era que nunca tinha experimentado isso que os mortais se referiam como "desejo".

Até conhecer *Bianka*.

E ele não gostou disso.

Ele a tinha visto pela primeira vez há várias semanas, o cabelo negro flutuando pelas costas, brilhantes olhos ambarinos e lábios vermelhos cor de sangue. Contemplando-a, incapaz de afastar o olhar, uma simples pergunta se filtrou em sua mente: sua pele perolada era tão suave como parecia?

Esqueça o desejo. Ele nunca havia se preocupado por tal coisa como essa. Nunca tinha estado interessado. Mas a pergunta se converteu em uma obsessão, descobrir a verdade uma necessidade. E isso tinha que acabar. Agora. Neste momento.

Ele se lançou bem em frente a ela, mas ela não podia lhe ver. Ninguém poderia. Ele existia em outro plano, invisível para mortais e imortais por igual. Poderia gritar e não lhe ouviria. Podia caminhar através dela e não o sentiria. De fato, não o cheiraria ou sentiria de maneira nenhuma.

Até que fosse muito tarde.

Ele poderia ter formado uma espada do ar e ter separado sua cabeça de seu corpo, mas não fez. Como já se deu conta e aceitou, ele não poderia matá-la. Ainda. Mas não podia lhe permitir vagar sem travas, lhe tentando, uma praga para seu bom sentido. O que queria dizer que teria que conformar-se prendendo-a em sua casa no céu.

Entretanto, essa não era uma terrível ordem para ele. Podia utilizar seu tempo juntos para lhe ensinar a maneira correta de viver. E a correta era, é obvio, a sua. E no mais, se ela não se conformasse se finalmente cometesse esse imperdoável pecado, ele estaria aí, finalmente capaz de tirá-la de sua influência.

Faz-o. Toma-a.

Ele estendeu a mão. Mas antes que pudesse rodeá-la com seus braços e voar com ela longe, deu-se conta que já não estava sozinha. Ele franziu o cenho, deixando cair seus braços aos lados. Ele não queria uma testemunha dos fatos.

— O melhor dia de todos. — gritou *Bianka* aos céus, estendendo os braços e girando. Duas garrafas de champanhe estavam em suas mãos e aquelas garrafas voaram, quebrando-se de repente nas montanhas geladas do Alaska que a rodeavam. Ela se deteve, cambaleando-se, rindo — Oupss.

Seu cenho se fez mais profundo. Uma perfeita oportunidade perdida precaveu-se ele. Claramente, ela estava bêbada. Não lutaria com ele. Assumiria que ele era uma alucinação ou que estavam brincando de algo. Havendo-a observado as passadas semanas, sabia que adorava as brincadeiras.

— Esbanjadora. — grunhiu sua irmã, a intrusa. Embora fossem gêmeas, *Bianka* e *Kaia* não se pareciam em nada. *Kaia* tinha o cabelo vermelho e olhos cinza bordeados com ouro. Ela era mais baixa que *Bianka*, sua beleza mais delicada — Tive que espreitar um colecionador durante dias, dias! Para roubar-lhe. Sério, acaba de quebrar um Dom Perignon White Gold Jeroboam¹.

— Fiz por você. — o bafo saía por sua boca — Eles vendem Bonne Farm's no povoado.

Houve uma pausa, um suspiro.

¹ Nota da Revisora: foi lançado em maio de 2008, vendido em garrafas de 3 litros. O mais caro do mundo, com a garrafa revestida em ouro branco.

— Isso só é aceitável se também roubar algumas dessas tortas de queijo para mim. Estava acostumada a roubar todos os dias de Sabin, e agora que deixamos Budapeste, estou sentindo falta.

Lysander tentou prestar atenção à conversa, de verdade que tentou. Mas estar perto de Bianka era, como sempre, motivo de que arruinasse sua concentração. Só sua pele era similar a de sua irmã, refletindo todas as cores de um recém-ativado arco-íris. Assim, por que não perguntava se a pele de Kaia era tão suave como parecia?

Porque ela não é a que lhe tenta. Sabe disso.

Ali, no topo do pico do Polegar do Diabo, observou como Bianka se deixou cair de bunda. A gelada névoa continuava envolvendo-a, fazendo-a ver-se como se fosse parte de um sonho. Ou o pesadelo de um anjo.

— Mas sabe — acrescentou Kaia — roubar Bonne Farm's no povoado não te ajudará agora. Estou somente um pouco bêbada e esperava estar total e completamente embriagada para o pôr-do-sol.

— Então, deveria me agradecer. Embebedou-se a noite anterior. E a noite anterior a essa. E a anterior a essa.

Kaia deu de ombros.

— E?

— E, sua vida estava na sarjeta. Rouba licor, escala uma montanha enquanto bebe e te lança quando está bêbada.

— Bom então, você também está na sarjeta, já que estive comigo todas essas noites. — a ruiva franziu o cenho — Contudo... Tem razão. Possivelmente necessitemos uma mudança. — ela deu uma olhada na magnífica vista que tinha ao redor — Assim, que nova e excitante coisa quer que façamos agora?

— Nos queixar. Pode acreditar que Gwennie vai se casar? — perguntou Bianka — E com Sabin, o Guardião do Demônio da Dúvida, dentre todas as pessoas. Demônios. O que seja.

Gwennie. Gwedolyn. Sua irmã pequena.

— Sei. É estranho. — uma Kaia ainda confusa se deixou cair a seu lado — Prefere ser dama de honra ou atropelada por um ônibus?

— O ônibus. Não há dúvida. Disso me reporia.

— Estou de acordo.

Bianka não gostava de casamentos? Que estranho. A maioria das mulheres adorava. Contudo, *não havia necessidade do ônibus*, queria lhe dizer Lysander. *Não terá que assistir o casamento de sua irmã.*

— Assim, qual de nós será a dama de honra? — perguntou Kaia.

— Eu não. — disse Bianca, justo quando Kaia abriu a boca para dizer o mesmo.

— Maldição!

Bianka riu com genuína diversão.

— Nossos deveres não deveriam ser tão maus. Gwennie é a mais agradável das Skyhawks, depois de tudo.

— Encantadora quando não está protegendo Sabin. — estremeceu-se Kaia — Eu juro, ameace-o com pequenos danos corporais, e ela está pronta para te tirar os olhos.

— Acredita que nos apaixonaremos por alguém dessa maneira? — tão curiosa como soava Kaia, havia um tom de tristeza em sua voz.

Por que tristeza? Queria apaixonar-se? Ou estava pensando em um homem em particular? Lysander ainda não a tinha visto interagir com um homem.

Kaia ondeou uma delicada mão através do ar.

— Vivemos durante séculos sem nos apaixonar. Claramente, não estamos destinadas a isso. Mas eu, por outra parte, me alegro disso. Os homens se convertem em uma responsabilidade quando tentamos e se fazem permanentes.

— Claro — foi à réplica — mas é uma responsabilidade divertida.

— Certo. E eu não me divirto há muito tempo. — disse Kaia fazendo um biquinho.

— Nem eu. Exceto comigo, mas não acredito que isso conte.

— Faça da maneira como eu faço.

Elas compartilharam outra gargalhada.

Diversão. Sexo. Lysander se deu conta, sem problemas agora para captar sua conversa. Elas estavam discutindo sobre sexo. Algo que ele nunca tinha provado. Nem sequer consigo mesmo. Tampouco tinha querido tentá-lo nunca. Nem sequer agora. Nem sequer com Bianka e sua assombrosa pele.

Tanto como ele tinha vivido — uma envergadura de tempo maior que seus séculos — havia visto muitos humanos inundados no ato. Este parecia... Sujo. Não tão divertido como poderia ser algo. Os humanos ainda traíam seus amigos e família para fazê-lo. Inclusive, entregavam felizmente o dinheiro ganho com o suor de sua testa para isso. Quando não tomavam parte eles mesmos, obcecavam-se com isso, observando outros fazendo na televisão ou em uma tela de computador.

— Deveríamos ter nos enrolado com um dos Senhores quando estivemos em Budapeste. — disse Kaia pensativamente — Paris é tão quente.

Ela somente podia estar se referindo aos Senhores do Submundo. Guerreiros Imortais possuídos pelos demônios que uma vez estiveram presos na Caixa de Pandora. Como Lysander os tinha observado através dos séculos, assegurando-se que obedeciam as leis celestiais — desde que seus demônios tinham escapado do inferno antes que essas leis fossem decretadas, ninguém tinha pensado que fosse possível escapar, não lhes tinha matado, mas sim primeiro lhes meteu nessa caixa, e segundo, Os Senhores — ele sabia que Paris era o que hospedava a Promiscuidade, obrigado a meter-se na cama com uma pessoa diferente a cada dia ou se debilitaria e morreria.

— Paris é quente, sim, mas eu gosto de Amun. — Bianka se esticou de costas, a névoa fazendo novamente redemoinhos a seu redor — Ele não fala o que faz um homem perfeito em minha opinião.

Amun, o hospedeiro do demônio dos Segredos. Então, é assim. Bianka gostava dele, não? Lysander imaginou o guerreiro. Alto, embora não tanto como Lysander. Musculoso, embora Lysander fosse mais. Escuro onde Lysander era pálido. Realmente lhe aliviava saber que a Harpia preferia um tipo de homem diferente dele mesmo.

Isso não mudaria seu destino, mas realmente diminuiu a carga de Lysander. Ele não estava seguro do que haveria feito se lhe pedisse que a tocasse. Que não o fizesse era definitivamente um alívio.

— O que acha de Aeron? — perguntou Kaia — Todas aquelas tatuagens... — um gemido deslizou dela como se a fizesse tremer — Poderia rascar cada uma delas com minha língua.

Aeron, o hospedeiro da Ira. Um dos dois senhores com asas, Aeron era sombrio e tenebroso. Tinha tatuagens sobre todo o corpo e parecia cada polegada do demônio que era. E ainda mais, recentemente tinha quebrado um convênio espiritual. Portanto, Aeron estaria morto antes das próximas núpcias.

Olivia, subordinada de Lysander, tinha sido ordenada a matar o guerreiro. Até agora ela resistiu ao decreto. A garota era muito tenra para seu próprio bem. Eventualmente, entretanto, cumpriria com seu dever. De outro modo, a desterraria a terra, já não seria imortal, e esse era um destino que Lysander não permitiria.

De todos os anjos que ele tinha treinado, ela era de longe sua favorita. Tão amável como era, um homem não podia fazer outra coisa que fazê-la feliz. Ela era tão confiada, leal e tão pura.

Era o tipo de fêmea que o teria tentado. Uma mulher que possivelmente tivesse sido capaz de aceitá-lo de maneira romântica. A selvagem Bianka... Não. Nunca.

— Entretanto, qual escolherei entre meus dois Senhores favoritos, B? — outro suspiro devolveu a atenção de Lysander às Harpias.

Bianka pôs os olhos em branco.

— Só prova os dois. Não é como se não tivesse desfrutado antes de uma oferta dois por um.

Kaia riu, embora a diversão não fosse tanta para alcançar sua voz. Igual a Bianka, havia um traço de tristeza em sua voz.

— É verdade.

A boca de Lysander se curvou ligeiramente em repugnância. Dois companheiros diferentes em um dia. Ou ao mesmo tempo. Também o havia feito Bianka? Provavelmente.

— E você? — perguntou Kaia — Vai enrolar-se com Amun no casamento?

Houve uma longa e pesada pausa. Então Bianka deu de ombros.

— Possivelmente. Provavelmente.

Ele deveria partir e voltar quando estivesse sozinha. Quanto mais aprendia dela, mais lhe desgostava. Logo a agarraria simplesmente, sem importar quem observasse, revelando sua presença, suas intenções, só para salvar este mundo de sua sombria influência.

Ele agitou suas asas uma vez, duas, elevando-se no ar.

— Sabe qual é a coisa que mais quero no mundo? — perguntou ela, rodando de lado e enfrentando sua irmã. Enfrentando também diretamente Lysander. Seus olhos completamente abertos, com as íris de um luminoso âmbar. Parecia que os raios de sol embebiavam aquela gloriosa pele e se encontrou parando.

Kaia se esticou a seu lado.

— Ser uma das apresentadoras do *Good Morning, America*²?

— Bom, sim, mas isso não é o que quero dizer.

— Então, você me deixou perplexa.

— Bom... — Bianka mordiscou o lábio inferior. Abriu a boca. Fechou, franziu o cenho — Eu vou te dizer, mas não pode contar a ninguém.

A ruiva fingiu fechar a boca com chave.

— Estou falando sério, K. Se contar a alguém, eu vou negar, então vou te caçar e cortar sua cabeça.

Falava sério? Perguntou-se Lysander. De novo, provavelmente. Ele não podia imaginá-la ferindo sua Olivia, a qual amava como uma irmã. Possivelmente porque não era uma da Elite dos Sete, mas era a que trazia a alegria, a mais fraca dos anjos.

Havia três facções angélicas. A Elite dos Sete, os guerreiros e os que traziam alegria. Em consequência tinham diferentes deveres, seus status estavam refletidos em suas asas. Cada um dos Sete possuía asas douradas como as suas. Os guerreiros possuíam asas brancas meramente peneiradas com ouro, e os que traziam alegria possuíam asas brancas sem nada de dourado.

Olivia tinha sido uma das que traziam alegria durante todos os séculos de sua existência. Algo com o que ela estava bastante feliz. Foi por isso que todo mundo, inclusive Olivia, tinham experimentado tal choque quando o dourado tinha começado a crescer em suas plumas.

Entretanto, não foi para Lysander. Ele tinha pedido ao Concílio Angélico e eles tinham estado de acordo. Precisava ser feito. Ela estava muito fascinada pelo guerreiro possuído pelo demônio chamado Aeron. Muito... Enfeitiçada. Afastá-la de tal atração era imperativo. Como ele bem sabia.

² Nota da Revisora: *Good Morning, America* é um programa matinal dos Estados Unidos, transmitido pela ABC desde 1975.

Sua mão se fechou em um punho. Ele amaldiçoou a si mesmo pelas circunstâncias de Olivia. Ele a tinha enviado para vigiar os Senhores. Para estudá-los. Deveria ter ido ele mesmo, mas tinha esperado evitar Bianka.

— Bom, não me deixe assim. Diga-me qual é a coisa que mais quer no mundo. — exclamou Kaia, atraindo uma vez mais sua atenção.

Bianka deixou escapar outro suspiro.

— Quero dormir com um homem.

Kaia arqueou as sobrancelhas, confusa.

— Uh, olá. Não era isso o que estávamos discutindo?

— Não, idiota. Quero dizer, que quero dormir. Como respirar, expirar. Como em: *vá roncar para o outro lado*.

Passou um momento de silêncio até que Kaia entendeu o anúncio.

— *O quê?! Isso está proibido. É estúpido. Perigoso.*

As Harpias viviam segundo duas regras, sabia. Só podiam comer o que roubavam ou ganhavam, e não podiam dormir na presença de outros. A primeira por causa de uma maldição que havia em todas as Harpias, e a segunda por que as Harpias eram suspeitas e desconfiadas por natureza.

Lysander inclinou a cabeça para o lado enquanto imaginava a si mesmo segurando Bianka em seus braços enquanto ela estava inconsciente. Esses cabelos negros derramando-se sobre seu braço e peito. Seu calor se filtraria em seu corpo. Sua perna roçaria as suas.

Ele não poderia permitir-se jamais, é obvio, mas isso não fazia nada por diminuir o poder da visão. Porque sustentá-la, protegê-la, consolá-la seria... Agradável.

Sua pele seria tão suave como parecia?

Ele chiou os dentes. Aí estava essa ridícula pergunta outra vez. *Não me importa. Isso não tem que me importar.*

— Esquece o que eu disse. — queixou-se Bianka, deixando-se cair uma vez mais sobre suas costas e contemplando o brilhante céu azul.

— Não posso. Suas palavras cantam em meus ouvidos. Sabe o que aconteceu aos nossos ancestrais quando eles foram bastante estúpidos para dorm...

— Sim, tudo bem. Sim. — ela ficou em pé. O casaco de pele que levava era vermelho sangue, como seus lábios, e um vívido contraste com o gelo que a rodeava. Suas botas eram pretas e iam até os joelhos. Vestia calças negras apertadas. Ela se via perversa e formosa.

Sua pele seria tão suave como parecia?

Antes de dar-se conta do que estava fazendo, ele estava de pé em frente a ela, esticando-se, os dedos formigando. *O que está fazendo? Detenha-se!* Ele congelou. Retrocedeu afastando-se vários passos.

Doce céu. Quão perto tinha estado de cair em sua tentação.

Não podia esperar mais. Não podia esperar até que estivesse sozinha. Tinha que atuar agora. Sua reação a ela estava ficando mais forte. Assim era como funcionava a tentação. Concedia-te uma coisa, então desejava outra. E outra. Logo, estará perdido.

— Chega de conversa fiada. Vamos voltar a nossa rotina chata e saltar. — disse Bianka, indo até a beira do pico — Já conhece as regras. A garota que quebrar a menor quantidade de ossos, ganha. Se morrer, perde. Vamos, como sempre.

Ela olhou para baixo.

Lysander fez o mesmo. Havia cristas e depressões ao longo do caminho, cumes de gelo com agudas e mortais pontas e centenas de metros de ar. Não havia necessidade de dizer que tal salto mataria um mortal. A Harpia simplesmente brincava com a possibilidade, como se aquilo não fosse uma consequência. Será que ela acha-se invulnerável?

Kaia se impulsionou precariamente sobre seus pés e cambaleou pelo licor que ainda corria por suas veias.

— Bem, mas não pense que esta é nossa última conversa a respeito dos hábitos de dormir e as garotas estúpidas que...

Bianka mergulhou.

Lysander esperava a ação, mas ainda se surpreendeu por isso. Ele a seguiu abaixo. Ela estendeu os braços, fechou os olhos, sorrindo estupidamente. Esse sorriso... Afetou-lhe. Claramente ela se deleitava na liberdade da queda. Algo que ele também fazia frequentemente. Mas ela não teria o final que desejava.

Segundos antes que se estrelasse contra um rochedo, Lysander permitiu materializar-se em seu plano. Agarrou-a, com os braços segurando-a por baixo, desdobrando as asas, freando-os. Suas pernas se chocaram contra ele, golpeando, mas ele não a liberou.

Um ofego escapou dela, e suas pálpebras se abriram de repente. Quando lhe descobriu, os olhos ambarinos se chocaram com a escuridão dos seus, aquele ofego se converteu em um grunhido.

A maioria haveria perguntando quem era ele ou que queria. Bianka não.

— Grande engano, Perigoso Estranho. — estalou ela — Pagará por isso.

Com as muitas batalhas que ele tinha lutado ao longo dos anos e tantos oponentes que tinha matado, não precisava ver para saber que ela acabava de desembainhar uma lâmina de uma abertura oculta em seu casaco. E ele não tinha que ser um adivinho para saber que ela pensava esfaqueá-lo.

— É você que cometeu o engano, Harpia. Mas não se preocupe. Tenho toda a intenção de retificar isso.

Antes que ela pudesse assegurar-se de que sua arma encontrava o objetivo desejado, ele a transladou a outro plano, a seu lar — onde ela ficaria. Para sempre.

CAPÍTULO 2

Bianka Skyhawk ofegou ante seu novo ambiente. Em um momento ela estava caindo para um vale gelado, tentando escapar do interrogatório de sua irmã, e ganhar o jogo do “quebre-a-menor-quantidade-de-ossos”, e no instante seguinte, estava nos braços de um magnífico loiro. Que não era necessariamente uma boa coisa. Ela tentou apunhalá-lo e ele a bloqueou. Assombrosamente, tinha-a bloqueado. Ninguém deveria ser capaz de parar o golpe mortal de uma Harpia.

Agora ela estava de pé dentro de um palácio lavrado em uma nuvem. Um palácio que era maior que qualquer casa que tivesse visto alguma vez. Um palácio que era quente e com um doce aroma, com um sentido quase tangível de paz que enchia o ar.

As paredes eram nuvens brancas de fumaça e, quando olhou nos muros que haviam se formado, criaturas aladas aparentemente vivas, tão angélicas como demoníacas, elevavam-se atravessando o céu matinal. Recordavam às pinturas da Danika. Danika, o olho que tudo vê, que via tanto o céu como o inferno. O chão, mesmo feito daquela mesma substância etérea, permitindo uma visão da terra e a gente que havia abaixo, era de algum modo sólido.

Angélico. Nuvem. Céu? O temor a alagou quando se voltou para confrontar ao homem que a tinha agarrado. "Angélico" descrevia-o perfeitamente. Da parte acima de sua pálida cabeça à força naqueles magros músculos, o corpo beijado pelo sol e as douradas asas estendendo-se desde suas costas. Inclusive a branca túnica que lhe caía até os tornozelos e as sandálias que rodeavam seus pés lhe dando uma auréola de santidade.

Então, era um anjo? Seu coração saltou um batimento. Ele não era humano, isso era certo. Nenhum macho humano poderia comparar-se alguma vez com tal cegadora perfeição. Mas maldição, aqueles olhos... Eram escuros, duros e quase, bom, vazios.

Seus olhos não importavam. Os anjos eram assassinos de demônios e ela estava tão perto de ser um demônio como podia está-lo uma Harpia. Depois de tudo, seu bisavô era o mesmo Lúcifer. Lúcifer, que tinha passado um ano desatado pela terra, roubando e violando. Só umas mulheres tinham concebido, mas aquelas que o haviam feito logo deram a luz às primeiras Harpias.

Insegura do que fazer, Bianka passeou ao redor de seu loiro, ele permaneceu em seu lugar, inclusive quando se colocou a suas costas, como se não tivesse nada que temer dela. Talvez não tivesse. Obviamente, tinha poderes. Um, tinha-a bloqueado — simplesmente não podia desprender-se daquele feito — e dois, de algum modo lhe tinha tirado o casaco e todas suas armas sem tocá-la.

— É um anjo? — perguntou ela quando esteve outra vez diante dele.

— Sim.

Não vacilou. Como se sua herança não fosse algo do que envergonhar-se.

Pobre anjo pensou com um estremecimento. Claramente, não tinha nem idéia da má mão que lhe havia tocado. Se tivesse que escolher entre ser um anjo e um cão, escolheria o cão. Eles, ao menos, eram respeitáveis.

Nunca antes tinha estado tão perto de um anjo. Tinha visto um, sim. Ou mas bem, tinha visto o que pensou que era um anjo, mas mais tarde tinha descoberto que era um demônio disfarçado. De todas as maneiras, não tinha gostado do tipo, o pai de sua irmã mais jovem. Ele se considerava um deus e todos os outros estavam por baixo dele.

— Você me trouxe aqui para me matar? — perguntou.

Não é que ele fosse ter tanta sorte. Descobriria que não era um objetivo fácil. Muitos imortais tinham tentado acabar com ela durante anos, mas nenhum tinha tido êxito. Obviamente.

Ele suspirou, o quente fôlego viajando sobre suas bochechas. Ela, como por acaso, aproximou-se dele com a intenção de fechar um pouco a distância entre eles. Ele cheirava às calotas de gelo que tanto gostava. Fresco e rangente, com apenas um toque de especiaria terrosa.

Quando ele se deu conta de que só o que os separava era um sussurro, seus lábios, muito cheios para um homem, mas de algum modo perfeitos para ele, fecharam-se em uma teimosa linha. Embora ela não o visse mover-se, de repente esteve uns metros mais longe dela. Huh. Interessante. Tinha aumentado a distância de propósito?

Curiosa, deu um passo para ele.

Ele voltou a retroceder.

Tinha-o feito. Por quê? Tinha-lhe medo?

Só para ser do contra, como estava acostumada a fazer frequentemente, deu novamente um passo para ele. Outra vez, ele se afastou. Assim, o enorme anjo mau não queria estar ao alcance de um golpe. Ela quase sorriu abertamente.

— E bem? — incitou-o ela — O tem feito?

— Não. Não te trouxe aqui para te matar. — Sua voz era rica, melosa, um pecado em si mesmo. E, entretanto, havia uma capa absoluta de verdade nela, e suspeitava que tivesse acreditado em qualquer coisa que lhe dissesse. Como se tudo o que ele dissesse fosse simplesmente predestinado, por assim dizer. Imutável.

— Quero que emule minha vida. Quero que aprenda de mim.

— Por quê? — o que faria se lhe tocasse? As diminutas asas de teia sobre suas costas revoaram ante o pensamento. Sua camiseta estava desenhada especialmente para as de sua classe, o material ficava frouxo para evitar aprisionar aquelas asas quando se moviam a maior

velocidade — Espere. Não responda. Vamos deixar sair primeiro às hipóteses. — uma mentira, mas ele não tinha necessidade de saber.

— Bianka. — disse, sua paciência estava claramente diminuindo — Isto não é um jogo. Não me obrigue a te atar a minha cama.

— Ohh, eu gosto disso. Soa retorcido. — o rodeou, passando a ponta de seus dedos sobre sua bochecha e seu pescoço — É tão suave como um bebê.

Ele aspirou com força, ficando rígido.

— Bianka.

— Mas melhor equipado.

— Bianka!

Deu-lhe uma tapinha no traseiro.

— Sim?

— Parará isto imediatamente!

— Obrigue-me. — ela riu, o divertido e despreocupado som ressonando entre eles.

Franzindo o cenho, ele estendeu a mão e a segurou pelo antebraço. Não teve tempo para esquivá-lo; assombrosamente, era mais rápido que ela. Ele puxou-a frente a ele e seus olhos escuros, entrecerrados, descenderam ante ela.

— Não haverá nenhum contato. Você entendeu?

— E você? — seu olhar fixo descendeu a sua mão, ainda segurando seu braço — Neste momento, é o único que está tocando.

Igual ao dela, seu olhar caiu ao lugar onde estavam conectados. Ele lambeu os lábios e seu apertão se afrouxou justo como ela queria. Então, liberou-a como se ela estivesse em chamas e uma vez mais incrementou a distância entre eles.

— Você entendeu? — seu tom era duro e plano.

Qual era o problema? Ele deveria estar rogando por tocá-la. Era uma desejável Harpia, maldição. Seu corpo era uma obra de arte e seu rosto a total perfeição. Mas, por seu benefício, ela disse:

— Sim, entendo-o. Mas isso não quer dizer que obedeça. — sua pele formigou, desejando sua volta. Garota má. Má, muito má. Ele é um estúpido anjo e, portanto não é um brinquedo apropriado.

Passou um momento enquanto ele absorvia suas palavras.

— Não tem medo de mim? — suas asas se renderam a suas costas, arqueando-se sobre seus ombros.

— Não. — disse ela arqueando uma sobrancelha e fazendo todo o possível por parecer natural — Deveria ter?

— Sim.

Bem, então, ele teria que se entender com as assustadoras garras da gente de seu pai. Essa era a única coisa que a assustava. Tendo sido arranhada quando menina, havendo sentido ácido queimante estendendo-se através de todo seu corpo e tendo passado dias retorcendo-se em uma agônica dor aparentemente infinita, faria o que fosse para evitar tal experiência outra vez.

— Bom, ainda não o tenho. E agora está começando a me aborrecer. — ancorou as mãos sobre seus quadris, lhe fulminando com o olhar — Te fiz uma pergunta, mas ainda não a respondeu. Por que quer que seja como você? Mais ainda, por que me trouxe para o céu, de todos os lugares possíveis?

Um músculo palpitou embaixo de um de seus olhos.

— Porque eu sou bom e você é diabólica.

Outra risada escapou dela. Ele franziu o cenho, e sua risada se incrementou até que as lágrimas correram por seus olhos. Quando ela se acalmou, disse:

— Bom trabalho. Você me salvou do aborrecimento.

Seu cenho se fez mais profundo.

— Não estava brincando contigo. Penso te manter aqui para sempre e te treinar para ficar livre de pecado.

— Deuses, como... Oops, sinto muito. Queria dizer, meu deus, que adorável é? “Penso te manter aqui para sempre e te treinar”. — disse ela com sua melhor imitação dele.

Não havia razão para lutar para sua eventual fuga. Demonstraria-lhe quão equivocado estava quando decidiu partir. Agora mesmo, estava muito cativada. Com seu entorno, assegurou-se ela, não com o anjo. O céu não era um lugar que tivesse pensado visitar alguma vez.

Seu queixo se elevou um pouco, mas seus olhos permaneceram inexpressivos.

— Estou falando sério.

— Ohh, com certeza que está. Mas descobrirá que não pode me manter em nenhum lugar no que não queira estar. E eu? Livre de pecado? Que divertido!

— Já veremos.

Sua confiança possivelmente a teria acovardado se tivesse tido menos confiança em suas capacidades. Como uma Harpia, podia com um semi-o-que-fosse como se não fosse nada mais que um calhau³, podia mover-se mais rápido do que o olho humano podia ver e não tinha problema para matar a um inoportuno hospedeiro.

— Seja honesto. — disse ela — Viu-me e quer um pedaço de mim, verdade?

Pelo mais breve dos momentos, o horror cobriu sua face.

— Não. — grasnou, logo esclareceu garganta e disse mais brandamente — Não.

Bastardo insultante. Por que tal horror ante o pensamento de estar com ela? Ela era a que devia estar horrorizada. Ele era claramente um benfeitor, mais ainda do que tinha suposto. Eu sou bom e você é diabólica, havia-lhe dito. Ugh.

— Então, me diga outra vez por que quer me mudar. Ninguém te disse que não deveria foder com a perfeição?

Esse músculo voltou a palpitar sob seu olho outra vez.

— Você é uma ameaça.

Independentemente de que tipo gostava de roubar, e o quê? Ela podia matar sem pestanejar, de novo, e o quê? Não é que fosse trabalhar para o IRS⁴ ou algo assim.

— Onde está minha irmã, Kaia? Ela é uma ameaça como eu sou, estou certa disso. Assim por que não quer mudá-la também?

— Ela ainda está no Alaska, perguntando-se se ainda está presa em uma caverna de gelo. Você é meu único projeto neste momento.

Projeto? Bastardo. Mas gostava do pensamento de Kaia procurando acima e abaixo sem encontrar nenhum sinal dela, quase como se brincassem de esconde-esconde. Bianka finalmente ganharia de maneira absoluta.

— Parece... Excitada. — disse ele, inclinando a cabeça — Por quê? Sua preocupação não te incomoda?

Sim. Um benfeitor com certificado.

— Não é como se fosse estar aqui muito tempo. — ela jogou uma olhada por cima do ombro e mais desses pergaminhos brancos a saudaram — Há algo de beber aqui?

— Não.

— Comida?

— Não.

— Roupa?

— Não.

Lentamente as esquinas de seus lábios se elevaram.

³ Nota da Revisora: pedra pequena, fragmento de rocha dura, seixo.

⁴ Nota da Revisora: “Instituto de Receitas Internas”, é o órgão dos Estados Unidos responsável pela arrecadação e aplicação da lei fiscal.

— Suponho que isso quer dizer que você gosta de andar nu. Fantástico.

Suas bochechas avermelharam.

— Basta. Está tentando me enganar e eu não gosto disso.

— Então, não deveria haver me trazido aqui. — ei, espera um minuto. Nunca havia dito realmente por que a tinha escolhido para seu projeto, precaveu-se — Seja honesto. Precisa minha ajuda com algo? — depois de tudo, ela, igual a muitas de suas companheiras Harpias, era uma mercenária, lhe pagavam para encontrar e recuperar. Seu lema: se for pouco ético e ilegal e tem efetivo, sou sua garota! — Quero dizer, sei que não me trouxe aqui só para salvar ao mundo de minha travessa influência. De outra maneira, milhões de pessoas estariam aqui comigo.

Ele cruzou seus braços sobre seu amplo peito.

Ela suspirou. Conhecendo os homens como os conhecia, sabia que sua conduta respondia a aquele tipo de pergunta. Oh, bem. Ela podia lhe haver convencido de outra maneira, incomodando-o até que claudicasse, mas não queria incomodar-se no trabalho que isso supunha.

— Assim, o que faz para te divertir por aqui? — perguntou-lhe ela.

— Destruo demônios.

Como você, acabou ela por ele. Mas já havia dito que não tinha intenção de matá-la e lhe acreditava... Como podia não fazê-lo? Essa voz...

— Não quer me machucar, não quer me tocar, mas quer que viva aqui para sempre.

— Sim.

— Seria idiota por rechaçar tal oferta. — que soasse sincera era um milagre — Fingiremos estar casados e passaremos as noites encerrados nos braços do outro, nos beijando e nos tocando, nossos corpos...

— Pare. Somente pare. — e com um rufo, esse músculo começou a palpitar outra vez sob seu olho.

Esta vez, não lutou com seu sorriso. Este se estendeu amplo e orgulhoso. Esse tic era certamente um sinal de aborrecimento. Mas o que lhe custaria fazer que aquela cólera gotejasse realmente em sua íris? O que lhe custaria quebrar só uma fração de seu férreo controle?

— Mostre-me os arredores. — disse ela — Se vou viver aqui, tenho que saber onde está meu guarda-roupa. — durante o tour, podia acidentalmente — de propósito — e roçar-se contra ele. Uma e outra vez — Temos televisão a cabo?

— Não. E não posso te dar um passeio. Tenho deveres. Deveres importantes.

— Claro que os tem. Meu prazer. Esse deveria ser o prioritário.

Apertando os dentes, girou sobre seus pés e se afastou a passos longos.

— Achará difícil se meter em problemas por aqui, assim, sugiro que nem sequer o tente. — sua voz ecoou detrás dele.

Por favor. Ela podia meter-se em problemas sem nada mais que um palito e uma colher.

— Se você partir reorganizarei tudo. — não é que houvesse muitos móveis pelo que tinha visto.

Silêncio.

— Ficarei aborrecida e partirei.

—Tenta-o.

Isso, ao menos, era uma resposta.

— Assim, de verdade vai me deixar aqui? Desta maneira? — ela estalou os dedos.

— Sim. — outra resposta, embora não deixasse de caminhar.

— O que tem que a cama em que você iria me prender? Onde está?

Uh-Oh, voltamos para o silêncio.

— Não me disse seu nome. — clamou ela, irritada a seu pesar. Como podia abandoná-la dessa maneira? Ele deveria estar faminto dela — E bem? Mereço saber o nome do homem ao que amaldiçoarei.

Finalmente, ele se deteve. De todos os modos, passou um comprido momento em silêncio e ela pensou que queria ignorá-la. Outra vez. Então ele respondeu.

— Meu nome é Lysander. — e saiu da nuvem, desaparecendo da vista.

CAPÍTULO 3

Lysander observou aos dois novos anjos guerreiros recentemente recrutados - anjos sob seu treinamento e comando - que finalmente tinham derrotado a um seguidor demoníaco, o qual tinha encontrado a forma de escapar do inferno. A criatura estava cheia de escamas dos pés a cabeça e uns pequenos chifres se sobressaíam de seus ombros e costas. Seus olhos eram de cor vermelha brilhante, igual a sangue cristalizado.

A luta tinha durado ao menos uma hora e meia, e ambos os anjos estavam agora sangrando e feridos. Os demônios eram conhecidos por suas dentadas e garras.

Lysander deveria ter sido capaz de avaliar aos homens e lhes dizer o que haviam feito de errado. Dessa maneira, poderiam fazê-lo melhor da próxima vez. Mas, quando tinham chegado com o demônio, sua mente tinha ido à deriva para Bianka. O que estava fazendo? Teria se resignado a seu destino? Tinha-lhe dado vários dias para acalmar-se e aceitá-lo.

— E agora o que? — perguntou um de seus alunos. Seu nome era Beacon.

— Deixa-mmme ir, deixa-me ir. — suplicava o demônio, sua língua bífida o fazia vaiar — Comportarei-me. Retornarei. Juro-o.

Mentiras. Como um ajudante, este era um servente de um demônio Grande Senhor - tal e como havia três facções de anjos, havia três facções de demônios. Os Grandes Senhores sustentavam a maior parte do poder, seguidos pelos Senhores, aos quais eram seguidos pelos mais baixos de todos eles, os ajudantes. Apesar dessa carência de status, estes podiam causar inexprimíveis danos entre os humanos. Não só porque eram demônios, se não também porque eram os ajudantes de luta e se nutriam dos problemas que isto causava a outros.

Quando Lysander sentiu essa presença na terra, já tinha acabado dois matrimônios e tinha convencido um adolescente a começar a fumar e a outro de suicidar-se.

— Execute-o. — ordenou Lysander. O ajudante conhecia as consequências de romper uma lei divina, e ainda assim, escolheu escapar do inferno de todos os modos.

O ajudante começou a lutar outra vez.

— Vão essscutarr a ele quando, obviamente, são maisss fortess e melhorrresss que ele? Obriga vocêss a fazerrr o trabalho sssujo. Não faz nada por si messsmo. Preguiçossso, se pedir minha opinião. Matem-lhe.

— Não perguntamos a você. — disse Lysander.

Ambos os anjos levantaram as mãos e apareceram ardentes espadas nelas.

— Porrrr favorrr. — chiou o demônio — Não. Não o faça.

Eles não vacilaram. Golpearam.

A cabeça escamosa rolou, contudo, os anjos não desmaterializarão suas espadas ainda. Mantiveram as pontas apontando para o corpo imóvel até que este foi consumido pelas chamas. Quando não ficou nada exceto cinzas, voltaram-se para Lysander em busca de instruções.

— Excelente trabalho. — assentiu com satisfação — Melhoraram desde sua última matança e estou orgulhoso de vocês. Mas treinarão com Raphael até novo aviso. — disse.

Raphael era forte, inteligente e um dos melhores rastreadores dos céus.

Raphael não seria distraído por uma Harpia que não tinha esperanças de possuir.

Possuir? Lysander apertou a mandíbula com força. Ele não era um vil demônio. Ele não possuiria nada. Nunca. E quando acabasse com Bianka, ela se alegraria disso. Não haveria mais

jogos, sem mais carreiras a seu redor, lhe acariciando e rindo-se. O apertão de sua mandíbula cessou, mas seus ombros se esticaram. Com decepção? Não podia ser.

Possivelmente, necessitasse uns dias para acalmar-se e aceitá-lo.

Ele a tinha deixado sozinha durante uma semana, o sol se elevou e se pôs além das nuvens. Bianka tinha enlouquecido mais... E mais. E mais. Pior, debilitou-se. As Harpias só podiam comer o que roubavam (ou ganhavam), mas ali não havia maneira de ganhar nem um só bocado. E não, essa não era uma regra que pudesse passar por cima. Era uma maldição. Uma piedosa maldição que sua gente tinha padecido durante anos. Insultantes, como Harpias que eram, os deuses se uniram e tinham decretado que nenhuma Harpia poderia desfrutar de uma comida dada livremente ou que preparassem elas mesmas. Se o faziam, adoeciam terrivelmente. A esperança dos deuses? Sua destruição.

Em troca, simplesmente se tinham assegurado de que as Harpias aprendessem como roubar desde seu nascimento. Para sobreviver, inclusive um anjo pecaria.

Lysander aprenderia isso de primeira mão. Ela se asseguraria disso. Bastardo.

Tinha planejado isso para torturá-la?

Neste lugar, Bianka só tinha pronunciado algo e isso se materializou ante ela. Uma maçã – brilhante, vermelha e succulenta. Um peru ao forno – succulento e cheio. Mas ela não podia comer e isso a estava matando. Nem uma fodida dentada.

Ao princípio, Bianka tinha tentado escapar. Várias vezes. Diferente de Lysander, o Cruel, ela não podia saltar das nuvens. O chão se expandia para qualquer parte para a que caminhasse e permanecia tão duro como o mármore. Tudo o que podia fazer era mover-se de etérea sala a etérea sala, observando os murais com cenas de batalhas. Uma vez, inclusive pensou em espiar a Lysander.

É obvio, ela havia dito “Rocha”, e uma pedra do tamanho perfeito tinha aparecido em sua mão. Ela a tinha jogado, mas a estúpida coisa tinha caído à terra em vez de golpear a ele.

Onde estava? O que estava fazendo? Pensava matá-la dessa maneira, apesar de sua negação anterior? Lenta e dolorosamente? Ao menos as dores da fome a tinham deixado finalmente. Agora era meramente consumida por uma sensação de estremecedor vazio.

Queria apunhalá-lo no momento em que o visse. Então, atearia-lhe fogo. Depois, pulverizaria suas cinzas em um campo onde pastassem montões de animais. Merecia ser sufocado por montões de exalações agradáveis. Certamente, se ele esperasse muito mais, ela seria a única incinerada e pulverizada. Nem sequer podia pensar em beber um copo de água.

Além disso, lutar contra ele não era a maneira de lhe castigar. Disso se deu conta o primeiro dia que esteve ali. Não gostava de ser tocado. Portanto, lhe tocar era a maneira de castigá-lo. E tocá-lo era o que faria. De todas as formas, em todos os lugares. Até que lhe rogasse que se detivesse. Não. Até que lhe rogasse que continuasse.

Faria-lhe isso e então, abandonaria-o.

Caso aguentasse.

Agora mesmo, mal podia sustentar a si mesma. De fato, por que o estava tentando?

— Cama. — murmurou fracamente, e uma larga cama de quatro postes apareceu justo frente a ela. Não tinha dormido desde que estava ali. Pelo geral, acomodava-se nas árvores, mas não teria tido a força para subir inclusive se a nuvem tivesse estado cheia delas. Deitou-se sobre o felpudo colchão, com o suave cobertor de veludo contra sua pele. Dormir. Dormiria um pouquinho.

Finalmente Lysander não pôde suportar mais. Nove dias. Tinha durado os últimos nove dias. Nove dias pensando constantemente na fêmea, perguntando-se o que estava fazendo, o que estava pensando. Se sua pele era tão suave como parecia.

Não podia tolerar mais. Comprovaria como estava isso era tudo, e veria por si mesmo como - e o que - ela estava fazendo. Então, abandonaria-a outra vez. Até que recuperasse o controle. Até que deixasse de pensar nela. Deixar de desejar estar perto dela. Seu treinamento tinha que começar algum dia.

Suas asas se deslizaram acima e abaixo enquanto se elevava a sua nuvem. Seu coração tinha um batimento... Estranho.

Mais rápido que o normal, inclusive chocava contra suas costelas. Também, seu sangue era igual a fogo em suas veias. Não sabia o que estava errado. Os anjos só adoeciam quando eram infectados com o veneno de demônio, e como Lysander não tinha sido mordido por um - nem sequer tinha lutado com nenhum em semanas - sabia que esse não era o problema.

A culpa podia ser, provavelmente, posta na conta de Bianka, pensou franzindo o cenho.

O primeiro que advertiu uma vez dentro foi a comida pulverizada pelo chão. Desde fruta e carnes a bolsas de batatas fritas. Tudo sem tocar, sem abrir.

O cenho se converteu em um franzir, pregou as asas em suas costas e se adiantou. Encontrou Bianka no interior de uma das salas, estendida sobre uma cama. Usava as mesmas roupas que tinha vestido quando a sequestrou - camiseta vermelha e leggings que moldavam perfeitamente suas curvas - mas as botas tinham desaparecido. Seu cabelo estava emaranhado ao seu redor, e sua pele preocupantemente pálida. Ali não havia brilho, nem resplendor nacarado. As olheiras formavam meias-luas sob seus olhos.

Parte dele tinha esperado encontrá-la soltando fumaça - e que se lançasse a por sua cabeça. A outra parte tinha esperado encontrá-la cooperadora. Nenhuma só vez tinha pensado encontrá-la assim.

Ela se revolveu, os lençóis enredando-se a seu redor. Seu cenho fazendo-se mais profundo.

— Hambúrguer. — balbuciou ela.

Um suculento hambúrguer apareceu no chão a poucos metros da cama, com todos os extras - alface, rodela de tomate, molho e queijo - decorando as bordas do prato. A manifestação não lhe surpreendeu. Essa era a beleza dessas casas angélicas. O que queira que desejasse - dentro do razoável, é óbvio - era concedido.

Toda essa comida, e ela não tinha dado nem uma só dentada. Por que a pediria...? Isso não era roubado, deu-se conta, e pela primeira vez em sua infinita existência, estava zangado consigo mesmo. E assustado. Por ela. Odiava a emoção, mas ali estava. Ela não tinha comido nesses últimos nove dias por que não podia. Ela estava morrendo de fome.

Embora a quisesse fora de sua cabeça, fora de sua vida, não tinha querido que sofresse. E, contudo, sofrimento era o que tinha. Insuportável. Agora estava muito fraca para roubar nada. E se ele a obrigasse a comer, vomitaria-o, ferindo-se mais do que já estava. De repente, quis rugir.

— Lâmina. — disse ele, e em uma simples piscada, uma afiada e aguda lâmina descansou em sua mão. Ele se inclinou para o lado da cama. Estava tremendo.

— Fritas. Chocolate batido. — sua voz era suave, apenas audível.

Lysander se cortou um dos pulsos. O sangue emanou instantaneamente de sua ferida e esticou o braço, obrigando cada gota a cair em sua boca. O sangue não era alimento para as Harpias; era medicina. Portanto, seu corpo poderia aceitá-lo. Ele nunca tinha dado antes livremente sangue a outro ser vivo e não estava seguro que gostasse do pensamento de algo seu fluindo no interior das veias dessa mulher. De fato, o pensamento causava realmente que seu coração começasse a golpear de novo contra suas costelas. Mas não havia outra maneira.

Ao princípio, ela não atuou como se o advertisse. Então sua língua emergiu, lambendo o líquido antes que este pudesse alcançar seus lábios. Então, seus olhos se abriram, brilhantes íris âmbar, e lhe agarrou o braço, atraindo-o a sua boca. Seus agudos dentes se afundaram em sua pele enquanto ela sugava.

Outra estranha sensação, pensou. Ter a uma mulher bebendo dele. Havia calor, umidade e uma espetada, contudo, não era desagradável. Em realidade lançava uma pontada de... Algo inexplicável diretamente a seu estômago e entre suas pernas.

— Bebe tudo o que necessitar. — disse a ela. Seu corpo não se esgotaria. Cada gota era substituída no momento em que o abandonava.

Seu olhar fixo se estreitou sobre ele. Quanto mais tragava, mais fúria via depositada ali. Logo seus dedos se apertaram sobre seu pulso, suas unhas cortando profundamente. Se ela esperava algum tipo de reação dele, não a obteria. Tinha vivido muito tempo e tinha aguentado muitas feridas para ser afetado por algo tão mínimo. Exceto por aquela pontada entre suas pernas... O que era isso?

Finalmente, entretanto, ela o liberou. Não estava seguro de se isso o alegrava ou o enchia de decepção.

Alegrava-o, é obvio, disse-se a si mesmo.

Uma gota vermelha fluiu da comissura de sua boca, e ela a lambeu. A visão dessa língua rosada causou que outra pontada o atravessasse.

Definitivamente asque... Uh, nada agradável.

— Você, bastardo. — grunhiu ela através de seus ofegos — Doente, bastardo torturador.

Ele se separou da distância de seu golpe. Não para proteger a si mesmo, se não para proteger a ela. Se lhe atacasse, teria que submetê-la. E se ele a submetesse, possivelmente a machucaria. E acidentalmente se roçaria contra ela. Sangue... Calor...

— Nunca foi minha intenção te fazer dano. — disse ele. E agora, inclusive sua voz estava tremendo. Estranha.

— E isso faz que o que há feito esteja bem? — ela se sentou de repente, todo esse escuro cabelo pulverizando-se ao redor de seus ombros. O brilho perolado estava voltando lentamente para sua pele.

— Deixou-me aqui, incapaz de comer. Morrendo!

— Sei. — essa pele era tão suave como parecia? Tragou — E o sinto muito.

Sua raiva deveria havê-lo enchido de alegria. Como ele tinha esperado, ela já não ria dele, sua face iluminada pela força de sua diversão. Já não o rondaria, acariciando-o. Sim, deveria ter estado exultante. Em vez disso, a decepção que só se negou a experimentar corria através dele.

Decepção mesclada com vergonha.

Era mais tentação do que ele tinha imaginado.

— Sabe? — ofegou ela — Sabe que só posso consumir o que roubo ou ganhar e ainda falhou em deixar as coisas preparadas para mim?

— Sim. — admitiu, odiando a si mesmo pela primeira vez em sua existência.

— O que é mais, abandonou-me aqui. Sem maneira de ir para casa.

Seu assentimento foi seco.

— Fiz, já que é em restituição por te salvar a vida. Mas como disse antes, sinto muito.

— Oh, bom, sente-o. — disse ela, elevando os braços — Isso faz tudo melhor. Faz morrer quase aceitável. — não quis esperar sua réplica. Esperneou saindo da cama e ficou em pé. Agora sua pele estava completamente brilhante — Agora, me escute. Primeiro, vai encontrar uma maneira de me alimentar. Então, vai me dizer como sair desta estúpida nuvem. De outra maneira, farei sua vida um inferno como nunca antes experimentou. Na realidade, farei isso de todos os modos. Dessa maneira, nunca esquecerá o que acontece quando te mete com uma Harpia.

Ele acreditou. Já tinha lhe afetado mais do que ninguém tinha afetado alguma vez. Isso era inferno suficiente. A prova: a boca fazia água por saboreá-la, suas mãos se doíam por tocá-la. Sem revelar esses novos acontecimentos, entretanto, disse:

— Aqui não tem poderes. Como me feriria?

— Não tenho poderes? — riu ela — Eu não acredito assim. — um passo, dois, e se aproximou dele.

Ele manteve sua posição. Não se retiraria. Esta vez não. Afirme sua autoridade.

— Não pode ir a menos que eu lhe permita isso. A nuvem me pertence e antepõe minha vontade à tua. Seria sábia em pedir meu favor.

Ela aspirou com força, fazendo uma pausa.

— Assim, ainda quer me manter aqui para sempre? Inclusive, embora tenha uma boda da que me ocupar? — soava surpreendida.

— Quando te dei a impressão de que quis dizer outra coisa? Além disso, ouvi você dizer a sua irmã que não queria ir à boda.

— Não, o disse foi que não queria ser dama de honra. Mas adoro a minha irmã pequena, assim que o farei. Com um sorriso. — Bianka passou a língua sobre seus retos e brancos dentes — Mas, falemos de você. Você gosta de escutar às escondidas, huh? Isso soa um pouco demoníaco para um anjo bonzinho.

Ao longo dos anos lhe tinham chamado de coisas muito piores que demoníaco. O bonzinho, entretanto... Assim era como o via? Nada mais que como o reto soldado que era?

— Na guerra, faço o que devo para ganhar.

— Deixe que me situe. — seus olhos se entrecerraram quando ela cruzou os braços sobre o peito. A obstinação irradiava dela — Estávamos em guerra antes que te conhecesse?

— Correto.

Uma guerra que ele ganharia. Mas o que faria se falhasse em pô-la sobre o caminho correto? Teria que destruí-la, é óbvio. Mas, para que estivesse legalmente permitido destruí-la, recordou-se, ela tinha que cometer primeiro um pecado imperdoável.

Embora ela tenha vivido um montão de tempo, nunca tinha cruzado essa linha. O que queria dizer que teria que animá-la a fazer algo assim. Mas como? Aqui, longe da civilização - ambas, a mortal e a imortal - ela não poderia liberar um demônio do inferno. Não poderia matar um anjo. Além dele, mas isso nunca aconteceria. Ele era mais forte do que ela.

Ela poderia blasfemar, supôs, mas ele nunca - nunca! - animaria a alguém a fazê-lo, sem importar a razão. Nem sequer para salvar a si mesmo.

A única outra possibilidade era que ela propiciasse a queda de um anjo. Como ela era sua tentação, e como ele era o único anjo que conhecia, era o único ao que ela poderia convencer. E não o faria. De novo, por nenhuma razão. Amava sua vida, sua Deidade, e estava orgulhoso de seu trabalho e de tudo o que tinha obtido.

Possivelmente, simplesmente deixaria Bianka ali, só para o resto da eternidade. Dessa maneira, ela poderia viver, mas sem ser capaz de causar problemas. Ele a visitaria a cada poucas semanas - possivelmente meses - mas nunca permaneceria tanto tempo com ela para que o corrompesse.

Um repentino golpe em sua bochecha lhe girou a cabeça a um lado. Ele franziu o cenho, endireitando-se e esfregando-se agora o ponto picante. Bianka estava exatamente como ele tinha estado antes, frente a ele. Só que agora ela estava sorrindo.

— Você me bateu. — disse, seu assombro era claro.

— Que doce ao te dar conta.

— Por que o tem feito? — para ser honesto, não deveria ter estado surpreso. As Harpias eram tão violentas por natureza como seus colegas desumanos, os demônios. Por que não podia, entretanto, haver-se parecido a um demônio? Por que tinha que ser tão adorável? — Salvei você, dei-te meu sangue. Inclusive te expliquei por que não pode ir, tal como pediu. Não tinha por que fazer nenhuma dessas coisas.

— Realmente precisa repetir seus crimes?

— Não. — não eram crimes! Mas possivelmente era melhor mudar o tema — Permita-me te alimentar. — disse ele. Caminhou para o prato que continha o hambúrguer e o recolheu. O aroma da carne amadurecida chegou ao nariz, e sua boca se curvou com desgosto.

Embora não quisesse fazê-lo, pensando que seu estômago daria um tombo, deu-lhe uma dentada. Queria cuspi-lo, mas se arrumou para tragá-lo. Normalmente, ele só comia fruta, nozes e vegetais.

— Isto, — disse com muito desgosto — é meu. — cuidando-se de não tocá-la, deixou o prato de comida em suas mãos — Não coma isso.

Ao colocar a reclamação verbal, a comida se fazia realmente dela. Ele viu o entendimento iluminar seus olhos.

— Oh, fantástico. — ela não vacilou em atacar o hambúrguer, reduzindo-a a miolos em segundos.

Continuando, provou a vitamina de chocolate. O açúcar era quase obsceno em sua boca e quase se engasgou.

— Meu. — repetiu tenuemente, dando-lhe também a ela — Mas a próxima vez, por favor, pede uma comida mais saudável.

Ela o arrancou das mãos enquanto tragava a vitamina.

— Mais.

Ele evitou as batatas fritas. Não havia maneira de que fosse profanar seu corpo com uma daquelas abominações gordurentas. Encontrou uma maçã, uma pêra, mas teve que requerer um pedaço de brócolis para si mesmo. Depois de reclamá-los, tomou uma dentada de cada um e os entregou. Muito melhor.

Bianka os devorou. Bom, à exceção dos brócolis. Isso lançou a ele.

—Sou carnívora, idiota.

Ela dificilmente tinha que lhe recordar o desagradável sabor do hambúrguer que lhe tinha ficado na boca. De todos os modos, decidiu passar por cima de suas brincadeiras.

— Todo o alimento produzido nesta casa é meu. Meu e só meu. Deixará-o em paz.

— Isso seria fantástico se na realidade eu fosse ficar. — resmungou ela levando as fritas à boca.

Ele suspirou. Ela aceitaria seu destino com prontidão. Tinha que fazê-lo.

Quanto mais ela comia, mais radiante se tornava sua pele. Magnífica, pensou, estendendo a mão antes que pudesse deter-se.

Ela agarrou seus dedos e os retorceu justo antes de tocá-la.

— Não. Eu não gosto, assim não tocará a mercadoria.

Ele experimentou uma aguda dor, mas logo piscou ante ela.

— Minhas desculpas. — disse ele rigidamente.

Graças à Única e Verdadeira Deidade ela o tinha detido. Não havia palavras para descrever o que lhe haveria feito se na realidade a tocasse. Comportar-se como um humano babando por ela? Ele estremeceu.

Ela deu de ombros e o liberou.

— Agora, minha segunda ordem. Deixe-me ir para casa. — quando falou, assumiu uma postura de batalha. Pernas separadas e mãos fechadas em punhos aos lados.

Ele refletiu seus movimentos, negando-se a admitir, inclusive a ele mesmo, que sua valentia esquentou seu traidor sangue outro grau.

— Não pode me ferir, Harpia. Lutar comigo seria insubstancial.

Lentamente seus lábios se curvaram em um diabólico sorriso.

— Quem disse que vou tentar te machucar?

Antes que Lysander pudesse piscar, ela fechou a distância entre eles e se pressionou contra ele, os braços curvados ao redor de seu pescoço e puxando sua cabeça para baixo. Seus lábios se

encontraram e sua língua empurrou em sua boca. Automaticamente, ele ficou rígido. Tinha visto os humanos beijarem-se mais vezes das que podia contar, mas nunca tinha tido muitas vontades de tentar o ato ele mesmo.

Igual ao sexo parecia sujo - em cada maneira imaginável - e desnecessário. Mas quando sua língua rodou contra a sua, quando suas mãos acariciaram um pedaço sob sua coluna, seu corpo ardeu - muito mais do que fez quando simplesmente pensou em estar assim com ela - e o picor que tinha notado antes floresceu uma vez mais. Só que esta vez, esse comichão crescia e se estendia. Igual ao eixo entre suas pernas. Elevando-se... Engrossando...

Tinha querido saboreá-la e agora o fazia. Era deliciosa, igual à maçã que acabava de comer, só que mais doce, mais embriagadora, como seu vinho favorito. Deveria fazer com que se detivesse. Isto era muito. Mas a umidade de sua boca não era absolutamente desagradável. Era eletrizante.

Mais, disse uma pequena voz em sua cabeça.

— Sim. — pigarreou ela, como se ele houvesse dito em voz alta.

Quando ela esfregou a parte inferior de seu corpo contra o seu, cada sensação se intensificou. Suas mãos se fecharam em punhos aos lados. Ele não podia tocá-la. Não deveria tocá-la. Deveria deter isto como ela tinha detido a ele. Quando ele estava tentado convencer-se a si mesmo um gemido escapou dela. Seus dedos se enredaram em seu cabelo. Seu couro cabeludo, uma área que ele nunca antes tinha considerado sensível, doía-lhe, absorvendo cada pontada de atenção. E quando ela se esfregou contra ele outra vez, quase gemeu.

Suas mãos caíram a seu peito e a ponta de um dedo acariciou um de seus mamilos. Ele gemeu; realmente se agarrou a ela. Seus dedos agarraram seus quadris, sustentando-a, ainda inclusive embora ele quisesse obrigá-la a esfregar-se contra ele um pouco mais. A carência de movimento não fez seu beijo mais lento. Ela continuou envolvendo suas línguas, lentamente, como se pudesse beber dele para sempre. E quisesse fazê-lo.

Deveria deter isto, disse-se outra vez a si mesmo.

Sim, sim, deveria. Ele tentou empurrar a língua fora de sua boca. A pressão criou outra sensação, esta nova e mais forte que qualquer outra. Todo seu corpo se sentiu em chamas. Ele começou a empurrar sua língua por uma razão totalmente distinta, as envolvendo juntas, saboreando-a outra vez, lambendo-a e chupando-a.

— Mmm, sim. Essa é a maneira. — elogiou ela.

Sua voz era uma droga, lhe atraindo ao mais profundo, lhe fazendo ansiar mais. Mais, mais, mais. A tentação era muita, e ele tinha...

Tentação.

A palavra ecoou em sua mente, uma palavra bastante aguda para cortar o osso. Ela era uma tentação. Era sua tentação. E estava permitindo lhe conduzir ao desastre.

Ele se soltou dela, e seus braços caíram a seus lados, pesados como rochas. Estava ofegando e suando, coisas que nunca havia feito inclusive no meio da batalha. Zangado como estava - com ela, consigo mesmo - seu olhar fixo bebeu o dela. Sua pele estava ruborizada, mais brilhante que nunca. Seus lábios estavam vermelhos e machucados. E ele tinha causado essa reação. As faíscas de orgulho o pegaram de surpresa.

— Não deveria ter feito isso. — grunhiu.

Ela sorriu lentamente.

— Bom, deveria ter me detido.

— Queria te deter.

— Mas não o fez. — disse, com aquele sorriso crescendo.

Seus dentes se fecharam com força.

— Não volte a fazê-lo.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou em um satisfeito desafio.

— Você me mantém aqui contra minha vontade, e farei isso e mais. Muito, muito mais. De fato... — ela tirou a camiseta pela cabeça e a lançou a um lado, revelando seus peitos cobertos por renda rosa.

Fez-se impossível respirar.

— Quer tocá-los? — perguntou ela com voz rouca, cobrindo-os com suas mãos — Deixarei que o faça. Nem sequer farei que rogue.

Sagrado... Senhor. Eram adoráveis. Cheios e apetitosos. Lambíveis. E se os lambesse, teriam o mesmo sabor que a sua boca? Igual a esse embriagador vinho?

O sangue... Esquentando-se... Outra vez.

Não importava que tipo de covarde o fizesse sua próxima ação. Era saltar da nuvem ou substituir suas mãos pelas suas próprias.

Ele saltou.

CAPÍTULO 4

Lysander deixou Bianka sozinha durante outra semana - Bastardo! - mas não lhe importava. Desta vez não. Tinha bastante com o que manter-se ocupada. Igualmente a seu plano de voltá-lo completamente louco de luxúria. Tão louco que se arrependeria de havê-la sequestrado. Sentiria mantê-la aqui. Lamentaria inclusive estar vivo.

Isso, ou se apaixonaria tanto por ela que morreria de vontade de cumprir cada um de seus desejos. Se esse fosse o caso - e era uma possibilidade total desde que ela estava desmesuradamente quente - convencê-lo-ia a levá-la para sua casa e então finalmente conseguiria lhe estacar no coração.

Perfeito. Fácil. Com seu peito, quase tinha sido muito fácil, na realidade.

Para preparar o cenário de sua queda, ela tinha decorado sua casa igual a um bordel. Veludo vermelho pendurava agora de cada porta - só em caso de que ele estivesse tão enlouquecido de desejo por ela para fazê-lo em uma das camas que agora enfeitavam cada esquina. Retratos nus - dela - estavam pendurados das despojadas paredes. Um estilo de decoração que tinha tirado de sua amiga Anya, que justamente resultava ser a deusa da Anarquia.

Como Lysander tinha prometido Bianka só tinha que pedir o que queria - desde que fosse razoável - para recebê-lo. Aparentemente o mobiliário e as formosas pinturas estavam dentro do razoável. Ela riu em silêncio. Mal podia esperar para lhe ver outra vez. Para finalmente começar. Não teria nenhuma oportunidade. Não só por seu “magnífico” peito branco - Ei, não havia razão para atuar como se não soubesse - se não porque ele não tinha experiência. Ela tinha sido seu primeiro beijo. Sabia além de toda dúvida. Tinha estado rígido ao princípio, inseguro. Vacilante. Até o ponto que não tinha sabido o que fazer com suas mãos.

Isso não o tinha detido, entretanto de desfrutar dela, levando-se tudo em consideração. Seu sabor... Decadente. Pecaminoso. Como um céu fresco e limpo mesclado com turbulentas noites de tormentas. E seu corpo, oh, seu corpo. A absoluta perfeição com duros músculos que queria apertar. E lambe. Ela não era exigente.

Seu cabelo era tão sedoso que teria podido deslizar seus dedos através dele eternamente. Seu pênis tinha estado tão longo e grosso que poderia havê-lo esfregado ela mesma até alcançar o orgasmo. A pele era tão cálida e lisa que teria se apertado contra ele e dormido, justo como tinha sonhado que estava fazendo antes de lhe conhecer. Inclusive embora dormir com um homem fosse um perigoso crime que sua raça nunca tinha compreendido.

Garota estúpida! O anjo não era de confiança, especialmente desde que tinha claramente nefastos planos para ela - embora ele ainda se negasse a lhe dizer exatamente quais eram esses planos. Ensiná-la a atuar igual a ele tinha sido um engano de direção da verdade. Era só muito

absurdo para contemplar. Mas seus planos não importavam, supôs ela, já que ele logo estaria a mercê de sua piedade. Não é que ela tivesse alguma.

Bianka cruzou a passos longos para o armário que ela tinha criado e procurou através da lingerie que havia pendurada ali. Azul, vermelho, preto. Renda, couro, cetim. Vários disfarces: enfermeira travessa, mulher policial corrupta, diabinha, anjo. Qual deveria escolher hoje?

Já pensava com maldade. Possivelmente deveria usar a de renda branca transparente. Igual a uma quente noiva virgem. Oh, sim. Esse seria o primeiro. Ela riu e se vestiu.

— Espelho, por favor. — disse, e um espelho de corpo inteiro apareceu diante dela. O vestido caía até seus tornozelos, mas havia uma abertura entre suas pernas. Uma abertura que se detinha no apêndice das coxas. Que pena que não usasse calcinhas.

As tiras de tecido sustentavam o material em seu lugar, sobre os ombros e desciam afundando-se entre o profundo “v” de seu peito. Seus mamilos, rosados e duros, brincavam do seu esconderijo, como se convidassem: “nos faça seus companheiros de brincadeiras”.

Deixou o cabelo solto, flutuando como veludo negro e caindo por suas costas. Seus olhos dourados brilhavam, salpicados de um cinza finalmente evidente, ao igual aos de Kaia. Suas bochechas estavam ruborizadas iguais a uma rosa, sua pele limpa da maquiagem que normalmente disfarçava seu brilho.

Bianka passou as pontas de seus dedos ao longo de sua clavícula e riu outra vez. Tinha convocado uma ducha e se lavado, tirando todo rastro de maquiagem. Se Lysander antes estava atraído por ela - e o tinha estado, o tamanho de sua dureza era prova disso - agora seria incapaz de resistir. Não estava de outra maneira se não radiante.

A pele de uma Harpia era igual a uma arma. Uma arma sensual. Seu brilho parecido ao de uma jóia atraía aos homens, fazendo-os babar, tolos babões. Tocá-la era em tudo o que podiam pensar, tudo pelo que viviam.

Esta estava envelhecendo ao cabo de um momento, entretanto, o qual era o porquê tinha começado a usar maquiagem em todo o corpo. Para Lysander, entretanto, faria uma exceção. Merecia o que obteria. Depois de tudo, não só havia feito Bianka sofrer. Fazia suas irmãs sofrerem.

Possivelmente.

Kaia estaria procurando por ela? Ainda estaria preocupada ou possivelmente estava pensando que era uma brincadeira como Bianka tinha suposto inicialmente? Kaia teria chamado suas outras irmãs e as garotas agora estavam pondo o mundo de pernas para o ar procurando-a, como elas fizeram quando Gwennie tinha desaparecido?

Provavelmente não, pensou com um suspiro. Conheciam-na, sabiam de sua força e determinação. Se suspeitassem que tivesse sido raptada, confiariam em sua habilidade para liberar-se ela mesma. Contudo.

Lysander era um idiota.

E mais provavelmente, virgem. Impaciente, excitada, esfregou as mãos. A maior parte dos homens beijava as mulheres com as que se deitavam. E se ela tinha sido seu primeiro beijo, bom, isto dava pé a pensar que nunca se deitou com ninguém. Sua impaciência se desvaneceu um pouco. Isso lhe levava a pergunta principal, por que não se deitou com ninguém?

Era um jovem imortal? Não tinha encontrado a ninguém que desejasse? Os anjos não experimentavam frequentemente a necessidade sexual? Ela não sabia muito a respeito deles. Bem, não sabia nada a respeito deles. Consideravam que o sexo era errado? Possivelmente. Isso também podia explicar por que não a havia tocado.

Certo, isso tinha muito mais sentido de que ele simplesmente não tivesse experimentado a necessidade sexual antes.

Entretanto ele tinha experimentado definitivamente durante seu beijo. Ela voltou a esfregar as mãos.

— O que está usando? Ou melhor, ainda, o que não usa?

Com o coração parando em seco, Bianka girou. Como se seus pensamentos o tivessem convocado, Lysander permanecia de pé na entrada da sala. A névoa o envolvia e por um momento temeu que não fosse mais que uma fantasia.

— E bem? — exigiu.

Em suas fantasias, não estaria zangado. Permaneceria vencido de desejo. Assim... Se encontrava aqui e era real. E estava olhando atentamente a seu peito com boquiaberto assombro.

O assombro era melhor que a cólera. Ela quase sorriu abertamente.

— Você gosta? — perguntou, alisando as palmas sobre seus quadris. Deixemos que o jogo comece.

— Eu... Eu...

— Eu gosto. — terminou ela por ele. Com a quantidade de verdade que sempre bordeava sua voz, provavelmente não poderia pronunciar nenhuma só mentira.

— Sua pele... É diferente. Quero dizer, antes vi o tom perolado, mas agora... Isto é...

— Assombroso. — girou, seu vestido dançando em seus tornozelos — Sei.

— Sabe? — sua língua remontou seus dentes quando a cólera que tinha suscitado ao princípio vidrou seus traços — Cubra-se. — Lhe ladrrou.

Um momento depois, uma capa branca a cobria dos ombros aos pés.

Ela franziu o cenho.

— Devolva-me minha camisola. — a capa desapareceu, deixando-a com a renda branca — Tente isso outra vez — Lhe disse — e andarei nua. Já sabe, como nos retratos.

— Retratos? — franzindo o cenho, jogou uma olhada à sala. Quando se topou com um dos quadros dela, sem roupa, reclinada contra uma gigantesca rocha chapeada, ofegou por ar.

Exatamente a reação que tinha esperado.

— Espero que não te importe, mas converti esta pequena nuvem pitoresca em um ninho de amor de modo que me sinta mais em casa. E outra vez, se tirar algo, meu desenho será mil vezes pior.

— O que está tentando me fazer? — grunhiu, enfrentando-a. Seus olhos entrecerrados, seus lábios comprimidos, os dentes apertados.

Bateu seus cílios para ele, com total inocência.

— Temo que não saiba o que quer dizer.

— Bianka.

Isso era uma advertência, sabia, mas não lhe deu atenção.

— Acredito que é meu turno de fazer as perguntas. Assim, aonde vai quando me deixa?

— Não é de sua incumbência.

Estava ofegando um pouco?

— Veremos se posso torná-lo de minha incumbência, verdade? — passeou até a cama e se deixou cair sobre a borda. Como a travessa e desavergonhada moça que era, estendeu suas pernas, lhe dando uma olhada momentânea — Por cada pergunta que responda, vestirei algo. — disse com uma voz doce — Feito?

Ele deu a volta, mas não antes que ela visse a surpresa e o desejo brincando sobre sua magnífica face.

— Faça meu trabalho. Vigiar as portas do Inferno. Caçar e matar os demônios que escaparam. Repartir o castigo a aqueles que o necessitam. Cuido dos humanos. Agora, se cubra.

— Não disse que seria roupa, não, não o fiz, verdade? — deu-se a si mesma um olhar — Um sapato, por favor. De pele branca, salto alto, de dedinho. Fechado com pele. — o sapato se materializou em sua pele e ela riu — Perfeito.

— Uma estelionatária. — murmurou Lysander — Deveria havê-lo sabido.

— Como te enganei? Pediu especificações? Não, por que secretamente esperava que não me cobrisse absolutamente.

— Isso não é verdade. — disse ele, mas pela primeira vez, ela não ouviu o fio de honestidade em sua voz. Interessante. Quando mentia, ou possivelmente quando não estava certo do que estava dizendo, seu tom era tão normal como o seu.

Isso queria dizer que ela sempre saberia quando mentia. As coisas podiam ficar melhores que isto? Ia ser inclusive mais fácil do que tinha antecipado.

— Pergunta seguinte. Pensa em mim quando vai embora?

Silêncio. Espesso. Pesado.

Espera. Ela podia lhe ouvir respirar. Dentro, fora, com dureza, tragando. Estava ofegando.

— Tomarei isso como um sim. — disse, sorrindo abertamente — Mas já que não me respondeu realmente, não tenho por que acrescentar o outro sapato.

Outra vez, não replicou. Felizmente, tampouco se foi.

— Para frente e para cima. Os anjos estão autorizados a tirar folga?

— Sim, mas poucas vezes o querem fazer. — pigarreou.

Assim que ela tinha tido razão. Não tinha conhecimento de primeira mão sobre o desejo. O que estava sentindo agora tinha que ser confuso para ele, então. Esse era o motivo pelo que havia a trazido aqui? Por que a tinha visto e a queria, mas não sabia como dirigir o que estava sentindo? O pensamento era quase... Adulador. Em uma maneira radical, é obvio. Entretanto, isso não mudava seus planos. Seduziria-o e então lhe partiria o coração em dois. Um gesto simbólico, realmente. Uma brincadeira interna entre eles. Bom, para si mesma. Para ele possivelmente nem tanto.

Contudo, não podia negar que gostava da ideia de ser sua primeira. Nenhuma mulher depois dela se compararia a ela, é obvio, mas como - Ei espere. Uma vez que ele provasse a sorte da carne, queria mais. Bianka o evitaria e o apunhalaria - e ele teria se recuperado porque era um imortal - então. Ele poderia ir a alguma outra fêmea que desejasse. Beijaria e acariciaria a essa mulher.

— Estou esperando. — interrompeu ele.

— Para? — recuperou-se. Suas mãos estavam apertadas, suas unhas lhe cortando as palmas. Ele poderia estar com qualquer uma; isso não lhe importava. Eram inimigos. Alguns podiam pactuar com tendências Neandertais. Mas deuses, ela possivelmente só matasse à próxima mulher que esquentasse sua cama por rancor. Não por ciúmes.

— Respondi uma de suas perguntas. Deveria acrescentar um objeto a seu corpo. As calcinhas seriam perfeitas.

Suspirou.

— Eu gostaria que aparecesse o outro sapato, por favor. — um momento depois, seu outro pé estava coberto — Voltemos para os negócios. Voltou para que te beije de novo?

— Não!

— Que desperdício. Queria te saborear outra vez. Desejaria te tocar outra vez. Possivelmente deixar que me toque desta vez. Estive dolorida por você desde que me deixou. Tive que me levar ao clímax duas vezes só para aplacar a febre. Mas não se preocupe, imaginei que foi você. Imaginei te despindo, te lambendo, te sugando com minha boca. Mmm. Estou tão...

— Basta! — grasnou ele, girando para encará-la — Pare.

Seus olhos, os quais tinha pensado uma vez que eram negros e sem emoção, estavam agora brilhantes como um céu matutino, suas pupilas cheias com a intensidade de seu desejo. Mas mais que aferrar seu pescoço, agarrá-la e esmagar seu corpo no seu, lhe estendeu a mão, os dedos estendidos. Uma espada feroz se formou do ar, chamas amarelo-douradas piscando ao redor dela.

— Pare. — ordenou de novo — Não quero te machucar, mas o farei se insistir com esta insensatez.

A borda da verdade tinha voltado para seu tom.

Longe de intimidá-la, seu poderio a excitou. *Pensei que você não gostava das tendências Neandertais.*

Oh, cale-se.

Bianka se inclinou para trás, descansando seu peso contra seus cotovelos.

— O Lysy gosta de jogar duro? Deveria usar couro negro? Ou este é um jogo de “policial mal, criminosa peralta”? Deveria me despir para que me reviste?

Ele deslizou para a borda da cama, suas grossas pernas encaixotando as menores, pressionando juntos seus joelhos. Estava duro como uma rocha, sua capa avultada para frente. Essas chamas douradas ainda titilavam ao redor da espada que destacava tanto a luz como as sombras sobre seu rosto, conferindo a ele uma auréola ameaçadora.

Neste mesmo momento, ele era tanto anjo como demônio. Uma mescla de bem e mau. Salvador e verdugo.

Suas asas revoaram desesperadamente, abertas para a batalha - inclusive quando sua pele ardia pelo prazer. Ela poderia cruzar a sala antes que ele se movesse sequer uma fração de polegada. Contudo. Tinha problemas para conter a respiração. Era igual a gelo em seus pulmões. E ainda seu sangue estava tão quente como sua espada. Esta mescla de emoções era estranha.

— Você é pior do que esperei. — grunhiu ela.

Se isto progredisse da maneira como esperava, ele estaria muito feliz sobre isso um dia. Mas disse:

— Então me deixe ir. Nunca me verá outra vez.

— E isso te purgará de minha mente? Isso deterá a ação de me questionar e a ansiedade? Não, isso só os fará piores. Você dará a outros, os beijará da maneira como me beijou, te esfregando contra eles como te esfregou contra mim, e eu quererei matá-los quando eles não haverão feito nada de mau.

Que confissão! Pensava que seu sangue estava quente antes...

— Então, me tome. — sugeriu com voz rouca. Passou a língua pelos lábios, lenta e premeditadamente. Seu olhar a seguiu — Será muuuuuuito bom, prometo-lhe isso.

— E se descobrir que é capaz de ser tão suave e úmida como parece? Passar o resto da eternidade na cama contigo, escravizado a seu corpo? Não, isso também só tornaria pior minha ansiedade.

Oh, anjo. Nunca deveria havê-lo admitido. Escravizado a seu corpo? Se esse era seu temor, ele estava mais que ansiando-a. Estava caindo. Com força. E agora que sabia quanto a desejava... O dele estava ao mesmo tempo em que o seu.

— Se for me matar, — disse, girando a ponta de um dedo ao redor de seu umbigo — me mate com prazer.

Ele deixou de respirar.

Ela se sentou, cortando a distância entre eles. De todos os modos não a golpeou. Aplanou as palmas sobre seu peito. Seus mamilos estavam tão duros como os seus. Ele fechou os olhos, como se a visão dela, lhe olhando através das espessas pestanas, fosse muito para suportar.

— Contarei um pequeno segredo a você. — sussurrou — Sou mais suave e úmida do que pareço.

Isso foi um gemido?

E se fosse assim, tinha vindo dele? Ou dela? Tocar-lhe assim também estava afetando a ela. Toda esta força nas pontas de seus dedos era embriagadora. Saber que este maravilhoso guerreiro a desejava - a ela, e não a outra - era inclusive mais embriagador. Mas saber que era a primeira que o tentava e tão fortemente, era o último afrodisíaco.

— Bianka.

Oh, sim. Um gemido.

— Mas se quiser, podemos mentir o um ao outro. — disse a aranha à mosca — Não temos que nos tocar. Não temos que nos beijar. Estenderemo-nos aqui e pensaremos em todas as coisas que nos desgostam um do outro e possivelmente construamos uma imunidade. Talvez deixemos de querer nos tocar e nos beijar.

Nunca havia dito uma mentira tão visível e havia dito enormes mentiras ao longo dos séculos. Parte dela esperava que a reclamasse. A outra parte dela esperava que ele se agarrasse à estúpida sugestão como uma bóia salva-vidas. Usar isso como uma desculpa para obter finalmente o que queria. Por que se o fizesse, simplesmente se estenderia perto dela, uma tentação conduziria a outra. Não pensaria nas coisas que lhe desgostavam dela - pensaria nas coisas que poderia estar fazendo a seu corpo.

Ele sentiria seu calor, cheiraria seu despertar. Queria – necessitaria - mais dela. E estaria ali, esperta e disposta a dar-lhe. Agarrou-lhe a túnica e puxou-o com cuidado para si.

— Vale a pena tentá-lo, não acredita? Qualquer intento merece a pena para deter esta loucura.

Quando estiveram nariz com nariz, sua respiração se verteu sobre seu rosto, seu olhar se situou rapidamente sobre seus lábios, ela começou a estender-se para trás. Ele a seguiu, sem oferecer resistência.

— Quer saber uma das coisas que me desgostam em você? — perguntou brandamente — Já sabe, para nos ajudar a começar.

Ele assentiu, como se estivesse muito enfeitiçado para falar.

Ela decidiu empurrar um pouco mais rápido do que o esperado. Já parecia estar preparado para mais.

— Que você não está sobre mim. — só um pouco mais de persuasão e estaria preparado para sentença. Só um pouco... — Quão assombroso se sentiria estar mais perto?

— Lysander. — chamou de repente uma familiar voz feminina — Está aí?

Quem demônios? Bianka franziu o cenho.

Lysander se endireitou, afastando-se de repente como se acabassem de lhe brotar chifres. Distanciou-se, retirando-se completamente dela. Mas estava tremendo e não de cólera.

— Ignora-a. — disse ela — Temos coisas mais importantes para fazer.

— Lysander? — chamou de novo a mulher.

Maldita fosse, quem quer que fosse!

Sua expressão se esclareceu, derretendo o aço.

— Nenhuma palavra mais de você. — ladrou ele, afastando-se — Tentou me atrair à cama contigo. Não acredito que queria me fazer te ter aversão absolutamente. Acredito que queria... — um lento grunhido explodiu de sua garganta — Não tentará tal coisa comigo nunca mais. Se o fizer, finalmente separarei sua cabeça do corpo.

Bom, esta batalha estava claramente acabada. Entretanto, não era uma rendição, tentaria uma estratégia diferente.

— Assim, vai me deixar outra vez? Covarde! Bem, vá em frente. Deixe-me necessitada e aborrecida. Mas sabe o que? Quando estou aborrecida, acontecem coisas más. E a próxima vez que vier aqui, possivelmente somente me lance sobre você. Minhas mãos estarão sobre você todo. Não será capaz de me desprezar outra vez!

— Lysander. — chamou de novo a garota.

Ele apertou os dentes.

— Volte para sua nuvem. — falou por cima de seu ombro — Encontrarei-me contigo ali.

la encontrar-se com outra garota? Em sua nuvem? Sozinho, em privado? Oh, infernos, não. Bianka não o tinha trabalhado tão freneticamente para que alguém mais pudesse colher a recompensa.

Antes que ela pudesse lhe informar disso, entretanto, ele disse:

— Dê a Bianka o que quiser. — aparentemente falava com a nuvem — Qualquer coisa, exceto escapar e mais dessas... Coisas. — seu olhar se intensificou sobre ela — Isso deveria lhe manter separada do aborrecimento. Mas a isto só se acessa a condição de que guarde as mãos para você mesma.

Tudo o que quisesse? Não se permitiu sorrir, a garota omitiu, de fato, esta vitória.

— Feito.

— E assim será. — disse, então deu meia volta e saiu a passos longos da sala. Suas asas se estenderam rapidamente e desapareceu antes que pudesse segui-lo. Mas de novo, não havia necessidade de lhe seguir. Agora não.

Não tinha ideia de que acabava de assegurar sua própria queda. Qualquer coisa que quisesse, havia dito.

Riu. Não tinha que tocar a ele ou usar lingerie para ganhar sua próxima batalha. Só necessitava sua volta.

Porque então, se converteria em seu prisioneiro.

CAPÍTULO 5

Quase tinha se rendido.

Lysander não podia acreditar quão rápido quase se deu por vencido com Bianka. Um olhar sedutor de sua parte, um convite, e ele esquecia seu propósito. Era vergonhoso. E ainda assim, não era vergonha o que sentia. Era algo mais que essa estranha decepção, decepção por ter sido interrompido!

De pé ante Bianca, respirando sua enfeitada essência e sentindo o calor de seu corpo, em tudo o que podia pensar era no decadente sabor dela. Tinha querido mais. Tinha querido finalmente tocar sua pele. Uma pele que resplandecia de saúde, refletindo todos aqueles fragmentos do arco íris. Ela o tinha desejado também, estava seguro. Quanto mais ela se excitava, mais brilhantes resplandeciam as cores.

A menos que aquilo tivesse sido um truque. O que sabia, realmente, de mulheres e desejo?

Ela era pior que um demônio, pensou. Tinha sabido exatamente como encantá-lo. Sua imagem nua quase o tinha posto de joelhos. Nunca tinha visto nada tão adorável. Seus peitos altos e cheios. O abdômen, plano. Seu umbigo, perfeitamente fundo. Suas coxas firmes e lisas. Logo, lhe pedindo que se deitasse junto a ela e pensasse no que lhe desgostava dela... Ambas as coisas tinham sido tentações e, ambas, irresistíveis.

Sabia que sua determinação estava desmoronando e tinha querido reconstruí-la. E que melhor forma de fazê-lo que sopesar todas as coisas que não gostava sobre a mulher? Mas se tinha que deitar-se junto a ela, não teria nenhum pensamento sobre o que lhe desgostava, coisas que não parecia poder recordar então nem agora. Podia haver inclusive pensado no que gostava sobre ela.

Ela era brilhante. Era-o.

Nunca tinha desejado a um demônio. Nunca lhe tinha gostado, secretamente, o mau comportamento. Ainda assim, Bianka o excitava de uma forma que não podia ter previsto. Assim, o que era que mais gostava dela neste momento? Que estava disposta a fazer algo, a dizer algo para tentá-lo. Ele gostava que não tivesse inibições. Gostava que lhe olhasse com desejo naqueles formosos olhos.

Como o olharia se ele a beijasse? Se beijasse algo mais que sua boca? Como o olharia se a tocasse? Se acariciasse sua pele? De repente, encontrou a si mesmo querendo observar aos mortais e imortais mais intensamente, avaliando as reações de uns para os outros. Homens e mulheres, o desejo ante o desejo.

Só pensar em fazê-lo ocasionou que seu corpo reagisse da forma como havia feito com Bianka. Endurecendo-se, apertando-se. Queimando, ansiando. Seus olhos aumentaram. Isso tampouco tinha acontecido antes. Estava lhe deixando ganhar, quando tinha posto distância entre eles. Estava deixando que sua única tentação o destruísse, pouco a pouco.

Tinha que fazer algo com Bianka, já que seu plano atual estava claramente falhando.

— Lysander?

A voz de sua encarregada o tirou de suas escuras meditações.

— Sim, querida?

A cabeça de Olivia estava inclinada para um lado, com seus dourados cachos ricocheteando. Estavam dentro da nuvem dela, com flores de todo tipo pulverizadas pelo chão, sobre as paredes, inclusive caíam do teto.

Os olhos dela, tão azuis como o céu, contemplaram-no intensamente.

— Não estava me escutando, verdade?

— Não. — admitiu. A verdade, sempre tinha sido sua companheira mais querida. Isso não ia mudar agora — Minhas desculpas.

— Está perdoado. — disse ela com um sorriso tão doce como suas flores.

Com ela, era fácil assim. Sempre. Não importava quão grande ou pequeno que fosse o crime, Olivia não podia guardar rancor. Talvez por isso fosse tão entesourada entre sua gente. Todos a queriam.

O que os outros anjos pensariam de Bianka?

Sem dúvida, horrorizariam-se dela. Ele estava horrorizado.

Pensei que não iria mentir. Nem sequer a você mesmo. Franziu o cenho. Diferente da indulgente Olivia, suspeitava que Bianka guardaria rancor durante toda uma vida, e de alguma forma, levaria esse rancor até além da tumba.

Por alguma razão, seu cenho desapareceu e seus lábios tremeram ante a idéia. Por que aquilo o divertia? O rancor nascia da raiva, e a raiva era algo feio. Exceto, talvez, em Bianka. Ela explodiria com a mesma quantidade de implacável paixão que possuía no dormitório? Provavelmente. Queria ser beijada ainda cheia de raiva?

A idéia de beijá-la até que ela ficasse feliz de novo não o alegrava.

Usualmente, lutava com a ira de outras pessoas da mesma forma em que dirigia todo o resto. Com total indiferença. Não era seu trabalho fazer com que as pessoas se sentissem de determinada forma. Eles eram responsáveis por suas próprias emoções, justo como ele era responsável pelas suas. Não é que experimentasse muitas. Ao longo dos anos, simplesmente tinha visto muito para incomodar-se. Até Bianka.

— Lysander?

A voz de Olivia o tirou uma vez mais de sua mente. Apertou os punhos. Tinha prendido Bianka longe, e, ainda assim, ela dava um jeito de mudá-lo. Oh, sim. Seu atual plano estava falhando.

Por que não podia ter desejado alguém como a doce Olivia? Isso haveria feito sua interminável vida muito mais fácil. Como havia dito a Bianka, o desejo não estava proibido, mas não muitos de sua espécie o tinham experimentado alguma vez: só aqueles que tinham querido a outros anjos e, frequentemente, casavam-se com seu companheiro escolhido. Exceto nos livros de histórias, nunca tinha escutado que um anjo se vinculasse com alguém de uma raça diferente, muito menos com um demônio.

— Aí vai de novo. — disse Olivia.

Ele piscou, os punhos fechados e muito apertados.

— De novo, peço desculpas. Serei mais diligente o resto de nossa conversa. — se asseguraria disso.

Dirigiu-lhe outro sorriso, embora esta carecesse de sua costumeira facilidade.

— Só te perguntei o que está te incomodando. — envolveu as asas ao seu redor e tocou as plumas, evitando cuidadosamente os fios de ouro — Está muito diferente, não é o mesmo.

Então já eram dois. Algo estava incomodando a ela; a tristeza nunca tinha estado antes em sua voz, ainda assim, agora estava. Determinado a ajudá-la, materializou duas cadeiras, uma para ele e outra para ela, e se sentaram um frente ao outro. A túnica dela ondeou a seu redor ao tempo que liberava suas asas e entrelaçava os dedos sobre seu colo. Inclinando-se para frente, ele descansou seu peso sobre os cotovelos.

— Falemos de você primeiro. Como vai sua missão? — perguntou.

A causa só podia ser essa. Olivia encontrava alegria em todas as coisas. Por isso era tão boa em seu trabalho. Ou mas bem, seu anterior trabalho. Por causa dele, agora era algo que não queria ser. Um anjo guerreiro. Mas tinha sido para melhor, e ele não se arrependia da decisão de ter mudado sua posição. Como ele, ela tinha estado muito fascinada por alguém que não devia.

Era melhor terminar com isso agora, antes que a fascinação a arruinasse.

Ela umedeceu os lábios e apartou o olhar dele.

— Isso é de fato, pelo que queria te falar. — um tremor a sacudiu — Não acredito que possa fazê-lo, Lysander. — as palavras emergiram como um torturado sussurro — Não acredito que possa matar Aeron.

— Por quê? — perguntou, apesar de saber o que ela diria.

Mas ao contrário de Bianka, Aeron tinha quebrado uma lei celestial, por isso não poderia ser preso e conduzido para o caminho correto.

Se Olivia falhasse em destruir ao homem possuído pelo demônio, outro anjo seria atribuído para fazê-lo, e Olivia seria castigada por haver-se recusado. Seria expulsa dos céus, despojada de sua imortalidade e suas asas arrancadas das costas.

— Ele de fato não machucou ninguém desde que seu sangue foi maldito. — disse ela, e ele escutou a súplica adjacente.

— Ele ajudou um dos capangas de Lúcifer a escapar do inferno.

— O nome dela é Legião. E sim, Aeron fez isso. Mas ele assegura que o pequeno demônio se mantém afastado da maioria dos humanos. Aqueles com os que ela interage, tratam-na com bondade. Bom, sua versão da bondade.

— Isso não muda o fato de que Aeron ajudou à criatura a escapar.

Os ombros de Olivia se afundaram, embora não parecesse absolutamente derrotada. A determinação brilhava em seus olhos.

— Já sei. Mas ele é tão... Agradável.

Lysander ladrou uma gargalhada. Simplesmente, não pôde evitá-lo.

— Estamos falando de um Senhor do Submundo, verdade? Um cujo corpo inteiro está tatuado com imagens violentas e não menos que sangrentas. Esse é ao que você chama amável?

— Nem todas as gravuras são violentas. — murmurou ela, ofendida por alguma razão — Duas delas são mariposas.

Que ela tivesse encontrado as mariposas no meio das caras dos esqueletos que decoravam o corpo do homem, significava que o tinha estudado atentamente. Lysander suspirou.

— Você... Sentiu algo por ele? Fisicamente?

— O que quer dizer? — perguntou, mas a cor rosa floresceu em suas bochechas.

Havia sentido então.

— Não importa. — ele passou uma mão por sua face de repente cansada — Você gosta de sua casa, Olivia?

Ela empalideceu ante aquilo, como se soubesse aonde ele queria chegar.

— É óbvio.

— Você gosta de suas asas? Você gosta da ausência de dor, sem importar o dano sofrido? Você gosta da túnica que usa? Uma que se auto-limpa e a você também?

— Sim. — replicou ela brandamente. Baixou o olhar para suas mãos — Sabe que sim.

— E sabe que vai perder tudo isso e mais se falhar em cumprir com seu dever. — as palavras eram duras, dirigidas tanto para ele como para ela.

Lágrimas brotaram de seus olhos.

— Só esperava que pudesse convencer ao conselho para retirar sua ordem de executá-lo.

— Nem sequer tratarei de fazer. — *seja honesto*, recordou-se a si mesmo. Tinha que ser honesto. Ele o preferia. Ou tinha que preferi-lo — As regras existem por uma razão, se estivermos de acordo com essa razão ou não. Estive aqui durante muito tempo, vi o mundo, o nosso, o seu, sumir na escuridão e o caos. E sabe o que? Essa escuridão e esse caos sempre se pulverizam a partir de uma regra quebrada. Só uma. Porque quando uma é quebrada, outras logo a seguem. Logo outras. Converte-se em um círculo vicioso.

Passou um momento enquanto ela absorvia suas palavras. Logo suspirou, assentiu.

— Muito bem. — as palavras de aceitação foram pronunciadas em um tom que era tudo, menos isso.

— Cumprirá com seu dever?

O que realmente estava perguntando era: Assassinará Aeron, o guardião da Ira, queira ou não? Lysander não estava pedindo mais dela do que exigiu a si mesmo. Não estava pedindo algo que ele não faria por si mesmo.

Outro assentimento. Uma lágrima deslizou por sua bochecha.

Ele estendeu a mão e capturou a brilhante gota com a ponta de seu dedo.

— Sua compaixão é admirável, mas te destruirá se permitir que tenha muito poder sobre você.

Ela desprezou a predição. Talvez porque não acreditasse, ou talvez porque acreditava nela, mas não tinha planos de mudar e, portanto, não queria discutir mais.

— Assim, quem era a mulher de sua casa? A dos porta-retratos?

Ele... ruborizou? Sim, esse era o calor pulverizando-se por suas bochechas.

— Minha...

Como poderia lhe explicar o que Bianka era? Como poderia fazê-lo sem mentir?

— Amante? — terminou ela por ele.

Suas bochechas avermelharam com mais daquele calor.

— Não. — talvez — Não! Ela é minha prisioneira. — aí estava. Sincero sem dar nenhum detalhe — E agora, — disse ficando de pé. Se ela podia pôr fim a um tema, ele também — devo retornar para ela antes que cause mais problemas.

Ele devia lutar com ela. De uma vez por todas.

Olivia permaneceu no lugar muito depois de que Lysander se fosse. Esse homem ruborizado, inseguro e distraído, realmente era seu mentor? Tinha-o conhecido durante séculos, e ele sempre tinha sido imperturbável. Inclusive no calor da batalha.

A mulher era a responsável, estava segura. Lysander nunca antes tinha mantido a uma em sua nuvem. Sentia por ela o que Olivia sentia por Aeron?

Aeron.

Só pensar em seu nome enviava um calafrio por sua espinha, enchendo-a com a necessidade de vê-lo. E assim, ficou de pé, com suas asas estendidas.

— Desejo ir. — disse, e o chão se suavizou, convertendo-se em névoa.

Caiu, suas asas batendo graciosamente. Era cuidadosa em evitar o contato visual com os outros anjos que voavam através do céu enquanto se dirigia a Budapeste. Sabiam qual era seu destino; inclusive sabiam o que ela fazia ali.

Alguns a observavam com lástima, outros com preocupação, como Lysander fazia. Alguns a olhavam com antipatia. Evitando seus olhares, assegurava-se de que nenhum a detivesse e

tratasse de fazê-la entrar em razão. Assegurou-se de que não tivesse que mentir. Algo que odiava fazer. As mentiras tinham um sabor desagradavelmente amargo.

Há muito tempo, durante seu treinamento, Lysander tinha ordenado a ela dizer uma mentira. Nunca esqueceria o vil ácido que alagou sua boca no momento em que obedeceu. Nunca queria voltar a experimentar algo assim. Mas, para estar com Aeron... Talvez.

Sua escura e ameaçadora fortaleza estava situada no alto de uma montanha e finalmente entrou em sua visão. Seu ritmo cardíaco se incrementou exponencialmente. Como existia em outro plano, era capaz de deslizar-se através das paredes de pedra como se não estivessem aí. Logo, esteve de pé dentro do quarto de Aeron.

Ele estava polindo uma arma. Sua pequena amiga demônio, Legião, aquela a que tinha ajudado a escapar do inferno, passeava-se e balançava ao redor dele, girando com uma jibóia rosada.

— Dança comigo. — suplicou a criatura.

Isso era dançar? Essa classe de movimentos que os humanos faziam como se estivessem morrendo?

— Não posso. Tenho que patrulhar o povoado esta noite, em busca dos Caçadores.

Caçadores, inimigos jurados dos Senhores. Esperavam encontrar a caixa de Pandora e expulsar os demônios fora dos guerreiros imortais, matando a cada homem. Os Senhores, por sua vez, esperavam encontrar a caixa de Pandora e destruí-la, da mesma forma que esperavam destruir aos Caçadores.

— Eu odiar Caçadoressss, — disse Legião — mas neecessitamoss praticar para as bodas de Dúvidaaa.

— Não dançarei nas bodas de Sabin, portanto, praticar não é necessário.

Legião se deteve, franzindo o cenho.

— Mas nós dançaremos nas bodas. Como um casal. — ela estava... Fazendo biquinho? — Por favooor. Nós aiiiinda temos tempo para praticar. A escuridão não virá em horaaas.

— Assim que terminar de limpar minhas armas, tenho que levar um recado para Paris.

Paris, como Olivia sabia, era o guardião da Promiscuidade e tinha que levar a cama uma nova mulher cada dia ou se debilitaria e morreria. Mas Paris estava deprimido e não estava cuidando apropriadamente de si mesmo, assim Aeron, que se sentia responsável pelo guerreiro, conseguia mulheres para ele.

— Dançaremos outro dia, prometo-o. — Aeron não levantou o olhar de sua tarefa — Mas o faremos aqui, na privacidade de meu quarto.

Eu também quero dançar com ele, pensou Olivia. Como seria, pressionar seu corpo contra o de alguém mais? Alguém forte, quente e pecaminosamente formoso?

— Mas, Aeron...

— Sinto muito, carinho. Faço estas coisas porque são necessárias para te manter a salvo.

Olivia dobrou as asas em suas costas. Aeron precisava tomar tempo para si mesmo. Estava sempre em movimento, lutando contra os Caçadores, viajando pelo mundo em busca da caixa de Pandora e ajudando a seus amigos. Pelo muito que o observava, sabia que rara vez descansava e nunca fazia nada pelo simples prazer de fazê-lo.

Estendeu a mão, passando-a como se fosse um fantasma através do cabelo de Aeron. Mas, repentinamente, a dentuça criatura gritou: “*Não, não, não*”, claramente sentindo a presença de Olivia. Em uma piscada, Legião tinha ido.

Girando, Aeron grunhiu pela garganta.

— Disse a você que não retornasse.

Embora ele não pudesse ver Olivia, também parecia saber sempre quando ela chegava. E a odiava por assustar a sua amiga. Mas não podia evitá-lo. Os anjos eram assassinos de demônios e o capanga devia sentir a ameaça nela.

— Vá embora. — ordenou ele.

— Não. — replicou ela.

Mas ele não podia escutá-la.

Ele colocou a trava de sua arma e a depositou ao lado da cama. Franzindo o cenho, ficou de pé. Seus olhos violetas se entrecerraram ao tempo que procurava no dormitório alguma pista dela. Tristemente, era uma pista que nunca encontraria.

Olivia o estudou. Seu cabelo estava cortado até o couro cabeludo, pequenas puas escuras apenas visíveis. Era tão alto que a fazia parecer pequena, seus ombros eram tão amplos que poderiam havê-la envolvido. Com as tatuagens decorando sua pele, era a criatura mais feroz que tivesse contemplado jamais. Possivelmente por isso, tinha-a atraído tão intensamente. Era perigo e paixão, disposto a fazer qualquer coisa para salvar a aqueles aos que amava.

A maioria dos imortais punham suas próprias necessidades sobre as de outros. Aeron punha as de outros por cima das suas. O que ele fazia nunca deixava de surpreendê-la. E se supunha que ela o ia destruir? Supunha-se que ia acabar com a vida dele?

— Disseram-me que você é um anjo. — disse ele.

Como tinha sabido isso? O demônio, precaveu-se ela. Legião podia não ser capaz de vê-la tampouco, mas tal como ela se deu conta, o pequeno demônio reconhecia o perigo quando o encontrava. Além disso, cada vez que Legião o deixava, retornava ao Inferno. As abrasadoras paredes podiam não confiná-la mais, mas lhe davam a boa-vinda cada vez que ela desejasse. A falta de êxito de Olivia devia ser uma grande fonte de diversão para os habitantes dessa região.

— Se é um anjo, deveria saber que isso não me impedirá de te matar se te atrever a ferir Legião.

Uma vez mais, estava pensando no bem-estar de outro em lugar do seu próprio. Ele não sabia que Olivia não precisava incomodar Legião. Que uma vez que Aeron estivesse morto, o vínculo de Legião com ele se danificaria e seria encadeada de novo no Inferno.

Olivia fechou a distância entre eles, com passos indecisos. Deteve-se só quando esteve a um sussurro de distância. Suas fossas nasais se ampliaram como se soubesse o que ela tinha feito, mas não se moveu. Ela sabia que só era seu desejo. A menos que ela caísse, nunca a veria, nunca a cheiraria e nunca a escutaria.

Ela levantou a mão e tocou sua mandíbula. Como desejava poder senti-lo. Diferença de Lysander, que era da Elite, ela não podia materializar-se neste plano. Só sua arma o faria. Uma arma que ela forjaria do ar, suas chamas celestiais muito mais quentes que as do Inferno. Uma arma que separaria a cabeça de Aeron de seu pescoço em uma piscada.

— Disseram-me que é mulher. — acrescentou ele, seu tom duro, forte. Como sempre — Mas isso tampouco não me deterá de te matar. Porque, e aqui há algo que deve saber, quando quero algo, não deixo que nada se interponha em meu caminho para obtê-lo.

Olivia estremeceu, mas não pelas razões que Aeron provavelmente esperava. Semelhante determinação...

Deveria ir antes de ofendê-lo até mais. Com um suspiro, estendeu suas asas e saltou fora da fortaleza para o céu.

CAPÍTULO 6

— Você, nuvem, me pertence. — disse Bianka. Isso não era uma tentativa de escapar, tampouco outro recurso sexy, portanto era aceitável — Lysander te deu para mim, assim enquanto eu não tocá-lo, obterei o que quiser. E quero você. Quero que me obedeça, não a ele. Portanto, deve fazer caso a minhas ordens em lugar das dele. Se te disser que faça algo e ele te disser que não, você ainda tem que fazê-lo. Isso é o que quero.

Oh, bebê, isto ia ser divertido.

Quanto mais ela pensava a respeito disso, mais feliz estava por não ter que tocar Lysander de novo. Realmente. Seduzi-lo, ou, mas bem, tentar seduzi-lo, tinha sido um engano. Ela tinha terminado basicamente seduzindo-se a si mesma. O calor dele... Sua essência... Sua força... *Dê-me. Mais.*

Agora, em tudo o que podia pensar era em ter seu peso em cima dela de novo. A respeito de como queria lhe ensinar onde gostava de ser tocada. Depois que ele pegou o jeito de beijar, tinha provocado e atormentado a sua boca com a capacidade de um professor. Poderia ser o mesmo com as relações sexuais.

Ela lamperia cada um de seus músculos. Ouviria-o gemer uma e outra vez ao tempo que ele lamperia a ela.

Como poderia querer aquelas coisas de seu inimigo? Como poderia esquecer, inclusive por um momento, como ele a tinha prendido? Talvez porque ele era uma provocação. Um sexy, tentador e frustrante desafio. Entretanto, não importava. Tinha tido suficiente brincando o papel de doce e excitada prisioneira. Ainda assim não podia matá-lo; ela estaria presa aqui por toda a eternidade. O que significava que teria que fazê-lo querer desfazer-se dela. E agora, como ama desta nuvem, não teria problemas em fazê-lo.

Quase não podia esperar por começar. Se ele mantivesse seu comportamento anterior, estaria fora durante uma semana. Voltaria para checá-la. Então a “Operação Chore Como Um Bebê” poderia começar. Amanhã planejava as especificações e estabeleceria o cenário. Umas poucas ideias já estavam filtrando-se. Como atá-lo a uma cadeira em frente de um poste de stripper. Como impor uma “Terça-feira nudista”.

Rindo-se, reclinou-se sobre a cabeceira da cama, bocejou e fechou seus olhos.

— Eu gostaria de ter uma terrina com as uvas de Lysander. — disse, e sentiu uma fria terrina de porcelana instantaneamente pressionar sobre seu estômago. Sem abrir seus olhos, ela introduziu uma das frutas em sua boca, mastigou. Deuses, estava cansada. Não tinha descansado apropriadamente desde que tinha chegado aqui, ou inclusive desde antes.

Não podia. Não havia árvores em que subir, não havia folhas entre as que esconder-se. E inclusive se ela convocasse uma, Lysander poderia facilmente encontrá-la se retornasse antes...

Espere. Não. Não, não o faria. Não se convocasse centenas delas. E se ele retirasse todas as árvores, ela cairia, o que a despertaria. Ele não seria capaz de pegá-la despreparada.

Rindo-se de novo, Bianka abriu suas pálpebras. Afastou as uvas, moveu-se pela cama e se elevou.

— Substitui os móveis por árvores. Centenas de grandes e espessas árvores verdes.

Ao estalo de seus dedos, a nuvem parecia um bosque. A hera se enroscou ao redor das raízes, o rocio gotejou das folhas. Flores de todas as cores floresceram, com pétalas flutuando delas e dançando para o chão.

Ela ofegou ante a beleza. Nada sobre a terra se podia comparar.

Se só suas irmãs pudessem ver isto. Suas irmãs. Ganhando um jogo ou não, ela sentia mais saudades com cada segundo que passava. Lysander pagaria por isso, também.

Bocejou de novo. Quando tentou subir ao carvalho mais próximo, sua lingerie se rasgou com a casca. Endireitou-se, franziu o cenho, recordando uma vez mais a maneira em que seu anjo escuro a tinha espreitado, inclinado sobre ela, o quente fôlego viajando por sua pele.

— Quero vestir indumentária de camuflagem do exército. — no momento em que esteve vestida, escalou para o ramo mais alto, bater as asas lhe deu velocidade e agilidade, e se reclinou sobre um longo ramo, elevando o olhar a um amoroso céu de estrelas cintilantes.

— Eu gostaria de uma garrafa do vinho de Lysander, por favor.

Um segundo depois, seus dedos estavam agarrando uma grande garrafa de vinho seco. Teria preferido um branco barato, mas dava igual. Tempos difíceis chamava sacrifícios, e ela esvaziou a garrafa em tempo recorde.

Justo ao tempo que convocava uma segunda, escutou o grito de Lysander:

— Bianka!

Piscou confusa. Ou tinha estado aqui em cima mais tempo de que tinha pensado ou estava alucinando.

Por que não podia haver imaginado um Senhor do Submundo?, perguntou-se indignadamente. *Oh, oh. Quão genial seria se Lysander lutasse com um Senhor, com óleo pelo corpo? Estariam vestindo uma sunga, é obvio, e sorrisos. Mas nada mais.*

E ela podia totalmente ter isso! Depois de tudo, esta era sua nuvem. Lysander e ela estavam agora jogando sob suas regras. E, devido a que ela estava a cargo, ele não podia rescindir sua ordem de obedecê-la sem que ela o permitisse.

Ao menos, rogava que esta fosse a forma em que isto funcionava.

— Tira as árvores. — ela escutou seu grito.

Esperou, incapaz de respirar, mas as árvores permaneceram. *Ele não podia!* Rindo, ela se elevou aplaudindo. Tinha estado certa, então. Esta nuvem lhe pertencia.

— Tira. As. Árvores.

De novo, permaneceram.

— Bianka! — ele grunhiu — Apareça.

Antecipação a alagou ao tempo que saltava para baixo. Um rápido escaneio de seus arredores revelou que ele não se encontrava perto.

— Leve-me para perto dele.

Ela piscou e se encontrou parada frente a ele. Tinha estado abrindo-se caminho através da folhagem e assim que a divisou, deteve-se. Agarrava essa espada de fogo.

Ela retrocedeu, permanecendo fora de alcance. Sem tocar. Não esqueceria.

— Isso é para mim? — perguntou, gesticulando para a arma com uma inclinação do queixo. Nunca tinha estado tão excitada em sua vida e inclusive a visão daquela arma não diminuía a emoção.

Uma veia inchou nas têmporas dele.

Ela tomou isso como um sim.

— Moço desobediente. — tinha vindo matá-la, pensou, cambaleando um pouco. Isso era algo mais pelo que castigá-lo — Voltou cedo.

O olhar dele percorreu sua nova indumentária, suas pupilas dilataram e suas fossas nasais se ampliaram. Sua boca, entretanto, curvou-se em desgosto.

— E está bêbada.

— Como te atreve a me acusar de tal coisa?! — tratou de formar uma dura expressão, mas a arruinou quando riu — Só estou *alegre*.

— O que fez a minha nuvem? — cruzou os braços sobre seu peito, a imagem da teimosia masculina — Por que as árvores não desapareceram?

— Primeiro, está equivocado. Esta já não é mais sua nuvem. Segundo, as árvores se irão se eu lhes disser que o façam. O qual farei. Partam, lindas árvores, partam. — outra risada — Oh, meus deuses. Eu disse que se vá a uma árvore. Sou uma poeta e não sabia. — instantaneamente, não havia nada rodeando a ela e Lysander salvo a gloriosa neblina — Não irá a lugar nenhum sem minha permissão. Ouviu isso, nuvem? Ele fica. Quarto, usa muita roupa. Quero-te em uma sunga, sem a arma.

Sua espada repentinamente desapareceu. Seus olhos se abriram de par em par ao mesmo tempo em que sua toga desaparecia e uma sunga cor de pele aparecia. Bianka tratou de não ficar boquiaberta. E tinha pensado que o bosque era maravilhoso. *Wow. Só... Wow.* Seu corpo era uma

peça de arte. Possuía mais músculos do que imaginava. Seus bíceps estavam perfeitamente proporcionados. Seus músculos se alinhavam por seu estômago. E suas coxas eram rígidas, sua pele beijada pelo sol.

— Esta nuvem é minha, e exijo a volta de minha toga. — sua voz foi tão baixa, tão rouca, que lutava contra seus tímpanos.

O doce som da vitória, pensou ela. Ele permaneceu exatamente como ela tinha pedido. Rindo, girou, seus braços estendidos bem abertos.

— Não é fabuloso?

Ele avançou a passos longos para ela, com uma ameaça em cada passo.

— Não, não, não. — ela dançou fora de seu alcance — Não vamos fazer isso. Quero-te em uma grande tina de óleo.

E assim, não mais, ele estava apanhado dentro de uma tina. Óleo claro se elevava para suas panturrilhas e ele baixou seu olhar com horror.

— Como te sente tendo sua vontade dobrada? — burlou ela.

Seu olhar se elevou, encontrou a dela, e se estreitou.

— Não brigarei contigo por isso.

— Homem tolo. É obvio que não o fará. Brigará com... — golpeou em sua bochecha com sua unha — Vejamos, vejamos. Amun? Não. Ele não falaria e eu gostaria de escutar alguma maldição. Strider? Como guardião da Derrota, ele se asseguraria de que perdesse para evitar sentir dor, mas essa seria uma intensa batalha e tão só quero algo que me divirta. Sabe, algo ligeiro e sexy. Quero dizer, já que não posso te tocar, quero a um Senhor para fazê-lo por mim.

Lysander apertou sua mandíbula.

— Não faça isto, Bianka. Você não gostará das consequências.

— Isto sim é triste. — disse ela — Estive aqui durante duas semanas, mas não me conhece em nada. É obvio que me agradarão as consequências. — *Torin, o guardião da Enfermidade? Vendo-o brigar com Torin seria divertido, já que logo apanharia uma escura praga. Ou não o faria? Os anjos podiam adoecer?* Suspirou — Paris serviria também, suponho. Ele é atraente, assim que isso funciona a meu favor.

— Não te atreva...

— Nuvem, posiciona Paris, guardião da Promiscuidade, na tina com Lysander.

Quando Paris apareceu um momento depois, ela aplaudiu. Paris era tão alto e musculoso como Lysander. Só que ele tinha cabelo negro com fios em cor marrom e dourada, seus olhos eram azul elétrico e seu rosto o bastante perfeito para fazê-la chorar devido a sua beleza. Muito mau que ele não agitasse seu corpo da maneira em que Lysander o fazia. Ter sexo diante do anjo seria muito divertido.

— Bianka? — Paris olhava dela ao anjo, do anjo a ela — Onde estou? Esta é algum tipo de alucinação induzida pela ambrosia? Que infernos está acontecendo?

— Primeiro, está muito vestido. Deveria só vestir um sunga como Lysander.

Sua camiseta e seus jeans foram instantaneamente trocados pela dita sunga.

O. Melhor. Dia. Da. Sua. Vida.

— Paris, queria te apresentar a Lysander, o anjo que me seqüestrou e esteve me mantendo como prisioneira aqui em cima, no céu.

Instantaneamente, Paris trocou da confusão à fúria.

— Devolva-me minhas armas e o matarei por você.

— É tão doce. — disse ela, pousando uma mão sobre seu coração — Por que não dormimos juntos ainda?

Lysander grunhiu pela sua garganta.

— O que? — lhe perguntou, toda inocência — Ele quer me salvar. Você quer me subjugar pelo resto de minha longa vida. Mas de todas as formas, me deixe terminar as apresentações. Lysander, eu gostaria que conhecesse...

— Sei quem é. Promiscuidade. — o desagrado atravessava a voz de Lysander — Deve deitar-se com uma nova mulher a cada dia ou debilitar-se.

Outro sorriso elevou as comissuras dos lábios dela, este era presumido.

— Na realidade, também pode deitar-se com homens. Seu demônio não é seletivo. Espero que mantenham isso em mente quando vocês, rapazes, estejam se esfregando um contra o outro.

Lysander deu um ameaçador passo para ela.

— O que está acontecendo? — exigiu Paris de novo, jogando faíscas pelos olhos. Ela sabia que ele era seletivo, embora seu demônio não o fosse.

— Oh, não lhe disse? Lysander me deu o controle de sua casa, assim agora obterei o que seja que queira e quero que vocês lutem, rapazes. E quando terminarem, encontrará Kaia e lhe dirá o que ocorreu, que estou presa com um anjo teimoso e não posso ir. Bem, não posso ir até que ele se farte tanto de mim que permita que a nuvem me libere.

— Ou até que lhe mate. — grunhiu ele.

Ela riu.

— Ou até que Paris lhe mate. Mas espero que vocês, rapazes, brinquem bem por um pouquinho, ao menos. Têm alguma idéia do sexy que ambos estão neste momento? E se querem se beijar ou algo enquanto estão rodando, não permitam que lhes detenha.

— Uh, Bianka. — começou Paris, começando a ver-se incômodo — Kaia está em Budapeste. Está ajudando Gwen com as bodas, e pensa que está te escondendo para te liberar de seus deveres como dama de honra.

— Não sou dama de honra, maldição! — mas ao menos Kaia não estava preocupada. A *cadela*, ela pensou com afeto.

— Isso não é o que ela diz. De todas as formas, não me importa brigar contra outro cara para te divertir, mas a sério, ele é um anjo. Preciso retornar a...

— Não precisa me agradecer. — ela elevou suas mãos — Uma terrina das pipocas de milho de Lysander, por favor. — a terrina apareceu, o aroma da manteiga subiu por volta de seu nariz — Agora então, comecemos a festa. Ding, ding. — disse ela, e se sentou para observar a batalha.

CAPÍTULO 7

Lysander não podia acreditar no que o forçavam a fazer. Estava zangado, horrorizado e, sim, arrependido. Não havia feito algo similar a Bianka? Concedido, não a tinha despedido. Não a tinha obrigado a enfrentar-se contra outra mulher.

Aí estava o endurecimento em sua virilha novamente.

O que estava errado com ele?

— Libertarei você. — disse a Bianka. E Sagrada Deidade, via-se formosa. Mais tentadora que quando se pôs esse pouco de nada. Agora usava um top verde e preto que mostrava os braços dourados. Esses braços eram tão suaves como pareciam? *Não pense nisso.* A camisa se detinha justo acima do umbigo, fazendo que a boca lhe fizesse água, com a língua desejando inundar-se em seu interior. *O que acabo de dizer? Não pense nisso.* As calças eram dos mesmos tons escuros e pendiam de seus quadris.

Tinha ido lutar contra ela, a forçar finalmente sua mão, e a julgar pela roupa, ela se tinha preparado para o combate. Isso... O excitava. Não porque seus corpos tinham estado muito perto e não porque podia ter conseguido pôr por fim as mãos sobre ela, mas sim porque, se o feria, teria direito a pôr fim à vida dela. Finalmente.

Tinha ido e lhe ensinou uma lição rápida e inesquecível em seu lugar. Equivocou-se em trazê-la a sua casa e mantê-la cativa. Tentação ou não. Ela poderia ser seu inimigo em modos que nem sequer entendia, mas nunca deveria ter posto sua vontade sobre a dela. Deveria lhe haver permitido viver sua vida como lhe parecesse conveniente.

Era por isso que existia em primeiro lugar. Para proteger o livre-arbítrio.

Quando o combate terminasse, deveria liberá-la como tinha prometido. Entretanto, vigiaria-a. De perto. E quando cometesse um engano, derrubaria-a. E o faria. Cometeria um engano. Como uma Harpia, não seria capaz de ajudar a si mesma. Desejava não ter chegado a isso. Desejava que pudesse ser feliz aqui, com ele, aprendendo seus costumes.

A ideia de perdê-la não lhe entristecia. Não sentiria falta dela. Tinha-lhe colocado em uma tina de óleo, pelo amor de Deus.

De repente sentiu um amargo sabor na boca.

— Bianka. — insistiu — Não tem resposta?

— Sim, libertará-me. — disse finalmente com um sorriso radiante. Girou um fio de seu cabelo escuro como a noite ao redor do dedo — Depois. Agora acredito que soou o sino.

As palavras eram um pouco confusas pelo vinho que tinha consumido. Uma ameaça ébria, isso era ela. E não sentiria falta dela, disse a si mesmo de novo.

A amargura se intensificou.

Um forte peso o golpeou e enviou de costas. Suas asas estavam apanhadas nos lados da piscina quando o óleo se apoderou dele dos pés a cabeça, lhe arrastando para baixo. Grunhiu, e algo, com sabor de cereja, lhe filtrou na boca.

— Não esqueça usar a língua se lhe beijar. — disse Bianka amavelmente.

— Não aprisione mulheres. — grunhiu Paris com um brilho de escamas repentinamente visível sob a pele. Os olhos vermelhos e brilhantes. Olhos de demônio — Não importa quão irritantes sejam.

— Seus amigos fizeram algo parecido a suas mulheres, não? Além disso, a garota não te concerne.

Lysander empurrou, enviando ao guerreiro a toda velocidade para trás. Tratou de utilizar as asas para elevar-se, mas os movimentos eram tão lentos e preguiçosos que tudo o que pôde fazer era permanecer de pé.

O óleo lhe gotejou o rosto, obstaculizando momentaneamente sua visão. Paris ficou de pé, também, com os punhos apertados e o corpo brilhando.

— É tão divertido. — cantava Bianka alegremente.

— Suficiente. — disse Lysander — Isto é desnecessário. Demonstrou seu ponto. Estou disposto a te liberar.

— Tem razão. — disse — Não há necessidade de lutar sem música! — uma vez mais tocou o queixo com uma unha, com expressão pensativa — Já sei! Precisamos um pouco de Lady Gaga neste berço.

Uma canção que Lysander nunca tinha ouvido antes soou através da nuvem um segundo depois. Como uma sereia emergindo do mar, Bianka começou a mover os quadris sedutoramente.

Lysander apertou a mandíbula tão dolorosamente que provavelmente deslocaria os ossos a qualquer momento. Claramente não havia raciocínio com Bianka. Isso significava que tinha que raciocinar com Paris. Mas, quem teria pensado jamais que teria que negociar com um demônio?

— Paris. — começou, justo quando um punho conectou com seu rosto.

A cabeça se derrubou para trás. Os pés deslizaram sobre o chão escorregadiço e caiu de lado. Mais desse sabor de cereja encheu sua boca.

Paris, escarranchado sobre seus ombros, golpeou-o de novo. O lábio de Lysander partiu. Antes que uma só gota de sangue saísse, entretanto, a ferida cicatrizou.

Franziu o cenho. Agora tinha direito a matar a esse homem, mas não podia decidir-se a fazê-lo. Não culpava Paris por esta batalha, culpava Bianka. Tinha-os forçado a esta situação.

Outro murro.

— É um dos que estiveram vigiando Aeron? — demandou Paris.

— Ei, rapidinho! — chamou Bianka. Já não soava tão despreocupada — Paris, não devem usar os punhos. Isso é boxe, não luta livre.

Lysander permaneceu em silêncio, sem entender a diferença. Uma luta era uma luta.

Outro murro.

— É? — grunhiu Paris.

— Paris! Ouve-me? — agora parecia zangada — Use os punhos assim outra vez e te cortarei a cabeça.

Faria-o, pensou Lysander, e se perguntou por que estava tão irritada. Poderia, possivelmente, cuidar dele? Os olhos se aumentaram. Por isso preferia a luta livre, menos intensa, que o boxe, mais violento? Queria fazer o mesmo com ele se golpeasse ao Senhor? E o que significaria se o fizesse?

Como se sentiria ele a respeito?

— É? — repetiu Paris.

— Não. — disse finalmente — Não sou. — trabalhou com as pernas para cima, plantou os pés no peito de Paris e pressionou. Mas em lugar de enviar ao guerreiro voando, o pé escorregou e se conectou com a mandíbula de Paris, depois a orelha, golpeando a cabeça do homem para trás.

— Use suas mãos, anjo. — sugeriu Bianka — Estrangula-o! Ele merece por quebrar minhas regras.

— Bianka. — estalou Paris. Perdeu o equilíbrio e caiu de bunda no chão — Pensei que quisesse que acabasse com ele, não o contrário.

Piscou para eles com o cenho franzido.

— Faço-o. Só não quero que lhe faça mal. Esse é meu trabalho.

Paris enredou uma mão por seu cabelo empapado.

— Sinto muito, carinho, mas se isto segue assim, vou desatar um mundo de dor sobre seu amigo inimigo. Nada do que diga será capaz de me deter. Evidentemente, não tem seus melhores interesses em seu coração.

Carinho? O imortal possuído por um demônio tinha chamado Bianka de *carinho*? Algo escuro e perigoso alagou Lysander - *minha* ressonou em sua mente - e antes de dar-se conta do que estava fazendo, estava em cima do guerreiro, com a espada de fogo na mão, levantando-a, descendendo... A ponto de reunir-se com sua carne.

Uma mão firme, lhe rodeando o pulso o impediu. Pele quente e suave. Seu selvagem olhar foi para o lado. Aí estava Bianka, dentro da tina, o óleo brilhava sobre ela. *Que rápido se moveu.*

— Não pode lhe matar. — disse com determinação.

— Porque lhe quer, também. — grunhiu. Uma declaração, não uma pergunta. Ira, tanta ira. Não sabia de onde vinha ou como deter seu fluxo.

Ela voltou a piscar, como se esse pensamento nunca tivesse entrado em sua mente, mas como, milagrosamente, esfriou seu temperamento.

— Não. Porque então você seria como eu e, portanto perfeito. — disse — Isso não seria justo para o mundo.

— Deixe de falar e lute, maldita seja! — ordenou Paris. Um punho impactou na mandíbula de Lysander, fazendo-o girar, fora do alcance de Bianka. Ele manteve o agarre sobre a espada e inclusive quando se inundou no óleo, não perdeu nenhuma chama. De fato, o óleo se esquentou.

Estupendo. Agora estava em uma jacuzzi, como diriam os seres humanos.

— Por que o fez, grande parvo? — Bianka não esperou a resposta de Paris, mas se equilibrou sobre ele. Em lugar de lhe arranhar ou lhe puxar o cabelo, golpeou-o. Uma e outra vez — Ele não ia fazer te machucar.

Paris tomou a surra sem represálias.

Isso salvou sua vida.

Lysander agarrou à Harpia pela cintura e a sustentou contra a dura linha de seu corpo. Empapados como estavam, teve um momento difícil mantendo o agarre. Ela ofegava, agitando os braços para o guerreiro possuído por um demônio, mas não tentou afastar-se.

— Vou te ensinar a me desafiar, pedaço de merda podre. — grunhiu ela.

Paris fez rodar os olhos.

— O envie para longe. — ordenou Lysander.

— Não até depois que...

Ele estendeu os dedos, abrangendo grande parte de sua cintura. Alegrou-se e de uma vez amaldiçoou por não poder sentir a textura da pele de Bianka através do óleo.

— Quero estar a sós contigo.

— Você... O que?

— A sós. Contigo.

Sem duvidar, ela disse:

— Vá para casa, Paris. Seu trabalho aqui acabou. Obrigado por tratar de me resgatar. Essa é a única razão pela que ainda está vivo. Ah, e não se esqueça de dizer a minhas irmãs que estou bem.

O confuso Senhor desapareceu.

Lysander a soltou, e ela deu a volta para olhá-lo. Estava sorrindo.

— Assim quer estar a sós comigo, verdade?

Ele se passou a língua pelos dentes.

— Isso te diverte?

— Sim.

E ela não se envergonhava de admiti-lo, notou. Dificuldade cativante.

— Devolva-me a nuvem e te levarei para casa.

— Espere. O quê? — o sorriso desapareceu lentamente — Pensei que queria estar a sós comigo.

— Assim é. Assim podemos concluir nosso negócio.

A decepção, o arrependimento, a ira e o alívio dançaram em sua expressão. Um passo, dois, ela reduziu a distância entre eles.

— Bom, não vou dar a nuvem. Isso seria estúpido.

— Tem minha palavra que uma vez que me devolva isso, levarei-te para casa. Sei que ouve a verdade de minha reclamação.

— Oh. — os ombros dela se afundaram um pouco — Assim realmente nos desfaríamos do outro. Isso está bem, então.

Ainda não lhe acreditava? Ou... Não, certamente não.

— Quer ficar aqui?

— É óbvio que não! — mordiscou seu lábio inferior, e fechou os olhos por um momento, uma expressão de prazer dançou em seu rosto — Mmm, cerejas.

Sangue... Quente...

As pestanas se elevaram e o olhou fixamente. A determinação substituiu todas as outras emoções, entretanto, sua voz soava atrativamente.

— Mas conheço algo que tem um sabor inclusive melhor.

Isso pensava ele. Ela. Um tremor deslizou ao longo de sua coluna vertebral.

— Não faça isto, Bianka. Falhará. — isso esperava.

— Um beijo, — replicou — e a nuvem é tua.

Ele entreabriu os olhos. Quente, tão quente.

— Não se pode confiar que manterá sua palavra.

— Isso é verdade. Mas quero sair deste buraco infernal, assim que a manterei esta vez.

Prometo-o.

Mantenha-se em terra firme. Mas isso era difícil de fazer enquanto seu coração palpitava como um martelo contra um prego.

— Se deseja ir, não deveria insistir em ser beijada.

O olhar dela se entreabriu, também.

— Não é como se estivesse pedindo algo que ainda não me tivesse dado.

— Por que o quer? — lamentou a pergunta imediatamente. Estava prolongando a conversa em vez de lhe pôr fim.

Ela levantou o queixo.

— É um beijo de despedida, tolo, mas não importa. A nuvem é sua. Irei para casa e darei um beijo de “olá” a Paris. Será mais divertido, de todos os modos.

Não haveria beijos a Paris! Lysander tinha sua língua deslizando-se na boca dela antes de poder convencer-se do contrário. Os braços inclusive lhe rodearam a cintura, aproximando-a, tão perto que seus peitos esfregavam cada vez que respiravam. A ela endureceram os mamilos, deliciosamente acariciados.

— Fora do óleo. — murmurou — Limpos.

Ainda usava a sunga, mas sua pele se viu livre do óleo de repente, com os pés na névoa suave, mas firme. A nuvem lhe pertencia uma vez mais, mas ela ainda podia fazer pedidos razoáveis.

Bianka inclinou a cabeça e tomou posse mais profundamente. Suas línguas se batiam e acariciavam, e os dentes se roçavam. Suas mãos estavam sobre ele, nenhuma parte proibida para ela.

Adeus, havia dito ela.

Isto era, então. A última oportunidade de tocar sua pele. De finalmente saber. Sim, ele planejava vê-la de novo, vê-la na distância, esperando a oportunidade de desfazer-se dela de forma permanente, mas nunca mais voltaria a permitir-se estar tão perto. E tinha que sabê-lo.

E assim o fez.

Deslizou as mãos adiante, seguindo da parte baixa das costas até o estômago dela. Ali, pousou as palmas das mãos, e os músculos tremeram. *Querida Deidade de Luz e Amor.* Era tão suave como tinha notado. Mais suave que qualquer outra coisa que jamais houvesse tocado.

Ele gemeu. Mais um toque. Subiu-as, ficando sob sua camisa. Cálida, suave, como já tinha conhecido. Ainda suave, tão docemente suave. Os peitos dela transbordavam, e lhe fez água na boca por saboreá-los. *Logo*, disse-se. Então agitou a cabeça. Isto era tudo, a última vez que estariam juntos. *Adeus, peitos bonitos.* Amassou-os. Mais suave perfeição.

Tremendo agora, chegou até a clavícula. Os ombros. Ela estremeceu. Ainda tão maravilhosamente suave. Mais, mais, mais, tinha que ter mais. Tinha que tocar tudo nela.

— Lysander. — ofegou. Deixou-se cair de joelhos, trabalhando na sunga antes que ele se desse conta do que estava fazendo.

Seu eixo saltou livre, e suas mãos se plantaram sobre os ombros dela afastando-a. Mas uma vez que tocou a suave pele, perdeu-se novamente na sensação. Perfeição, isto era a perfeição.

— Vou te beijar agora. Um tipo diferente de beijo.

Quente, o calor úmido caiu sobre sua dura longitude. Outro gemido lhe escapou. Vamos, abaixo a malvada boca o percorreu. O prazer... Era muito, não suficiente, tudo e nada. Nesse

momento, era necessário para sua sobrevivência. Cada fôlego seu dependia do que ela fizesse a seguir. Não a afastaria.

Ela fez girar a língua sobre a avultada cabeça, os dedos brincavam com os testículos. Logo foi arqueando os quadris, chegando profundo em sua boca. Não podia parar de gemer, grunhir, sua respiração ofegante o abandonava em um fluxo constante.

— Bianka. — grunhiu — Bianka.

— Esse é o caminho, bebê. Dá tudo a Bianka.

— Sim, sim. — tudo. Daria-lhe tudo.

A sensação estava crescendo, a pele puxando, os músculos atados aos ossos. E então algo explodiu em seu interior. Algo quente e desenfreado. Seu corpo inteiro se agitou. Sua semente brotou, e ela tragou cada gota.

Finalmente se afastou, mas seu corpo não parava de tremer. Seus joelhos estavam débeis, seus membros incontroláveis. Isso era prazer, deu-se conta, aturdido. Isso era paixão. Isso era pelo que os homens humanos estavam dispostos a morrer por possuir. Isso era o que voltava homens normalmente cordatos em escravos. *Como eu agora*. Era o escravo de Bianka.

Tolo! *Sabia que isto aconteceria*. Lute. Só quando ela ficou de pé e lhe sorriu meigamente – e quis arrastá-la a seus braços e sustentá-la para sempre – que uma dose de prudência chegou a sua mente. Sim. Lutar. Como lhe tinha permitido que lhe fizesse isso?

Como ainda podia querê-la?

Como podia querer fazer-lhe a ela em troca?

Como poderia deixá-la ir?

— Bianka. — disse. Necessitava um momento para recuperar o fôlego. Não. Precisava pensar sobre o que tinha acontecido e como devia proceder. Não. Enredou a mão por seu cabelo. O que devia fazer?

— Não diga nada. — o sorriso dela desapareceu como se nunca tivesse existido — A nuvem é tua. — sua voz tremia com... Medo? Não podia ser. Ela não tinha mostrado um instante de medo desde que a tinha sequestrado. Mas inclusive se separou dele.

— Agora me leve para casa. Por favor.

Abriu a boca para responder. Que lhe diria, não sabia. Só sabia que não gostava de vê-la assim.

— Leve-me para casa. — disse com voz rouca.

Nunca tinha faltado a sua palavra, e não ia começar a fazê-lo agora. Assentiu com rigidez, tomou a mão, e voou de retorno à montanha de gelo no Alaska, exatamente como a tinha encontrado. Casaco vermelho, botas altas. Sensual de uma maneira que não tinha entendido então.

Manteve seu agarre sobre ela até o último segundo possível, até que escapou dele, levando a calidez e a doce suavidade de sua pele com ela.

— Não quero voltar a ver você. — a névoa flutuou a seu redor enquanto lhe dava as costas — De acordo?

Ela... O que? Depois do que tinha acontecido entre eles, *ela* dava o fora *nele*? Não, uma voz gritou em sua cabeça.

— Comporte-se, e não o fará. — disse entre os apertados dentes. Uma mentira? O sabor amargo em sua boca tinha retornado.

— Bom. — sem olhá-lo, girou e lhe lançou um beijo como se não tivesse preocupações no mundo — Diria-te que é um excelente anfitrião, mas então, não quer que minta, não? — com isso, afastou-se dele, o cabelo escuro revoava no vento.

CAPÍTULO 8

A primeira coisa que Bianca fez depois de banhar-se, vestir-se, comer um pacote de batatas fritas roubada que tinha escondido em sua cozinha, pintar as unhas, escutar seu iPod durante meia hora e tirar uma sesta em seu porão secreto foi ligar para Kaia. Não é que ela tivesse temido a chamada e quisesse postergá-la, não. Todas aquelas outras atividades tinham sido necessárias.

Realmente.

Além disso, não era como se sua irmã estivesse mais preocupada com ela. Paris já lhe haveria dito o que estava acontecendo. Mas Bianca não queria falar de Lysander. Inclusive, não queria pensar nele e os estragos que estava causando em suas emoções, em seu corpo, em seus pensamentos e em seu senso comum.

Depois de implicar com ele um pouco, desejava malditamente ficar com ele, aconchegar-se em seus braços, fazer amor e dormir. E isso era inaceitável.

No momento em que sua irmã atendeu, disse:

— Não há necessidade de me lançar a uma festa de “Bem-vinda a Casa”. Não me entupi por ali muito.

Não me pergunte pelo anjo. Não me pergunte pelo anjo.

— Bianca? — perguntou atordoada sua gêmea.

— Esperava que alguém mais te ligasse no meio da noite?

Eram as 6 da manhã aqui, no Alaska. Tendo viajado entre os dois lugares desde que Gwen se comprometeu com Sabin, sabia que isso significava que eram as 3 da madrugada ali, em Budapeste.

— Sim. — disse Kaia — Esperava.

Sério?

— Quem?

— Muitas pessoas. Gweenie, que se converteu em noivazilla⁵ afinal. Sabin, que está fazendo todo o possível para dominar à besta, mas se queixa para mim como se me importasse. — estava divagando como se Bianca nunca tivesse sido sequestrada e nunca se preocupou. Claro, tinha pensado que Bianca estava simplesmente evitando suas obrigações, mas era muito pedir um pouco de preocupação? — Anya, que decidiu que também deseja uma boda. Só que maior e melhor que a de Gwen. William, que quer dormir comigo e não sabe aceitar um não por resposta. Não está possuído por um demônio pelo que não é meu tipo. Continuo?

— Sim.

— Cale-se.

Imaginou Kaia no topo de uma árvore, sustentando seu telefone móvel em sua orelha, sorrindo e tratando de não cair.

— Assim, de verdade, estava dormindo? Enquanto estava desaparecida com minha vida em terrível perigo? Que amorosa irmã é.

— Por favor. Estava de férias, e ambas sabemos. Assim não me dê um mau momento. Tive um... Dia emocionante.

— Fazendo o quê? — perguntou com secura. Só tinham passado duas semanas da última vez que tinha visto Kaia, mas de repente, uma onda de nostalgia - ou, mas bem, irmãnostalgia - alagou-a. Amava a esta mulher mais do que amava a si mesma. E isso era muito!

Kaia riu entre dentes.

— Desejaria que fosse por causa de um “quem”. Estou esperando que dois dos Senhores lutem por mim. Então consolaria a ambos. Até agora, sem sorte.

— Idiotas.

⁵ Nota da Revisora: junção de noiva e godzilla.

— Sei! Mas tinha mencionado que Gwen se converteu na noiva do inferno, verdade? Estão assustados de que atue justo como ela, assim que ninguém está disposto a me dar uma oportunidade real.

— Noiva do inferno, como?

— Seu vestido não lhe assenta bem. Os guardanapos não eram da cor correta. Ninguém tinha as flores que queria. Buaa, buaa buaaa.

Isso não soava como a geralmente calma Gwen.

— Distrai-a. Diga-lhe que os Caçadores me capturaram e me fizeram uma mãobotomia⁶ como fizeram com Gideon.

Gideon, o guardião da Mentira. Um guerreiro sexy com o cabelo tingido de uma cor tão azul como seus olhos e com um malvado senso de humor.

A idéia de lhe seduzir não lhe agradava como lhe havia feito antes. Anjo estúpido. *Não pense nele.*

— Não lhe importaria se fosse talhada em pequenos pedaços. É muito como eu e aparentemente não tomamos nada à sério, assim que merecemos o que obtemos. — disse Kaia — Está me conduzindo à maldita loucura! E no alto da minha montanha-de-merda, estava totalmente perdida em nosso jogo de Esconde-Esconde. De todas as maneiras, por que decidiu se resgatar? Digo-lhe isso, tinha uma melhor oportunidade de sobreviver nas nuvens que aqui com a Gwen.

— Sobrevivência de merda. Não foi nada divertido.

Uma mentira. As coisas tinham começado a esquentar do modo que ela queria. Mas, como poderia ter sabido que a assustaria tanto?

— Muito bem, por certo. Permitiu-te estar nas nuvens onde não podia te alcançar. Brilhante.

— Sei, de acordo?

— Assim, foi terrível? Ser transportada por um anjo sexy?

Ela fez girar uma mecha de cabelo ao redor de seu dedo e imaginou a gloriosa face de Lysander. O desejo que tinha estabelecido em torno dele enquanto lhe chupava tinha sido milagroso. *Não queria falar sobre ele, recorda?*

— Sim, foi terrível. — terrivelmente maravilhoso.

— Irá trazê-lo para Buda para as bodas?

As palavras burlavam, claramente uma brincadeira, mas Bianka se encontrou gritando...

— Não!

... Antes de poder deter-se. Uma Harpia saindo com um anjo? Inaceitável!

E de todos os modos, permitir que os possuídos por um demônio, os Senhores do Submundo, rodeassem o guerreiro vindo do céu seria uma estupidez. Não é que ela temesse por Lysander. O cara poderia dirigi-los por si mesmo, sem problemas. A maneira como formou uma espada de fogo de um nada exceto o ar era prova disso. Mas se algo chegasse a acontecer ao precioso Sabin de Gwennie, como, Oh, a decapitação, a festa ficaria um pouco atenuada.

— Estarei ali, entretanto. — acrescentou em um tom mais calmo — Tenho uma espécie de, já sabe. Dado que sou sua dama de honra e tudo isso.

— Oh, diabos, não. Sou eu, recorda?

Ela sorriu lentamente.

— Disse-me que preferiria ser atropelada por um ônibus que ser uma dama de honra.

— Sim, mas quero ter um papel mais importante que o teu, assim... Aqui estou, em Budapeste, ajudando um pouco Gweenie a planejar a cerimônia. Não é que ela esteja aceitando minhas sugestões. Mataria-a ao menos considerar a possibilidade de que fôssemos todos nus?

Compartilharam uma gargalhada.

⁶ Nota da Revisora: amputação das mãos.

— Bom, você e eu podemos ir nuas. — disse Biana — Isso certamente animaria as coisas.

— Feito!

Houve uma pausa.

Kaia exalou um suspiro.

— Assim, está bem? — perguntou com uma pontada de preocupação aparecendo finalmente em sua voz.

— Sim.

E estava. Ou estaria. Logo, esperava. Tudo o que tinha que fazer era averiguar o que fazer com Lysander. Não é como se ele tivesse tentado ficar, o estúpido. Não tinha sido capaz de desfazer-se dela com a suficiente rapidez. Claro, ela o tinha rechaçado. Mas o menino poderia ter lutado por sua atenção depois do que havia feito por ele.

— Vai fazer com que o anjo pague por te levar sem permissão, verdade? A quem estou enganando? É óbvio que o fará. Se esperar até depois das bodas, posso te ajudar. Por favor, por favor, me deixe te ajudar. Tenho algumas ideias e acredito que você gostará. Imagine isto. É meia-noite, seu anjo está atado a sua cama, e cada uma de nós lhe arrancamos uma de suas asas.

Agradável. Mas porque ela não sabia se Lysander estava vendo-a e escutando-a ou não - estava-o? Era possível, e a só idéia pôs sua pele quente - disse:

— Não se preocupe. Já terminei com ele.

— Espere, o que? — ofegou Kaia — Não pode dá-lo por feito com ele. Sequestrou-te. Deixou-te prisioneira. Sim, lutou no óleo com Paris e estou zangada por não havê-lo visto, mas isso não é desculpa para seu comportamento. Se lhe deixar sem castigo, pensará que isso está bem. Pensará que é débil. Virá atrás de você de novo.

Sim. Sim, ele o faria. — pensou tratando de não sorrir.

— Não, não o fará. — mentiu. *Está escutando, Lysander, bebê?*

— Biana, me diga que você não gosta dele. Diga-me que não está ansiosa por um anjo.

De repente o sorriso se desvaneceu. Essa era exatamente o tipo de pergunta que tinha esperado evitar.

— Não estou ansiosa por um anjo. — outra mentira.

Outra pausa.

— Não acredito em você.

— Muito mal.

— Mamãe pensava que o pai de Gwen era um anjo e se arrependeu de dormir com ele todos esses anos. São muito bons. Também... Diferentes a nós. Os anjos e as Harpias não são para mesclar-se. Diga-me que sabe.

— É óbvio que sei. Agora, tenho que ir. Diga a noivazilla que relaxe contigo. Amo você e te verei logo. — respondeu e desligou antes que Kaia pudesse dizer algo mais.

Apesar de temer o que Lysander lhe havia feito sentir, Biana não tinha acabado com ele. Nem sequer de perto. Mas tinha estado no território dele antes e, portanto em desvantagem. Se ele não estava aqui, precisava lhe atrair. De boa vontade.

Havia-lhe dito que a deixasse sozinha, pensou, e isso poderia ser um problema. Exceto... Com um grito, levantou-se e deu a volta. Isso não seria um problema absolutamente. Isso era atualmente uma bênção e ela era mais inteligente do que se deu conta. Ao lhe dizer que se mantivesse afastado, sem dúvida se tinha convertido no fruto proibido. É óbvio que ele estava aqui, olhando-a.

Os homens nunca podiam fazer o que lhes dizia. Nem sequer os anjos.

Tão. Fácil.

Inclusive melhor, tinha-lhe dado uma pequena amostra do que era estar com ela. Desejaria mais. Mas também, não lhe tinha permitido agradar a ela. Seu orgulho não lhe permitiria deixá-la

nesse estado de insatisfação durante muito tempo, enquanto que ele tinha desfrutado de tal doce finalização.

E se esse não fosse o caso, não era o viril guerreiro que ela tinha pensado e, portanto, não a merecia.

Quanto tempo ele esperaria para fazer uma aparição real? Só tinham estado separados meio-dia, mas ela já sentia falta de.

Sentia-lhe falta. Uf. Nunca tinha tido saudades de um homem antes. Especialmente um que queria mudá-la. Um que desprezava o que ela era. Um que só poderia defini-la como inimigo.

Tem que lhe evitar. Quer dormir em seus braços. Protegeu-lhe enquanto lutava com Paris. Zangou-te, mas não lhe matou. E agora, sente falta dele? Sabe o que isso significa, não?

Seus olhos se abriram, e sua excitação se drenou. Oh, deuses. Deveria haver se dado conta... Ao menos deveria havê-lo suspeitado. Especialmente quando lhe protegeu, lhe defendendo.

Lysander, um bom - muito bom - anjo, era seu consorte.

Seus joelhos cederam e desabou no chão. Tanto como tinha estado viva, nunca tinha pensado encontrar um. Porque, bom, um consorte era uma maneira de dizer marido. Algumas noites tinha sonhado encontrando o seu, sim, mas não tinha pensado que isso acontecesse realmente.

Seu consorte. UAU.

Sua família ia alucinar. Não porque Lysander a tivesse sequestrado - tinham chegado a respeitar isso - a não ser devido ao que ele era. Mais que isso, ela não confiava em Lysander, nunca confiaria nele, e assim nunca poderia fazer nada para realmente dormir juntos.

Sexo, entretanto, poderia permiti-lo. Frequentemente. Sim, sim, poderia fazer esse trabalho, pensou, brilhando. Poderia atraí-lo ao lado escuro sem deixar que sua família soubesse que estava passando tempo com ele. Humilhação evitada!

Decidida, assentiu com a cabeça. Lysander seria dela. Em segredo. E não havia melhor momento para começar. Se ele estava olhando-a como suspeitava, havia uma só maneira de levá-lo a revelar-se.

Estava vestida com um diáfano top vermelho e seu jeans rodeados favoritos e conduziu à cidade. A única razão pela que possuía um carro era porque lhe dava uma aparência mais humana. Voar era seu método de viagem. Embora tivesse os braços e o umbigo expostos, o vento gelado não lhe incomodava. Gelada, sim, mas isso poderia dirigi-lo. Queria que Lysander visse tanto dela como fosse possível.

Estacionou em frente do The Moose Lodge, um restaurante, e se aproximou da porta principal. Como era tão cedo e fazia tanto frio, não havia ninguém nas cercanias. Umas poucas luzes a iluminavam, mas não a preocuparam. Abriu a porta - tinha roubado a chave ao dono fazia meses - e tirou o alarme.

Dentro, reclamou um bolo de nozes da geladeira de cristal, agarrou um garfo e escavou enquanto andava para seu lugar favorito. Fizera isso milhares de vezes antes.

Sai, sai, onde quer que esteja. Ele não poderia simplesmente deixá-la no mau caminho sem pensar em proteger ao mundo dela. Verdade? Lamentava não poder senti-lo, ao menos de alguma maneira. Seu aroma talvez, esse aroma selvagem de céu noturno. Entretanto quando aspirou profundamente, só cheirou a nozes e açúcar. Ainda. Não lhe havia sentido quando a tinha sequestrado em meados de outono, assim era lógico não lhe sentir agora.

Uma vez que despachou o bolo, descartou o pires e lambeu limpando o garfo, encheu-se um copo de Dr. Pepper. Pôs algumas moedas em um velho jukebox e logo um ritmo errático ecoou nas paredes. Bianka dançou ao redor de uma das mesas, movendo seus quadris para frente e para trás, arqueando-se, deslizando as mãos por todo seu corpo.

Durante um momento, só um sensual e breve momento, acreditou sentir umas mãos quentes cobrindo as suas, explorando seus peitos, seu estômago. Pensou que sentia umas suaves asas de plumas envolvendo-a, encerrando-a. Deteve-se com o coração esmurrando no peito. Imperfeitamente desejava dizer o nome dele, mas não queria afugentá-lo. Assim... O que deveria fazer? Como deveria...?

O sentimento de ser rodeada se evaporou completamente.

Maldita seja!

Chiando os dentes, não sabendo que mais fazer, saiu do restaurante da mesma maneira em que entrou. Pela porta principal, como se não lhe importasse. Essa porta golpeou atrás dela, a força do impacto quase sacudindo as paredes.

— Deveria jogar a chave depois de sair.

Estava aqui, tinha estado vigiando. Sabia! Tratando de não fazer uma careta, deu a volta para enfrentar Lysander. A vista dele a deixou sem fôlego. Era tão formoso como recordava. Seu cabelo claro açotado pelo vento, pequenos cristais de neve voavam a seu redor. Suas asas douradas estavam estendidas e brilhando. Mas seus escuros olhos não estavam em branco, como a primeira vez que se conheceram. Estavam tão turbulentos como um oceano, tal como tinham estado quando lhe tinha deixado.

— Pensei que havia dito que ficasse longe de mim. — disse, fazendo todo o possível para soar zangada em lugar de excitada.

Ele franziu o cenho.

— E eu lhe disse que te comportasse. Entretanto, aqui está, cheia de bolo roubado.

— O que quer que faça? Devolvê-lo?

— Não seja grosseira. Quero que pague por ele.

— No momento em que o faça, começarei a vomitar. — cruzou os braços. Aproximou-se.

Beije-me — Isso arruinaria meu lápis de lábios, assim tenho que declinar.

Ele também se cruzou de braços.

— Também poderia ganhar a comida.

— Sim, mas onde está a diversão nisso?

Passou um momento em silêncio. Então:

— Não tem moral? — insistiu.

— Não. — nem limites sexuais, tampouco. *Assim me beije de uma vez já!* — Não tenho.

Ele estalou a mandíbula com frustração e desapareceu.

Os braços de Bianka caíram a seus flancos e olhou a seu redor, atônita. Tinha-a deixado? Deixado? Sem tocá-la? Sem beijá-la? Bastardo! Deu um chute em seu carro.

Lysander olhou Bianka quando conduziu afastando-se. Estava duro como uma rocha, tinha estado assim desde que passeou por toda sua cabana nua, deu-se um banho de bolhas e então colocou essa malvada camisa. Seu eixo estava desesperado por ela.

Porque ela não podia ser um anjo? Porque por que não podia se afastar do pecado? Porque tinha que aceitá-lo?

E por que o fato de que ela fizesse essas coisas - roubar, amaldiçoar, mentir - inclusive lhe excitava?

Porque essa era a maneira de fazer as coisas, supôs, e o tinha sido desde o começo dos tempos. *A tentação se filtrava em suas defesas, mudava-te, e fazia muitas coisas que não deveria.*

Tinha que haver uma maneira de pôr um fim a esta loucura. Não podia destruí-la, já o tinha demonstrado. Mas poderia mudá-la? Não tinha tentado realmente antes, assim poderia funcionar. E se ela abraçasse o modo de vida dele, poderiam estar juntos. Poderia tê-la. Ter mais de seus beijos, tocar mais seu corpo.

Sim, pensou. *Sim*. Poderia ajudá-la a converter-se em uma mulher da qual poderia estar orgulhoso de caminhar a seu lado. Uma mulher que felizmente reclamaria como própria. Uma mulher que não seria sua perdição.

CAPÍTULO 9

Como Lysander nunca tinha tido uma... Noiva, como diriam os humanos, não tinha nem idéia de como treinar uma. Só sabia como treinar seus soldados. Sem emoção, mantendo a distância e não tomando nada pessoalmente. Seus soldados, entretanto, *queriam* aprender. Estavam ansiosos, cada palavra sua era bem-vinda. Bianka resistia a cada passo. Ele sabia quanto. Portanto. O primeiro dia, seguiu-a, simplesmente observando-a. Planejando.

Ela, é obvio, roubou cada alimento, cada lanche, bebeu muito em um bar, dançou muito perto de um homem ao que obviamente não conhecia, então quebrou o nariz do homem quando a tocou o traseiro. Lysander queria machucá-lo, mas se conteve. Apenas. Na hora de deitar-se, Bianka só ia e vinha pelos limites de sua cabana, amaldiçoando seu nome. Não descansou nem por um minuto.

Que adorável estava com o escuro cabelo lhe percorrendo as costas. Os lábios vermelhos franzidos. A pele brilhava como um arco íris à luz da lua. Tão severamente queria tocá-la, rodeá-la com suas asas, como se fossem as únicas pessoas vivas, e simplesmente desfrutar dela.

Logo, prometeu-se.

Tinha-lhe dado uma liberação, entretanto não havia feito o mesmo por ela. Quanto mais pensava nisso - e feito isso, pensava nela, nisso, todo o tempo - pior se sentia consigo mesmo. De fato, quanto mais refletia nisso, mais envergonhado estava.

Não sabia como tocá-la para conseguir levá-la a sua liberação. Mas estava disposto a tentá-lo, a aprender. Em primeiro lugar, entretanto, tinha que treiná-la como tinha planejado. Mas, como? Perguntou-se de novo. Parecia responder bem a seus beijos, seu peito inchou com orgulho ante isso. Nunca tinha premiado a seus soldados por um trabalho bem feito, mas talvez poderia fazer isso com Bianka. Recompensá-la com um beijo cada vez ela o agradasse.

Um plano a prova de falhas. Esperava.

O segundo dia, estava virtualmente cantarolando de antecipação. Quando ela entrou em uma loja de roupas e meteu um lenço com contas em sua bolsa, materializou-se frente a ela, preparado para começar.

Ela se deteve, levantou a vista e lhe olhou. Em lugar de baixar a cabeça com contrição, sorriu.

— Fantástico me encontrar contigo aqui.

— Devolva isso. — disse — Não precisa roubar objetos de vestir para sobreviver.

Ela cruzou os braços, uma atitude obstinada que ele conhecia bem.

— Sim, mas é divertido.

Uma mulher humana que estava a seu lado olhou a Bianka com cuidado.

— Uh, posso ajudá-la?

Bianka nunca afastou o olhar dele.

— Nop. Estou bem.

— Ela não pode me ver. — lhe disse Lysander — Só você pode.

— Assim, pareço louca falando contigo?

Ele assentiu com a cabeça.

Ela riu e o surpreendeu. E apesar de que sua diversão estivesse fora de lugar, gostava do som de sua risada. Era mágica, como o dedilhar de um harpa. Adorava a maneira como a alegria lhe suavizava a expressão e acendia sua magnífica pele.

Tenho que tocá-la, pensou, repentinamente aturdido. Deu um passo mais perto, tentando fazer precisamente isso. *Tenho que experimentar essa suavidade de novo*. E, ao fazê-lo, ela poderia começar a experimentar as delícias de suas recompensas.

Ela tragou saliva.

— Que, que está...?

— Está segura que não posso lhe ajudar? — perguntou a mulher, interrompendo-a.

Bianka ficou onde estava, tremendo, mas dedicou um olhar à mulher.

— Estou segura. Agora te cale antes que costure seus lábios juntos.

A mulher se afastou, girou e se apressou a ajudar a alguém mais.

Lysander congelou.

— Pode continuar. — lhe disse Bianka.

Como podia recompensá-la por tal rudeza? Isso acabaria com o propósito de seu treinamento.

— Não te importa o que as pessoas pensam de ti? — perguntou, inclinando a cabeça a um lado.

Entreabriu os olhos, e deixou de tremer.

— Não. Deveria? Em poucos anos, essas pessoas terão morrido, enquanto eu estarei ainda viva e brigando. — enquanto falava, colocou outro lenço em sua bolsa.

Agora estava simplesmente burlando-se dele.

— Devolve-o, e te darei um beijo. — pressionou.

— Que, o que?

Gaguejando de novo. Ele a estava afetando.

— Já me ouviu. — não ia repetir suas palavras.

As havendo dito, tudo o que queria fazer era unir seus lábios, colocar a língua em sua boca e saboreá-la. Ouvi-la gemer. Senti-la apertada contra ele.

— Estaria disposto a me dar um beijo? — disse ela com voz rouca.

De boa vontade. Desesperadamente. Assentiu com a cabeça.

Ela umedeceu os lábios, deixando um brilho de umidade detrás. A vista da língua rosada enviou um fluxo de sangue ao pênis. Os punhos fechados aos lados. Algo para evitar agarrá-la e arrastá-la para ele.

— E eu, — ela agitou a cabeça, como se tentasse esclarecer seus pensamentos. Estreitou o olhar de novo, as longas e escuras pestanas se uniram — por que faria isso? Você, que tratou de resistir a cada passo?

— Porque sim.

— Por quê?

— Tão só devolve os lenços. — assim o beijo poderá começar.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Está tentando me subornar? Porque deveria saber, que não funcionará comigo.

Em lugar de responder - e mentir - permaneceu em silêncio, o queixo se sobressaindo no ar.

Sangue... Esquentando-se.

Ainda lhe olhando, ela estendeu uma mão, apalpou um cinto e o meteu em sua bolsa, também.

— Então, o que pensa fazer se sigo roubando? Dar-me um severo açoite com a língua? Muito mal. Não aceito.

O fogo deslizou ao longo da coluna inclusive enquanto a ira lhe ferroava. Ele cortou a distância entre eles até que sentiu o quente fôlego dela contra o pescoço e peito.

— Não podia conseguir suficiente de mim nos céus, entretanto, agora que está aqui, não quer ter nada que ver comigo. Diga-me. Cada palavra e ação ali em cima foram uma mentira?

— É obvio que cada palavra e ação foram uma mentira. É o que faço. Pensei que soubesse.

Assim que... Desejava-lhe ou não? Faz dois dias disse a sua irmã, Kaia, que não queria ter nada que ver com ele. Nesse momento pensou que dizia só em benefício de Kaia. Agora, não estava tão seguro.

— Poderia estar mentindo agora. — Lhe disse. Ao menos, isso esperava ele. E, quem teria pensado alguma vez que desejasse uma mentira?

A excitação acendeu seus olhos e se estendeu ao resto de suas feições. Deu-lhe uma tapinha na bochecha, continuando, pôs uma palma sobre seu peito.

— Está aprendendo, anjo.

Ele conteve o fôlego. Tão quente. Tão suave.

— Aqui há uma proposta para você. Rouba algo desta loja e eu beijarei você.

Espera. Suas palavras de faz um momento perambularam por sua cabeça. *Está aprendendo, anjo.* Ele estava aprendendo?

— Não. — grasnou. Não faria uma coisa assim. Nem sequer por ela — Estas pessoas necessitam o dinheiro que estes bens proporcionam. Não se preocupa nada pelo seu bem-estar?

Um brilho de culpa se uniu à excitação.

— Não. — disse.

Outra mentira? Provavelmente. Essa culpa... Dava-lhe esperança.

— Por que precisa roubar coisas como estas, de qualquer maneira?

— Por prazer. — disse com um encolhimento de ombros.

— Madame, necessito que venha comigo.

Ante a inesperada intrusão, ambos ficaram rígidos. O olhar de Bianka se separou dele, juntos olharam ao policial que agora estava ao lado dela.

Ela franziu o cenho.

— Não pode ver que estou no meio de uma conversa?

— Não me importa se está falando com Deus mesmo. — o sombrio oficial lhe aferrava o pulso — Necessito que venha comigo.

— Não acredito. Lysander. — disse ela, claramente esperando que ele fizesse algo.

O instinto exigia salvá-la. Desejava tê-la segura e feliz, mas isto seria bom para ela.

— Disse a você que devolvesse as coisas.

A mandíbula dela caiu enquanto o oficial a levava. E, se Lysander não se equivocava, havia orgulho em seu olhar.

Preso por roubar em lojas, pensou Bianka com desgosto. De novo. A terceira vez este ano. Lysander tinha visto o policial conduzi-la pelas costas, esvaziando sua bolsa e revistando-a. Tudo sem uma palavra. Entretanto, sua desaprovação falava plenamente.

Não tinha deixado que a incomodasse. Ele tinha se mantido firme, e ela admirava isso. Punha-a quente. Isto não seria uma vitória fácil, como tinha assumido. Além disso, pela primeira vez em sua relação, ofereceu-se a beijá-la. A beijá-la *com muito prazer*.

Mas só se devolvesse a mercadoria roubada, recordou-se obscuramente. Não tinha que ser um gênio para dar-se conta que queria mudá-la. Condicioná-la a sua maneira de viver. Que era exatamente o que ela queria lhe fazer. O que significava que a desejava tão desesperadamente como ela a ele.

Também significava que era hora de levar este jogo ao seguinte nível. Entretanto, não seria a única em ceder. As seis horas que passou atrás das grades lhe tinham dado tempo de pensar. De dar forma a uma estratégia.

Estava assobiando enquanto serpenteava pelas escadas da estação. Finalmente Lysander tinha pago sua fiança, mas não tinha permanecido para falar com ela. Bom, não fazia falta. Já sabia que a estava seguindo.

Em casa, tomou banho, detendo-se sob a água quente, ensaboando-se mais lentamente do que o necessário e acariciando os peitos e brincando entre suas pernas. Infelizmente, ele nunca apareceu. Mas não importava.

Só em caso de que a ducha não tivesse trocado o ânimo dele, ela leu umas poucas passagens de sua novela romântica favorita. E só no caso de que não lhe tivesse trocado o ânimo dessa maneira, decorou o umbigo com seu pendente de diamantes favorito, vestiu um top muito apertado e saia e botas altas, e conduziu ao clube de strip-tease mais próximo.

— Só faltam uns poucos dias. Então viajarei a Budapeste às bodas de Gwen e não está convidado. Ouve-me? Tenta vir e farei de sua vida um inferno. Portanto, se quer vir para mim, agora é o momento. — disse quando saiu do carro.

De novo, ele não apareceu.

Ela quase gritou de frustração. Até agora, sua estratégia não dava certo. O que ele estava fazendo?

A noite era fria, mas dentro do clube estava quente, o ambiente estava carregado, os assentos cheios de homens. No cenário, uma ruiva - claramente não era ruiva natural - girou em um poste. As luzes se apagaram e a fumaça encheu a atmosfera.

— Quer dançar, carinho? — perguntou alguém a Bianka.

— Nop. Tenho melhores coisas que fazer. — fê-lo, entretanto, roubando do estranho a carteira, uma cerveja furtivamente da barra e estabelecendo-se em uma mesa na esquina do fundo — Desfrute. — sussurrou a Lysander, lhe oferecendo um brinde com a garrafa.

— Não tem vergonha? — grunhiu de repente a suas costas.

Finalmente! Cada músculo do corpo relaxado, inclusive o sangue se esquentou com a consciência. Mas não girou para encará-lo. Ele poderia ter visto o triunfo em seus olhos.

— Você tem vergonha suficiente pelos dois.

Ele soprou.

— Esse não parece ser o caso.

— Seriamente? Bem, então, vamos entrar em calor. Quer uma dança no colo? — levantou o dinheiro que tinha roubado — Estou segura que a ruiva do cenário adoraria esfregar-se contra você.

Suas grandes mãos pousaram nos ombros, apertando.

— Ou possivelmente prefere uma cerveja?

— Certamente. — disse o estranho ao que ela tinha roubado, agora em frente de sua mesa. Colocou a mão em seu bolso traseiro. Franziu o cenho — Ei, minha carteira desapareceu. — seu olhar pousou sobre o pequeno estojo de couro marrom apoiado sobre a mesa. Seu cenho se aprofundou — Se parece com a minha.

— Que estranho. — disse ela inocentemente — Assim quer que te compre uma cerveja ou não?

O agarre de Lysander se esticou.

— Devolva-lhe a carteira e te beijarei.

Entupiu-lhe o fôlego na garganta. Deuses, desejava seu beijo. Mais do que nunca desejou nada. Seus lábios eram suaves, seu sabor decadente. E se lhe permitia que a beijasse, bem, sabia que poderia lhe convencer de fazer outras coisas.

Mas lhe disse:

— Roube-lhe o relógio e te beijarei.

— Do que está falando? — perguntou o tipo com o cenho franzido — Roubar que relógio?

Ela rodou os olhos, desejando poder lhe espantar.

Lysander se agachou e a agarrou pelos peitos. Um tremor passou através dela, os mamilos duros, lhe alcançando. Doce céu. O ventre estremeceu, ciumento dos peitos, desejando que o toque baixasse.

— Devolva-lhe a carteira.

De repente ela quis fazer precisamente isso. Qualquer coisa por mais de Lysander e este lado sensual dele. Não necessitava o dinheiro, de todas as maneiras. Espera. *O que está fazendo? Capitulando?* Endireitou a coluna.

— Não, eu...

— Beijarei-te por todo o corpo. — acrescentou Lysander.

OH, infernos. Tinha decidido levar seu jogo ao seguinte nível, também.

Maldição, maldição, maldição. Ela não podia perder. Se o fizesse, controlaria-a com sexo. Esperaria que fosse boa como ele. Todo o maldito tempo. Não haveria mais roubo, mais insultos, não mais diversão. Bom, exceto quando estivessem na cama, mas, não esperaria que fosse boa ali, também?

A vida séria aborrecida e sem pecado, tudo contra o que uma Harpia lutava.

Ficou de pé sobre as trementes pernas e girou, encarando-o finalmente. As mãos dele se separaram de seu corpo. Tratou de não gemer de decepção. A expressão dele estava em branco.

Ela branqueou a sua, também, lhe alcançando e *tomando*. Apesar de não mostrar emoção, não podia ocultar sua dureza.

— Rouba algo, qualquer coisa, e vou te beijar por toda parte. — sua voz se enrouqueceu — Recorda a última vez? Você gozou em minha boca, e eu adorei cada momento disso.

As aletas do nariz se agitaram.

— Sim! — exclamou o homem atrás dela — Dê-me cinco minutos e terei roubado algo.

— Não é adestrável, verdade? — perguntou Lysander secamente.

— Não. — disse ela, mas de repente já não tinha vontade de sorrir. Havia resignação em seu tom. Tinha-lhe empurrado muito longe de novo? Ia abandoná-la? Alguma vez retornaria? — Entretanto, isso não significa que deva deixar de tentá-lo.

— Espera. Tentar o que? — perguntou o estranho, confuso.

Deuses, quando se iria?

— Lysander. — lhe incitou.

— Esse não é meu nome.

— Vá embora. — grunhiu ela.

Lysander levantou o olhar, estreitando-o sobre o humano. Então Bianka ouviu passos. Seu anjo não havia dito nada, não se tinha mostrado, mas tinha engenhado para espantar ao humano. Tinha poderes que não conhecia, então. Por que isso era inclusive mais excitante?

— Se não for devolver a carteira e eu não for roubar nada, onde isso nos deixa? — perguntou ele.

— Na guerra. Não sei você, mas eu faço minha melhor luta na cama. — disse ela, e pôs os braços ao redor do pescoço.

CAPÍTULO 10

O vento açoitava através do cabelo de Bianka, e sabia que Lysander a transportava voando a algum lugar com aquelas majestosas asas. Tinha os olhos fechados, muito ocupada desfrutando dele - finalmente! - para preocupar-se com onde a levava. A língua dele fez amor à sua. Suas mãos aferraram seus quadris, dedos afundando-se mordazmente. Logo foi derrubada sobre um frio e suave colchão pressionando em suas costas. O peso dele segurando-a deliciosamente.

E não deveria ter sido delicioso. Esta não era uma posição que ela permitia. Nunca. Enjaulava suas asas, e as mesmas eram a fonte de sua força. Sem elas, era quase tão fraca como um humano. Mas este era Lysander, honesto até a culpa, e o queria para sempre, parecia. E tão

cauteloso como ele tinha sido com respeito a este tipo de coisas, estava assustada de qualquer reprimenda que o fizesse ir-se voando.

Além disso, poderia fazer algo que quisesse assim nada mais...

— Ninguém vai entrar. — disse ele bruscamente.

Gemendo, envolveu as pernas ao redor de sua cintura, inclinou a cabeça para receber o novo beijo dele e desfrutou de uma profunda penetração de sua língua. O licor intoxicante, o homem era um rápido aprendiz. Muito rápido. Agora era um perito em beijar. O melhor que tinha tido nunca. Para o momento em que terminasse com ele, seria um perito em todo o carnal.

Seu membro, duro, alargado e grosso, cavalgava o topo de suas coxas. Podia sentir cada polegada dele através da suavidade de sua toga. Seus braços a envolveram, e quando abriu os olhos - estavam dentro da nuvem dele, precaveu-se - viu que suas asas douradas estavam estendidas, formando um cobertor sobre eles.

Ela enredou os dedos em seus cabelos e o separou do beijo.

— Vai ter problemas por isso? — perguntou, ofegando. *Espera. Espera? De onde tinha vindo esse pensamento?*

Os olhos dele se estreitaram.

— Importa-te?

— Não. — mentiu, forçando um sorriso. *Não, não, não. Essa não era uma mentira* — Mas isso acrescenta um perigo extra, não acredita? — aí. Melhor. Isso era mais parecido a seu ser normal. Não gostava da divindade dele, não queria preservá-la e mantê-lo a salvo.

Ou sim?

— Bem, não te meterei em problemas. — ele posou as palmas nas têmporas dela, encerrando-a e tomando o volume de seu próprio tamanho — Se essa for a única razão pela que está aqui, pode ir.

Quão feroz parecia.

— Tão sensível, anjo. — ela ancorou os dedos ao pescoço da toga dele e puxou. O material rasgou facilmente. Mas ao sustentá-lo, este começou a entrelaçar-se de novo, unindo-se. Franzindo o cenho, rasgou-o de novo, mais forte esta vez, até que houve um grande oco para afastar a roupa dos ombros e braços — Só estava brincando.

O peito dele era magnífico. Uma obra de arte. Musculoso e beijado pelo sol e desprovido de todo pêlo. Ela elevou a cabeça e lambeu o pulso na base de seu pescoço, logo riscou a clavícula, e circundou um dos mamilos.

— Você gosta?

— Quente. Úmido. — gritou ele, as pestanas fortemente apertadas.

— Sim, mas você gosta?

— Sim.

Sugou um pico até que ele ofegou, logo o beijou para que se fosse a dor. Um tremor de prazer o atravessou, o que causou que uma lança de orgulho a atravessasse.

— Por que me deseja, anjo? Por que se preocupa se sou boa ou não?

Uma pausa. Uma tortura.

— Sua pele...

Cada músculo em seu corpo ficou rígido, e elevou o olhar para ele.

— Assim que qualquer Harpia viria bem? — tratou de ocultar o insulto, mas não arrumou de tudo. A ideia de outra Harpia - inferno, qualquer outra mulher imortal ou não - desfrutando dele despertava seus mais malvados instintos. As unhas se alargavam, e os dentes se afiavam. Um olhar vermelho salpicava sua linha de visão. *Meu*, pensou. Mataria a qualquer uma que o tocasse — Todas temos esta pele, sabe? — as palavras foram guturais, raspando sua garganta.

As pestanas dele se separaram ao tempo que seus olhos se abriam. As pupilas estavam dilatadas, a expressão se esticou com... Uma emoção que não reconheceu.

— Sim, mas só você me tenta. Por que é isso?

— Oh. — foi em tudo no que pôde pensar dizer, a zanga se desvaneceu completamente. Mas precisava responder, tinha que pensar em algo ligeiro, fácil — Para responder a sua pergunta, deseja-me porque sou feita de assombro. E adivinha o que? Farei-te tão feliz que o dirá, guerreiro.

Guerreiro, em vez de anjo. Ela nunca o tinha chamado assim antes. Por quê? E por que agora?

— Não. Eu te farei feliz. — ele rasgou a camiseta justo como ela havia feito antes com sua toga. Ela não estava usando sutiã, e seus peitos se liberaram. Outro tremor o percorreu ao tempo que descendia a cabeça.

Lambeu e sugou um mamilo, como havia feito com ele, logo o outro dando um banquete. Saboreando. Logo ela se estava arqueando e retorcendo-se contra ele, ansiando sua boca em outra parte. Sua pele estava sensibilizada, seu corpo desesperado pela liberação. Entretanto não queria apressá-lo. Ainda estava temerosa de espantá-lo e que fugisse. Mas maldição, se não se apressasse, se não a tocasse entre as pernas, ia morrer.

— Lysander. — disse em um tremente fôlego.

As asas dele roçavam seus braços, acima e abaixo, fazendo cócegas, acariciando, lhe arrepiando a pele. *Santo inferno, isso era bom. Tão malditamente bom.*

Ele se afastou completamente.

— Q... O que está fazendo? Não ia dizer-te que fosse. — chiou, suportando seu peso sobre os cotovelos.

— Não quero nada entre nós. — ele deslizou a toga ao longo de suas pernas até que esteve gloriosamente nu. Umidade brilhava na cabeça de seu membro, e a ela fez água na boca. Elevando a mão, ele aferrou as botas dela e puxou tirando-lhe. Os jeans rapidamente as seguiram. Ela, é obvio, não estava usando nenhuma calcinha.

O olhar dele se embebeu dela, e ela sabia o que é que ele via. Sua resplandecente e cintilante pele. O desejo na união de suas pernas. Os mamilos coloridos de rosa.

— Quero tocar e saborear cada polegada. — disse e mais ou menos caiu sobre ela, como se sua vontade para resistir tivesse abandonado completamente.

— Toca e saboreia cada polegada na próxima vez. — *por favor, que haja uma próxima vez.* Tratou de ancorar as pernas ao redor de sua cintura de novo — Necessito liberação agora.

Ele a agarrou pelos joelhos e as separou. A cabeça dela caiu para trás, o cabelo agitando-se a seu redor, e beijou um caminho para seus peitos, logo para seu estômago. Persistiu em seu umbigo até que ela estava gemendo.

— Lysander. —disse de novo. Bom. Saltaria sobre esta granada se tinha que fazê-lo; se ele queria saborear, podia saborear — Mais. Necessito mais.

Em vez de dar-lhe, ele se deteve.

— Eu... Ocupei-me de mim antes de te seguir este dia. — admitiu, as bochechas ruborizando-se — Pensei que isso me daria resistência contra você.

Os olhos dela se abriram de par em par, estupefação derramando-se por todo seu ser.

— Deu prazer a ti mesmo?

Um rígido assentimento.

— Pensou em mim?

Outro assentimento.

— OH, bebê. Isso está bem. Posso imaginá-lo e amo o que vejo. — as mãos em seu membro, acariciando acima e abaixo, os olhos fechados, as feições tensas com excitação, o corpo esticando-se para a liberação. Asas se estendiam ao tempo que ele caía de joelhos, o prazer era muito. Ela, nua em sua mente — O que foi que imaginou que estava fazendo?

Outra pausa. Uma vacilante resposta.

— Lambendo. Entre suas pernas. Saboreando-te, como disse.

Ela se arqueou para trás, mãos deslizando-se ao longo de sua cintura para suas coxas. Embora já a mantinha aberta, ela afastou até mais as pernas.

— Então faça. Lambe. Quero-o tão desesperadamente. Desejo sua língua sobre mim. Vê quão úmida estou?

Ele vaiou em um fôlego.

— Sim, sim. — reclinando-se para baixo, começou nos tornozelos e dali foi subindo, permanecendo detrás dos joelhos, na dobra de suas pernas.

— Por favor. — disse, tão no topo que estava pronta para gritar — Por favor. Faça-o.

— Sim. — sussurrou de novo — Sim. — finalmente se situou sobre ela, a boca se preparou. A língua tamborilou fora. Logo, doce contato.

Ela esperava o toque, mas nada podia havê-la preparado para a perfeição disso. Gritou, estremeceu-se. Rogava por mais.

— Sim, sim, sim. Por favor, por favor, por favor.

Ao princípio, simplesmente a cobriu, balbuciando a aprovação por seu sabor. *Graças aos deuses. Ou Deus. Ou quem fosse responsável por este homem.* Se não tivesse gostado dessa maneira, não estava segura do que teria feito. Nesse momento, desejava – necessitava - ser tudo o que ele queria - necessitava. Queria que ele ansiasse cada parte de seu corpo, como ela ansiava cada parte dele.

Inclusive sua divindade?

Sim, pensou, finalmente admitindo-o. Sim. Justo então, não tinha nenhuma defesa; tinha sido despida até a alma. Sua divindade de algum jeito a balançava. Tinha lutado contra isso - e ainda assim não tinha planos de mudar - mas eram dois extremos e em realidade complementavam um ao outro, cada um dando ao outro o que a ele ou a ela faltava. Em seu caso, o conhecimento de que algumas coisas valiam a pena tomar-lhe seriamente. No dele, que não era um crime ter diversão.

— Bianka. — gemeu — Diga-me como... O que...

— Mais. Não pare.

Logo sua língua estava movendo-se rapidamente dentro e fora dela, imitando o ato do sexo. Ela se aferrou aos lençóis, fechando as mãos em punhos. Retorceu-se, encontrando-o em cada investida. Gritou de novo, gemeu e rogou por mais.

Finalmente, explodiu. Mordeu seu lábio inferior até que sentiu o gosto de sangue. Brancas luzes dançaram sobre seus olhos - de sua pele, precaveu-se. Sua pele estava tão brilhante que quase era cegador, cintilando como um abajur, algo que nunca antes tinha acontecido.

Logo Lysander estava surgindo sobre ela.

— Não é fértil. — disse. Suor emanava dele.

Isso fez com que sua confusa mente se detivesse.

— Sei. — as palavras foram tão dificultosas como as dele. As Harpias eram férteis somente uma vez ao ano e este não era seu momento — Mas como sabe isso?

— Senti-o. Sempre sei essa classe de coisas. Assim... Está preparada? — perguntou, e pôde ouvir a incerteza em sua voz.

Não devia saber a etiqueta apropriada, o adorável virgem. Aprenderia. Com ela, não havia etiqueta. Fazer o que sentia ser correto era a única coisa que a excitava.

— Não ainda — posou as mãos sobre seus ombros e o empurrou sobre suas costas, com cuidado com suas asas. Ele não protestou ou brigou ao tempo que ela se sentava aberta sobre sua cintura e agarrava seu membro pela base. As asas dela batiam de alegria por sua liberdade — Melhor?

Ele lambeu seus lábios, assentiu. As asas dele se elevaram, envolvendo-a, acariciando-a. A cabeça dela caiu, a longa longitude de seu cabelo roçando suas coxas. Ele tremeu.

Ele lamentaria isso?, perguntou-se repentinamente. Não queria que a odiasse por arruiná-lo supostamente.

— Está preparado? — perguntou — Não há como voltar atrás uma vez que esteja feito. — se não estivesse preparado, esperaria, precaveu-se. Sim, esperaria até que estivesse preparado. Só ele serviria. Nenhum outro. Seu corpo só desejava a ele.

— Não te detenha. — ordenou, imitando a ela.

Uma risada floresceu.

— Serei cuidadosa contigo. — lhe assegurou — Não te machucarei.

Os dedos circundaram seus quadris e a elevaram até que esteve posicionada sobre sua ponta.

— A única coisa que poderia me ferir é se me deixar desta maneira.

— Não há a mínima possibilidade disso. — disse ela, e se afundou até o fundo.

Ele se arqueou para encontrá-la, alimentando sua longitude, os olhos dele bem fechados, os dentes quase penetrando em seu lábio inferior. Esticava-a perfeitamente, investia-a justo no lugar correto, e ela se encontrou desesperada por liberar-se uma vez mais. Mas se deteve, o desfrute dele era mais importante que o seu. Pela razão que fosse.

— Diga-me quando estiver preparado para que eu...

— Mova-se! — gritou ele, quadris investindo tão alto que ela elevou os joelhos do colchão.

Gemendo ante o prazer, moveu-se, acima e abaixo, escorregando e deslizando por sua ereção. Era selvagem debaixo dela, como se tivesse mantido sua paixão engarrafada todos estes anos e houvesse repentinamente explodido, incansável.

Logo, inclusive isso não era suficiente para ele. Começou a bombear dentro dela, e lhe encantou. Amava sua intensidade. Tudo o que podia fazer era sustentar-se no rodeio, chocando para baixo com ele, ofegando. As unhas se cravaram em seu peito, os gemidos se mesclavam com os dele. E quando seu segundo orgasmo a golpeou, Lysander estava justo aí com ela, rugindo, músculos esticando-se.

Aferrou-a pelo pescoço e puxou-a para baixo, pressionando seus lábios com os seus. Os dentes chocaram ao tempo que primitiva e grosseiramente a beijava. Foi um beijo que a despiu uma vez mais até a alma, deixando-a em carne viva, agonizando. Cambaleante.

Era, de fato, seu consorte, pensou, aturdida. Não havia forma de negá-lo agora. Ele era para ela. O único. Necessário. Anjo ou não. Riu, e estava surpreendida por quão despreocupada soava. Domada pelo grande sexo. Figurava-se. Depois disto, nenhum outro homem serviria. Nunca. Sabia, sentia-o.

Paralisou sobre ele, ofegando, suando. Assustada. Repentinamente vulnerável. *Como ele se sentia próximo a ela?* Não a tinha aprovado, entretanto lhe tinha obsequiado sua virgindade. Certamente, isso significava que lhe agradava, justo como era. Certamente, isso significava que a queria ao redor.

O coração dele tamborilava em seu peito, e ela riu. Certamente.

— Bianka. — disse agitada.

Ela bocejou, mais repleta do que alguma vez tinha estado. *Meu consorte*. Suas pálpebras se fecharam, suas pestanas repentinamente muito pesadas para manter-se abertas. A fadiga se derramou sobre ela, tão intensa que não podia lutar contra ela.

— Fala... Logo. — replicou, e se desvaneceu no mais pacífico sono de sua vida.

CAPÍTULO 11

Durante horas Lysander teve Bianka no oco de seu braço enquanto dormia, maravilhado - isto era o que ela mais tinha desejado no mundo e ele o tinha dado - e entretanto, também estava

preocupado. Sabia o que queria dizer, sabia o quão difícil que era para uma Harpia baixar a guarda e dormir frente a outro. Isso significava que confiava nele para protegê-la, para mantê-la a salvo. E estava contente. *Queria* protegê-la. Inclusive de si mesmo.

Mas, poderia? Não sabia. Eram muito diferentes.

Até que se metiam na cama, claro.

Não podia acreditar o que acabava de acontecer. Converteu-se em uma criatura de sensações, seus mais baixos instintos eram tudo o que importava. O prazer... Foi diferente de qualquer coisa que tivesse experimentado. Seu sabor era como o mel e sua pele tão suave que desejava tê-la contra ele durante o resto da eternidade. Seus entrecortados gemidos - inclusive seus gritos - tinham sido uma carícia em seus ouvidos. Tinha adorado cada momento disso.

Se tivesse sido chamado à batalha, não estava seguro de ter sido capaz de deixá-la.

Por que ela, entretanto? Por que *ela* tinha sido a única em lhe cativar?

Mentia-lhe em cada oportunidade. Encarnava tudo o que ele odiava. Entretanto, não podia desprezá-la. Durante cada momento com ela, só queria mais. Tudo o que fazia lhe excitava. O prazer que tinha encontrado em seus braços... Ela se mostrou sem vergonha, sem inibições, exigindo tudo o que ele tinha para lhe dar.

Tivesse o cativado se ela tivesse tido uma vida livre de culpas? Se tivesse sido mais recatada? Não acreditava. Gostava tal como era.

Por quê? Perguntou-se de novo.

Durante o tempo em que ela se estendeu prazerosamente, sensualmente contra ele, não teve respostas. Tampouco sabia o que fazer com ela. Já tinha demonstrado que não podia deixá-la sozinha. E agora que sabia tudo dela, seria inclusive mais impossível de resistir.

— Lysander. — disse com a voz rouca pelo sono.

— Aqui estou.

Ela piscou abrindo os olhos, sacudindo-se ao levantar-se.

— Fiquei adormecida.

— Sei.

— Sim, mas me sinto adormecida. — passou uma mão por seu formoso rosto, girou para ele e lhe olhou com um vulnerável assombro — Deveria estar envergonhada, mas não é assim. O que acontece comigo?

Ele estendeu uma mão e a passou por seus inchados lábios. Tão forte a tinha beijado?

— Sinto-o. — disse — Perdi o controle durante um momento. Não deveria haver tomado assim...

Mordeu-lhe o dedo, sua autorrecreinação parecia desvanecer-se a favor da diversão.

— Ouviu-me me queixar?

Ele relaxou. Não, não a tinha ouvido queixar-se. De fato, parecia completamente satisfeita. E isso havia feito ele. Tinha-lhe dado prazer. O orgulho lhe encheu. Orgulho, uma tola emoção que com frequência conduzia a um homem a sua queda. Era assim como Bianka lhe faria cair? Por como lhe tentava, *poderia* lhe fazer cair.

Com um suspiro, recostou-se contra ele.

— Ficou sério de repente. Quer falar disso?

— Não.

— Quer falar de *algo*?

— Não.

— Bom, muito mau. — se queixou, mas ouviu uma capa de satisfação em seu tom. Ela desfrutava fazendo que ele fizesse coisas que não queria - ou acreditava não acreditar - fazer? — Porque vai falar. Muito. Pode começar com por que me sequestrou primeiro. Sei que queria me mudar, mas, por quê? Ainda não sei.

Não deveria dizer-lhe, já tinha suficiente poder sobre ele, e saber a verdade não faria a não ser aumentar esse poder. Mas também queria lhe fazer entender quão desesperado tinha estado. Sim.

— No coração de minhas funções, sou um protetor da paz, e como tal, devo observar a vida dos Senhores do Submundo de vez em quando, para estar seguro de que estão obedecendo às leis celestiais. Vi você com eles. E, como demonstrei com meus atos este dia, dei-me conta de que foi minha única tentação. A única coisa que poderia me afastar do caminho correto.

Ela se levantou de novo, lhe encarando outra vez. Seus olhos estavam cheios de... Prazer?

— De verdade? Só eu posso te arruinar?

Ele franziu o cenho.

— Isso não significa que deva tentar fazê-lo.

Rindo, ela se inclinou e lhe beijou. Seus peitos pressionaram contra seu torso, lhe esquentando o sangue de novo da maneira que só ela podia fazê-lo. Mas tentou combatê-lo, resistir.

— Isso não é o que queria dizer. Eu gosto de ser importante para você, suponho. — de repente em suas bochechas floresceu a cor — Espera. Isso tampouco é o que queria dizer. O que estou tentando dizer é que está perdoado por me sequestrar em seu palácio no céu. Eu haveria feito o mesmo se a situação se invertesse.

Não tinha esperado que o perdão chegasse tão facilmente. Não dela. Seu cenho se intensificou, tomou pelas bochechas e a forçou a lhe olhar.

— Por que estiveste *comigo*? Sei que não sou o que a sua vista é aceitável.

Ela deu de ombros, a ação foi um pouco rígida.

— Acredito que é minha tentação.

Agora entendia por que ela tinha sorrido com a proclamação que fez ele. Queria gritar de risada satisfeita.

— Se vamos ficar juntos, — ela se deteve, esperando. Quando ele assentiu com a cabeça, relaxou-se e continuou — então, suponho, que só poderia roubar aos malvados.

Era uma concessão. Uma que nunca tinha pensado que ela faria. Realmente devia gostar dele. Devia querer mais tempo com ele.

— Assim, escute. — disse — Minha irmã se casa dentro de uma semana, como lhe disse antes. Deseja, quer, vir comigo? Como meu convidado? Sei, sei. Tem pouco prazo. Mas não tinha intenção de te convidar. Quero dizer, é um anjo, — havia desgosto em sua voz — mas faz amor como um demônio assim suponho que deveria, não sei, te mostrar comigo ou algo assim.

Ele abriu a boca para responder. O que lhe diria, não sabia. Não podiam lhe falar com outros de sua relação. Nunca. Mas uma voz o deteve.

— Lysander. Está em casa?

Lysander reconheceu à pessoa que falava imediatamente. Raphael, o anjo guerreiro. O pânico quase o afogou. Não podia permitir que o homem lhe visse assim. Não podia permitir que ninguém de sua espécie lhe visse com a Harpia.

— Devemos discutir sobre a Olivia. — disse Rafael — Posso entrar em sua morada? Há algum tipo de bloqueio que me impede de fazê-lo.

— Ainda não. — disse. Havia pânico em sua voz? Nunca o tinha experimentado antes, assim não sabia como combatê-lo — Espere-me. Vou sair. — se sentou e deslizou da cama, de Bianka. Tomou seu manto, ou, mas bem as partes, do chão e se envolveu nele. Imediatamente, teceram-se de novo juntas para adaptar-se a seu corpo. O material inclusive lhe limpou, enxaguando o aroma de Bianka.

Isto último, amaldiçoou para seus adentros. *Para melhor.*

— Deixe-lhe entrar. — disse Bianka, ajustando um lençol a seu redor, sem dar-se conta — Não me importa.

Lysander ficou de costas a ela.

— Não quero que te veja.

— Não se preocupe. Tenho coberto minha atrevida nudez.

Não lhe deu resposta. Diferente dela, não mentiria. E se não mentisse a ela, poderia lhe fazer dano. Não queria fazer isso.

— Assim chama-o já. — disse ela com um sorriso — Quero ver se todos os anjos parecem pecadores, mas atuam como santos.

— Não. Não lhe quero dentro agora mesmo. Saírei e me reunirei com ele. Você ficará aqui. — disse. Ainda não a olhou à cara.

— Espera. Está ciumento?

Não lhe respondeu.

—Lysander.

— Fique em silêncio. Por favor. As paredes das nuvens são magras.

— Fique... Em silêncio? — passou um momento no silêncio que ele tinha pedido. Mas, ele sabia que não gostou. Ouviu ranger o tecido e uma aguda inspiração — Não quer que saiba que estou aqui, verdade? Envergonha-te de mim. — disse claramente impressionada — Não quer que seu amigo saiba que estive comigo.

— Bianka.

— Não. Não fale agora. — com cada palavra, sua voz se elevava — Estava disposta a te levar às bodas de minha irmã. Apesar de que minha família riria de mim ou o veriam com desgosto. Estava disposta a te dar uma oportunidade. Dar-nos uma oportunidade. Mas você não. Quer me ocultar. Como se eu fosse algo vergonhoso.

Ele se girou para ela, a fúria ardente lhe atravessou. Por ela, por si mesmo.

— É algo vergonhoso. Mato a seres como você. Não me apaixono por eles.

Ela não disse nada. Só lhe olhou com seus grandes olhos cheios de dor. Tanta dor que realmente cambaleou para trás. Uma dor aguda atravessou seu peito. Mas enquanto a olhava, sua dor se transformou em uma fúria que ultrapassava à sua.

— Então me mate. — grunhiu.

— Sabe que não o farei.

— Por quê?

— Porque sim!

— Deixe-me adivinhar. Porque no fundo ainda pensa que pode me mudar. Acredita que me converterei na pura e virtuosa mulher que quer que seja. Bom, quem é você para dizer o que é virtuoso e o que não o é?

Ele só arqueou uma sobrancelha. A resposta era óbvia e não precisava dizê-la.

— Disse que a partir de agora só ia machucar aos malvados, verdade? Bom, surpresa! Isso é o que hei feito desde o começo. O bolo que me viu comer? O proprietário desse restaurante troca os cartões de crédito, tomando dinheiro que não lhe pertence. A carteira que roubei? Agarrei-a de um homem que engana a sua esposa.

Ele piscou para ela, inseguro de ter ouvido corretamente.

— Por que impediste que me inteirasse?

— Por que isso deveria trocar o que sente por mim? — jogou para trás o lençol que a cobria e permaneceu de pé, gloriosa em sua nudez. Sua pele ainda brilhava, emitindo brilhos multicoloridos - ele havia tocado essa pele. O cabelo escuro caindo em cascata a seu redor - ele tinha tido esse cabelo em seus punhos.

— Quero estar contigo. — disse ele — O faço. Mas tem que ser em segredo.

— Eu pensava o mesmo. Até o que acabamos de fazer. — disse ela enquanto se vestia a toda pressa. Suas roupas não eram como as suas, não se reparavam sozinhas e a camisa rasgada mostrava mais do que ocultava.

Ele tentou de novo. Tratou de fazê-la entender.

— É tudo o que está contra os de minha espécie, Bianka. Treino guerreiros para caçar e matar demônios. O que lhes diria se a tomasse como minha companheira?

— Aqui há uma pergunta melhor. O que lhes dirá sobre esconder seu pecado? Porque assim é como me vê, verdade? Seu pecado. É um hipócrita. — passou junto a ele, cuidando de não tocá-lo — E não estarei com um hipócrita. O que é pior que ser um anjo.

Pensou que ela correria para Raphael e faria alarde de sua presença. Surpreendentemente, não o fez. E não lhe tinha ordenado que ficasse, quando ela disse...

— Quero ir.

... A nuvem se abriu sob seus pés.

Desapareceu, caindo através do céu.

— Bianka. — gritou.

Lysander estendeu suas asas e saltou atrás dela. Passou por Raphael, mas nesse momento, não lhe importava. Só queria Bianka a salvo - e limpar a dor e a fúria de sua expressão.

Ela tinha girado para baixo para aumentar seu impulso. Ele teve que recolher suas asas depois das costas para incrementar o seu. Finalmente, agarrou-a na metade de caminho e a envolveu com seus braços, com as costas sobre seu estômago. Ela não tentou escapar, não lhe ordenou que a liberasse, para o que se preparou.

Quando chegaram à cabana, ele os endireitou, estendeu suas asas e desacelerou. A neve ainda cobria o chão e rangeu quando aterrissaram. Ela não se afastou. Não correu. Algo mais para o que ele se preparou.

Evidentemente sabia muito pouco sobre ela.

— Provavelmente seja melhor assim, sabe. — disse ela com firmeza, lhe dando as costas. O vento golpeava seu cabelo contra as bochechas dele — Era o prazer de depois que falava antes, de todos os modos. Nunca deveria te haver convidado às bodas. Somos muito diferentes para que funcione.

— Estava disposto a tentá-lo. — disse ele entre os dentes apertados. *Não faça isto, projetou. Não rompa comigo.*

Ela riu sem humor, e ele se maravilhou da diferença entre essa risada e a outra que ela tinha emitido na nuvem. Maravilhou-se e lamentou.

— Não, estava disposto a me ocultar.

— Sim. Portanto estava tentando fazer que algo funcionasse. Quero estar contigo, Bianka. Do contrário não te teria seguido. Teria te deixado sozinha desde o começo. Não teria tratado que visse a luz.

— É um idiota pomposo. — lhe espetou — Que visse a luz? Por favor! Quer que seja perfeita. Livre de culpa. Mas, o que passará quando falhar? E o farei, sabia? A perfeição simplesmente não está em mim. Um dia vou amaldiçoar. Como agora. Foda-se. Um dia vou agarrar algo só porque é bonito e o quero. Isso arruinaria-me a seus olhos?

— Até agora não. — espetou à suas costas.

Ela riu de novo, esta vez mais sombria e lúgubre.

— Os lenços que roubei foram feitos por meninos escravizados. Assim não hei feito nada muito terrível, ainda. Mas o farei. E sabe o que? Se houvesse feito algo nauseabundamente correto, não teria importado. Ainda quereria te levar às bodas. Essa é a diferença entre nós. Malvado ou não, bom ou não, queria-te.

— Quero-te, também. Mas isso não é sempre o caso, e sabe. Deveria preocupar-se. — aumentou seu agarre sobre ela — Bianka. Podemos resolver isto.

— Não, não podemos. — finalmente girou para lhe encarar — Isso requereria te dar uma segunda oportunidade, e não dou segundas oportunidades.

— Não necessito uma segunda oportunidade. Só necessito que pense sobre isto. Para fazer realidade nossa relação, devemos ocultá-la.

— Não vou ser sua vergonha secreta, Lysander.

Ele estreitou seu olhar. Ela estava tentando lhe forçar, e não gostava.

— Rouba em segredo. Dorme em segredo. Por que não isto?

— Que não saiba a resposta demonstra que não é o guerreiro que pensei que fosse. Tenha uma vida agradável, Lysander. — disse ela, afastando-se de seu agarre e afastando-se sem olhar atrás.

CAPÍTULO 12

Lysander estava sentado no fundo da capela de Budapeste, indetectável, observando Bianka ajudar suas irmãs e seus amigos a decorá-la para as bodas. Ela estava atualmente pendurando flores do teto raso abobadado. Sem uma escada.

Tinha estado seguindo-a por dias, incapaz de permanecer afastado. Uma coisa que tinha notado: falava e ria como se estivesse bem, normal, mas a faísca tinha desaparecido de seus olhos, de sua pele.

E lhe havia feito isso. Pior, nenhuma só vez ela tinha amaldiçoado, mentido ou roubado. De novo, sua culpa. Havia-lhe dito que não era de valor para ele. Tinha estado - *estava, correto?* - muito envergonhado de Bianka para falar com sua gente a respeito dela.

Mas não podia negar que sentia saudades. Sentia saudades de tudo relacionado a ela. Até onde sabia. Excitava-o, desafiava-o, frustrava, consumia, atraía, o fazia “sentir”. Não queria estar sem Bianka.

Algo suave roçou seus ombros. Apenas deu um jeito para afastar seu olhar de Bianka para voltar-se e ver que agora Olivia estava sentada junto a ele.

O que estava errado com ele? Não a tinha ouvido chegar. Normalmente seus sentidos estavam sintonizados, alertas.

— Por que me convocou aqui? — perguntou. Ela olhou ao redor nervosamente. Seus escuros cachos emolduravam seu rosto, casulos descendo por algumas de suas mechas.

— Em Budapeste? Porque está sempre aqui, de todas as maneiras.

— Como você também nestes dias. — replicou secamente.

Ele deu de ombros.

— Acaba de vir do habitação de Aeron?

Deu um resistente assentimento.

— Raphael veio a mim. — disse ele. O dia em que perdeu Bianka. O pior dia de sua existência.

— Essas flores não estão centradas, B. — disse a ruiva Kaia, reclamando sua atenção e detendo o resto da conversa com sua subordinada — Gire-as um pouco à esquerda.

Bianka expulsou um suspiro de frustração.

— Assim?

— Não. A minha esquerda, tola.

Grunhindo, Bianka obedeceu.

— Perfeito. — Kaia sorriu.

Bianka a empurrou e Lysander riu. Graças à Única Verdadeira Deidade, ele não tinha matado todo seu espírito.

— Também penso que estão perfeitas. — disse sua irmã menor, Gwendolyn.

Bianka soltou os painéis do teto e se jogou no chão. Quando aterrissou, endireitou-se como se a sacudida não a tivesse afetado de maneira nenhuma.

— Alegro-me de que a princesa esteja finalmente feliz com algo. — murmurou. Logo, mais alto disse — Não compreendo por que não pode te casar em uma árvore como uma Harpia civilizada.

Gwen fechou suas mãos em punhos.

— Porque meu sonho sempre foi me casar em uma capela como qualquer pessoa normal. Agora, alguém, por favor, tirará os retratos nus de Sabin das paredes? Por favor.

— Por que quereria te desfazer deles quando recém passei todo o tempo pendurando-os? — perguntou Anya, deusa da Anarquia e companheira de Lucien, guardião da Morte, claramente ofendida — Eles acrescentam um pouco de algo extra ao que de outra forma seriam uns procedimentos muito aborrecidos. Minhas bodas terão strippers. Vivos.

— Aborrecidos? Aborrecidos! — a fúria passou pelas facções de Gwen, o negro alagando seus olhos, seus dentes afiando-se.

Lysander tinha observado lhe acontecer esta mesma mudança múltiplas vezes já. Na hora passada somente.

— Não será aborrecido. — Ashlyn, companheira de Maddox, guardião da Violência, disse calmamente — Será formoso.

A mulher grávida esfregou seu arredondado abdômen. Esse ventre era maior do que deveria ter sido, dado o cedo estado de sua gravidez. Entretanto, ninguém parecia precaver-se disso. Fariam-no o bastante logo, supunha. Só esperava que estivessem preparados para o que ela carregava.

Como seria um filho de Bianka?, perguntou-se repentinamente. *Harpia como ela? Anjo como ele? Ou uma mescla de ambos?*

Uma dor aguda fez raízes e floresceu em seu peito.

— Aborrecido? — Gwen grunhiu de novo, claramente não estava pronta para deixar que o insulto passasse.

— Grandioso! — Bianka elevou seus braços — Que alguém ache o Sabin antes que Gwennie nos mate a todos, produto de sua fúria.

Uma Harpia em fúria podia machucar até a outras Harpias, Lysander sabia. Como o consorte de Gwen, Sabin, guardião da Dúvida, era o único que podia acalmá-la.

Com esse pensamento, a cabeça de Lysander se inclinou para um lado. Nunca tinha visto Bianka explodir, precaveu-se. Ela tinha visto tudo como um jogo. Bem, não era verdade. Uma vez, tornou-se louca. A vez em que Paris o tinha golpeado. Lysander tinha sido seu inimigo, mas ela igualmente se tornou louca ante seu mau trato.

Lysander a tinha acalmado.

A dor cresceu em intensidade e esfregou-se o esterno. *Ele era o consorte de Bianka? Queria sê-lo?*

— Não há necessidade de me buscar. Estou aqui. — Sabin ingressou pelas portas duplas — Como se fosse a estar mais de uns poucos passos afastado quando ela está tão sensível. Só em caso de que necessite minha ajuda. Gwen, bebê. — ali ao final, seu tom descendeu, gentilmente. Alcançou-a e a empurrou a seus braços; ela se aconchegou contra ele — A coisa mais importante amanhã é que estaremos juntos. Correto?

— Lysander. — disse Olivia, tirando sua atenção do agora aconchegado casal — A espera é difícil. Raphael veio a você... E o que?

Lysander suspirou, forçando-se a concentrar-se.

— Responda-me primeiro umas poucas perguntas.

— Está bem. — disse depois de uma breve vacilação.

— Por que você gosta de Aeron se é tão diferente de você?

Ela espremeu o tecido de sua toga.

— Acredito que eu gosto porque é muito diferente de mim. Ele prosperou em meio da escuridão, arrumando-se para conservar uma faísca de luz em sua alma. Não é perfeito, não está livre de culpa, mas poderia haver-se rendido a seu demônio faz tempo e ainda continua lutando. Protege a aqueles que ama. Sua paixão pela vida é... — ela estremeceu — Surpreendente. E realmente, só machuca gente quando seu demônio toma o comando, e só se eles forem malvados, acima de tudo. Inocentes, deixa-os em paz.

Era o mesmo com Bianka. Entretanto, Lysander tinha tratado de fazê-la envergonhar-se de si mesma. Envergonhar-se quando só devia estar orgulhosa do que tinha realizado, prosperar em meio da escuridão, como Olivia havia dito.

— E não está envergonhada de que nossa classe saiba de seu afeto por ele?

— Envergonhada de Aeron? — Olivia riu — Quando ele é mais forte, mais feroz, mais vivo que qualquer um que conheço? É óbvio que não. Estaria orgulhosa de ser chamada sua mulher. Não é como que alguma vez possa acontecer. — acrescentou tristemente.

Orgulho. Aí estava a palavra de novo. E esta vez, algo acendeu em sua mente. *Não vou ser sua vergonha secreta, Lysander*, havia dito Bianka. Tinha-lhe recordado que ela cometeu todos seus outros pecados em segredo. Por que ele não? Não lhe havia dito a resposta, mas lhe chegou agora. Porque tinha estado orgulhosa dele. Porque desejava mostrá-lo.

Como ele deveria ter desejado exibi-la.

Qualquer outro homem teria estado orgulhoso de parar a seu lado. Era formosa, inteligente, graciosa, apaixonada e vivia com seu próprio código de moral. Sua risada era mais encantadora que a melodia de uma harpa, seu beijo era mais doce que uma prece.

Tinha-a considerado um feto de Lúcifer, entretanto era um presente da Única Verdadeira Deidade. Era tão tolo.

— Respondi suficientemente a suas perguntas? — perguntou Olivia.

— Sim. — ele estava surpreso ante a crueldade de suas palavras. *Tinha arruinado as coisas entre eles irreparavelmente?*

— Assim me responda algumas.

Incapaz de encontrar sua própria voz, assentiu. Tinha que fazer isto direito. Tinha que tentá-lo, ao menos.

— Bianka. A Harpia que observa. A ama?

Amar. Encontrou-a entre a multidão e a dor aguda no peito cresceu insuportavelmente. Estava atualmente acrescentando bigodes com um marcador permanente a um dos retratos de Sabin enquanto Kaia acrescentava... Outras coisas mais abaixo. Kaia estava rindo bobamente; Bianka se via como se só estivesse pendente dos movimentos, não tendo nenhuma diversão.

Queria-a feliz. Queria-a da forma que tinha sido.

— Acredita que está envergonhado dela. — Olivia continuou quando não lhe deu nenhuma resposta.

— Como sabe? — forçou às palavras a deixá-lo.

— Eu sou, ou era uma portadora de alegria, Lysander. Era meu trabalho saber o que estavam sentindo as pessoas e as ajudar a ver a verdade. Porque só na verdade podemos encontrar alegria real. Nunca estive envergonhado dela. Conheço-te. Você não te envergonha de nada. Simplesmente estava assustado. Assustado de que não fosse o que ela necessitava.

Seus olhos se abriram de par em par. Poderia ser verdade? Tinha tratado de mudá-la. Tinha tratado de transformá-la no que ele era, assim a ela, em troca, tivesse-lhe agradado o que ele era? Sim. Sim, isso tinha sentido e pela segunda vez em sua existência, odiava a si mesmo.

Tinha permitido que Bianka se afastasse dele. Quando deveria ter cantado louvores por todos os céus, tinha-a afastado a um lado. Nenhum homem era mais tolo. Dano irreparável ou não, tinha que tentar ganhá-la de novo.

Saltou sobre seus pés.

— Faça. — disse — A amo.

Queria lançar seus braços ao redor dela. Queria gritar a todo mundo que lhe pertencia. Que tinha escolhido a ele como seu homem.

Seus ombros desabaram. Escolhido. Palavra chave. Tempo passado. Não o escolheria de novo. Não dava segundas oportunidades, havia dito.

Ela frequentemente mentia...

Pela primeira vez, a ideia de que a sua mulher gostasse de mentir o fez sorrir. Possivelmente tinha mentido sobre isso. Possivelmente lhe daria uma segunda oportunidade. Uma oportunidade de provar seu amor.

Se tiver que rebaixar-se, faria-o. Ela era sua tentação, mas isso não tinha por que ser algo mau. Isso poderia ser sua salvação. Depois de tudo, sua vida não significaria nada sem ela. Quão mesmo para ela. Havia-lhe dito que ele era sua própria tentação. Ele podia ser sua salvação.

— Obrigado. — disse a Olivia — Obrigado por me mostrar a verdade.

— Sempre é meu prazer.

Como se aproximaria de Bianka? Quando? A urgência o alagava. Queria fazê-lo agora. Como um guerreiro, entretanto, sabia que algumas batalhas requeriam planejamento. E como esta era a batalha mais importante de sua existência, planejaria seu ataque.

Se o perdoasse e decidisse estar com ele, ainda teriam um duro caminho pela frente. Onde viveriam? Seus deveres estavam nos céus. Ela vivia na terra, com sua família próxima. Além disso, Olivia estava destinada a matar a Aeron, que essencialmente seria o cunhado de Bianka depois de amanhã. E se Olivia decidia não fazê-lo, outro anjo seria escolhido para o trabalho.

Muito provavelmente, esse seria Lysander.

Uma coisa que sua Deidade lhe tinha ensinado, de qualquer modo, que o amor verdadeiro podia conquistar tudo. Nada era mais forte. Eles podiam fazê-lo funcionar.

— Perdi-te de novo. — disse Olivia com uma risada — Antes que saia correndo, deve me dizer para que me convocasse. O que é que Raphael te disse.

Algo de seu bom humor desapareceu. Enquanto Olivia acabava de dar esperança e tinha ajudado a encontrar o caminho correto, estava a ponto de arruinar qualquer esperança de um “feliz-para-sempre-depois” para ela.

— Raphael veio até mim. — repetiu. *Só faça-o; só diga-o* — Contou da infelicidade da Câmara de Vereadores contigo. Explicou-me que se zangaram de seu contínuo desafio.

Seu sorriso desapareceu.

— Sei. — sussurrou — Eu só... Não fui capaz de feri-lo. Observá-lo me dá alegria. E mereço experimentar alegria depois de tantos séculos de devoto serviço, não é certo?

— É óbvio.

— E se estiver morto, nunca serei capaz de fazer as coisas com as que agora sonho.

O cenho dele franziu.

— Que coisas?

— Tocá-lo. Aconchegar-me entre seus braços. — uma pausa — Beijá-lo.

Desejos perigosos de fato. Oh, ele conhecia seu poder.

— Se nunca os experimentar, — lhe ofereceu — são mais fáceis de resistir. — Mas odiava pensar que esta maravilhosa mulher estivesse sem algo que desejava.

Podia rogar à Câmara de Vereadores pelo perdão de Aeron, mas isso não faria nenhum bem. Um decreto era um decreto. Uma lei tinha sido quebrada e alguém tinha que pagar.

— Muito em breve. A Câmara de Vereadores será forçada a te oferecer uma escolha. Seu dever ou sua ruína.

Ela descendeu o olhar às mãos, uma vez mais espremendo o tecido de sua toga.

— Sei. Não sei por que vacilo. Ele nunca me desejará, de todas as maneiras. As mulheres aqui, são excitantes, perigosas. Tão ferozes como ele é. E eu sou...

— Preciosa. — disse — É preciosa. Nunca pense o contrário.

Ofereceu-lhe um sorriso tremente.

— Sempre te amei, Olivia. Odiaria ver que renunciaria a tudo o que é por um homem que ameaçou te matar. Sim, sabe o que estaria perdendo, certo?

Esse sorriso desapareceu ao tempo que assentia.

— Cairia direto ao inferno. Os demônios iriam atrás de suas asas. Sempre vão atrás das asas primeiro. Já não será insensível à dor. Estará dolorida, embora tenha que averiguar sua maneira de te liberar do subterrâneo, ou morrer ali. Sua força estará esgotada. O corpo não regenerará a si mesmo. Será mais frágil que um humano devido a que não foi criada entre eles.

Enquanto acreditava que ele seria capaz de sobreviver a tal coisa, não acreditava que Olivia pudesse. Era muito delicada. Muito... Superprotegida. Até este momento, cada faceta de sua vida tinha estado rodeada de alegria e felicidade. Não tinha tido nada mais.

Os demônios do inferno seriam mais cruéis com ela do que jamais seriam com ele, o homem ao que temiam mais que a ninguém. Ela era tudo o que eles desprezavam. Completa bondade. Adorariam destruir tal inocência e pureza.

— Por que está me dizendo tudo isto? — a voz dela tremia. As lágrimas desciam por suas bochechas.

— Porque não quero que tome a decisão incorreta. Porque quero que saiba contra o que te enfrenta.

Transcorreu um momento de silêncio, logo ela se levantou de um salto e jogou seus braços ao redor do pescoço dele.

— Amo-te, sabe.

Ele a apertou fortemente, sentindo que esta era sua maneira de dizer adeus. Sentindo que esta seria a última vez que se ofereceriam tal alívio temporário. Mas não a deteria, qualquer que fosse o caminho que escolhesse.

Ela retrocedeu e passou suas trementes mãos por sua brilhante toga branca.

— Deste-me muito para considerar. Assim, agora te deixo com sua mulher. Que o amor sempre te siga, Lysander. — ao tempo que ela falava, suas asas se estenderam. Acima, acima ela voou, cobrindo-se de neblina pelo teto raso - e as flores de Bianka - antes de desaparecer.

Ele esperava que tivesse escolhido sua fé, sua imortalidade, sobre o guardião da Ira, mas temia que não o fizesse. Seu olhar se fixou em Bianka, agora caminhando do corredor para a saída. Deteve-se ante o banco dele, franziu o cenho, antes de sacudir a cabeça e sair. Se fosse forçado a escolher entre ela, sua reputação e estilo de vida escolheria a ela, precaveu-se.

E agora era tempo de provar isto a ela.

CAPÍTULO 13

Tenho que tirar estes tremores pensou Bianka. Era o dia das bodas de sua irmã menor. Deveria estar feliz. Encantada. Se fosse honesta, entretanto, estava um pouquinho - quer dizer um montão - ciumenta. O homem de Gwen, um demônio, amava-a. Estava orgulhoso dela.

Lysander considerava Bianka indigna.

Tinha pensado em provar-se para ele, mas rapidamente tinha descartado essa ideia. Demonstrando-se digna - sua ideia de digna, isso era - suporia nada mais que uma mentira. E Lysander odiava mentiras. Assim, segundo ele, nunca seria o suficientemente boa. O que significava que era estúpido, e ela não se relacionava com homens estúpidos. Além disso, não a merecia.

Merecia apodrecer em sua infelicidade. E isso é o que seria sem ela. Infeliz. Ou ao menos isso esperava.

— Tanto para nosso plano de ir nuas. — murmurou Kaia a seu lado — Gwen me viu deixando o quarto dessa maneira e quase me cortou a garganta.

— Não o fiz. — disse a noiva em questão detrás delas.

Voltaram-se de uma vez. O fôlego de Bianka se entupiu como cada vez que tinha visto sua irmã menor em seu vestido. Era de corte princesa, o qual era apertado, finos suspensórios, com uma preciosa renda branca rodeando justo debaixo de seus peitos antes de cair fluindo até os tornozelos. O material que lhe cobria as pernas era fino, permitindo entrever as coxas e os preciosos saltos vermelhos.

Seus cachos de morango estavam metade acima e metade abaixo, com diamantes brilhando entre as mechas. Havia tanto amor e emoção nos olhos dourados e cinzas que eram quase cegadores.

— Quase te empurrei pela janela. — acrescentou Gwen.

Riram. Inclusive a estóica Taliyah, sua irmã mais velha, a qual tinha seu braço ao redor de Gwen. Desde que o pai de Gwen se converteu no maior inimigo dos Senhores, e a mãe de Gwen tinha renegado ela anos atrás, Taliyah escoltaria Gwen pelo corredor para suas bodas.

— Daí a razão pela que estou vestindo isto. — Kaia assinalou seu vestido, uma cópia exata do de Bianka. Uma criação cor amarela dourada com mais laços, cintas e apliques de lantejoulas cor rosa dos que ninguém devia usar durante toda uma vida. Inclusive usavam chapéus com cintas laranja.

Gwen deu de ombros, sem arrepender-se.

— Não queria que lhes vissem mais bonitas que eu, assim me obedeçam.

— As bodas fedem. — disse Bianka — Só deveria haver feito com que Sabin tatuasse seu nome no traseiro e dá-lo por certo. — isso era o que ela deveria ter feito. Não é que Lysander houvesse jamais aceitado tal coisa. Estivessem juntos ou não.

O qual nunca estariam. Bastardo.

— Fiz. Tatuei-lhe meu nome em seu traseiro. — disse Gwen — E seu braço. E seu peito. E suas costas. Mas, depois mencionei, casualmente, quanto sempre quis umas grandes bodas, e bom, disse-me que tinha quatro semanas para planejá-la ou a assumiria e o faria ele mesmo. E todo mundo sabe que os homens não podem planejar uma merda. Assim... — deu de ombros de novo, embora o entusiasmo e o amor em seu rosto se intensificaram — Estamos preparados já?

Bianka e Kaia se voltaram para a capela, olhando por uma fresta da porta fechada.

— Ainda não. — disse Bianka — Falta Paris.

Paris, que tinha sido ordenado pela internet, presidiria as bodas.

— Melhor que corra. — acrescentou mal-humorada — Ou encontrarei a maneira de lhe fazer lutar em óleo de novo.

— Você esteve tão deprimida ultimamente. Sentindo falta do seu anjo? — perguntou-lhe Kaia, saudando com o mindinho a Amun, que estava na linha dos padrinhos de bodas junto a Sabin no altar.

Amun não deveria ser capaz de vê-la, mas igualmente o fez. Ele assentiu com a cabeça, um sorriso tremia nas comissuras dos lábios.

— É obvio que não. Odeio-lhe. — uma mentira. Não havia dito a suas irmãs por que ela e Lysander se separaram, era o único que tinham. Se soubessem a verdade, quereriam matá-lo. E como todos, exceto Gwen, eram assassinas sob pagamento, imensamente boas em seu trabalho, encontraria-se como orgulhosa proprietária da cabeça de Lysander.

O qual não desejava.

Só queria a ele. Garota estúpida.

— Só teria burlado de você durante uns poucos anos, sabe. — disse Kaia — Deveria havê-lo mantido perto. Poderia ter sido divertido lhe corromper.

Ele não queria ser corrompido mais do que ela queria ser desencardida. Eram muito diferentes. Nunca poderiam fazer funcionar nada. Sua separação era o melhor. Assim, por que não podia superá-lo? Por que sentia seu olhar sobre ela, cada minuto de cada dia? Inclusive agora, quando se via como uma beleza sulina quebrada?

— Assim, Sabin não tem sobrenome. — disse a Gwen, desviando a atenção de si mesma — Teremos que te chamar Gwen Sabin?

— Não, nada disso. Irei me chamar Gwen Senhor.

— Como Anya planeja chamar-se? Anya Submundo? — perguntou Kaia rindo.

— Conhecendo nossa deusa, exigiria de Lucien que usasse o sobrenome dela. Problema. Ou esse é seu segundo nome?

— Eu aqui, eu aqui. — gritou uma voz de repente. Legião abriu espaço em frente de Bianka e Kaia. Estava vestindo um vestido amarelo, também. Só que tinha mais laços, cintas e lentejoulas. Segurava uma cesta de flores com as mãos, as unhas muito longas se enrolavam na asa. O melhor de tudo usava uma tiara. Devido que não tinha cabelo, tinha sido pega com cola à cabeça cortada.

— Começamos agora.

Não esperou permissão, endireitou os ombros e caminhou através da porta. A multidão - a qual consistia nos Senhores do Submundo, seus acompanhantes e alguns deuses ou deusas que Anya conhecia - girou e soltou uma exclamação quando a viu. Bom, exceto Gideon. Ele tinha sido recentemente capturado e torturado pelos caçadores, inimigos dos Senhores, e atualmente lhe faltavam as mãos. (Seus pés não estavam em seu melhor momento, tampouco.) Devido às feridas, estava mais que débil, assim jazia em uma maca, quase inconsciente. Tinha insistido em vir, entretanto.

Do seu banco, Aeron sorriu indulgentemente enquanto Legião jogava pétalas de rosa em todas as direções. Justo quando alcançava a frente, Paris correu ao estrado. Parecia arrasado, pálido, e Sabin o golpeou no ombro.

Sabin se via incrível. Vestia um smoking negro, com o cabelo penteado para trás, e quando se voltou para a porta, olhando para Gwen, com o rosto iluminado. Com amor. Com orgulho. Os ciúmes de Bianka aumentaram. Queria isso. Queria que seu homem a achasse perfeita de qualquer maneira. Era pedir muito?

Aparentemente sim. Lysander estúpido.

— Vai, vai, vai. — ordenou Gwen, lhe dando um pequeno empurrão.

Bianka deu passos longos, em direção a Strider, seu padrinho designado. Sorriu-lhe quando o alcançou. Estaria orgulhoso de chamá-la de sua mulher, pensou ela. Tentou obrigar-se a lhe devolver o gesto, mas seus olhos estavam muito ocupados enchendo-se de lágrimas. Olhou a seu redor, tratando de distrair-se.

A capela estava realmente bonita. As brilhantes flores brancas que tinha pendurado do teto eram espessas e exuberantes e lhes brindavam um dossel, um céu. Era a melhor parte da decoração, se perguntassem a ela. As velas brilhavam com uma luz dourada, movendo as sombras. Kaia se aproximou de seu lado, e todos exceto Gideon se levantaram. A música trocou, ficando mais lenta e se tornando a marcha nupcial. Gwen e Taliyah apareceram. Sabin ficou sem fôlego. Sim, essa era a forma que um homem deve reagir ante a vista de sua mulher.

O que te faz pensar que será alguma vez a mulher de Lysander?

Porque era sua única tentação. Devido à maneira reverente em que a havia tocado. Porque adorava como a fazia sentir-se. Porque se equilibravam entre eles. Porque a completava de uma maneira que não sabia que necessitasse. Era a luz de sua escuridão.

Estava disposto a te fazer ver a luz. Uma e outra vez.

Talvez devesse ter lutado por ele. Isso é o que era, depois de tudo. Uma lutadora. Entretanto o tinha abandonado como se ele não significasse nada para ela quando de algum jeito se converteu no mais importante de sua vida.

Bianka não queria, mas desconectou-se de como Paris dava seu discurso e o feliz casal recitava os votos, seus pensamentos enfocados em Lysander. Deveria tentar lutar por ele agora? Se for assim, como ia fazê-lo?

Só quando a multidão aplaudiu, se sacudiu de sua bruma, olhando como Sabin e Gwen se beijavam. Logo foram desfilando juntos pelo corredor e as portas. O resto da festa nupcial fez sua saída, também.

— Vamos? — perguntou Strider, estendendo a mão para ela.

— Ela não pode. — Paris a agarrou pelo braço — Necessitam-lhe nessa sala.

Assinalou, com sua mão livre.

— Por quê?

Estava planejando vingar-se dela por lhe obrigar a lutar no óleo com Lysander? Não tinha mencionado desde que tinha voltado para Budapeste, mas não estava feliz com ela. Deveria lhe agradecer, pelo bem dos deuses. Ele tinha chegado a desempenhar todos os atrativos de Lysander.

Paris rodou os olhos.

— Só vá antes que seu noivo decida que está cansado de esperar e venha aqui fora.

Seu noivo. Lysander? Não podia ser. Poderia ser? Mas, por que poderia ter vindo? O coração golpeava no peito enquanto caminhava para frente. Não se permitiu correr, embora quisesse taaaaanto. Alcançou a porta. A mão tremia enquanto girava o pomo.

As dobradiças rangeram. Então esteve olhando a... Uma sala vazia. Apertou os dentes. A vingança de Paris, justo como se figurou. É obvio. Esse rato bastardo, pedaço de merda ia pagar. Não só lhe ia fazer lutar em óleo. Ia a...

— Olá, Bianka.

Lysander.

Ofegando, deu meia volta. Os olhos se abriram. Em um instante, a capela se transformou. Já não estavam suas irmãs e amigos no interior. Lysander e sua espécie ocupavam cada centímetro do espaço. Anjos por toda parte, a luz rodeando-os, envergonhado às velas de Gwen.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, sem atrever-se a ter esperança.

— Vim te pedir perdão. — abriu os braços — Vim dizer que estou orgulhoso de ser seu homem. Trouxe meus amigos e irmãos para testemunharem minha proclamação.

Ela tragou saliva, ainda não permitindo que a esperança a controlasse.

— Mas sou malvada e isso não vai mudar. Sou sua tentação. Poderia, sei perder tudo por estar comigo. — a ideia a golpeou, e quis murchar. Ele poderia perder tudo. Não era de estranhar que tivesse querido destruí-la. Não era de estranhar que tivesse querido ocultá-la.

— Não, não é malvada. E não quero te mudar. É preciosa, inteligente e valente. Mas mais que isso, é meu tudo. Não sou nada sem você. Nem bom, nem correto, nem completo. E não se preocupe. Não perderei tudo como disse. Você não cometeu nenhum pecado imperdoável.

Tragou saliva.

— E se o cometer?

— Cairei.

De acordo. Uma pequena chama de esperança conseguiu penetrar em seu interior. Mas de maneira nenhuma o deixaria cair. Jamais. Ele adorava ser um anjo.

— O que lhe fez ver isto?

— Por fim tirei a cabeça do traseiro. — disse secamente.

Havia dito *traseiro*. Lysander acabava de dizer a palavra *traseiro*. Mais esperança golpeou em seu interior e teve que apertar os lábios para evitar sorrir. E chorar! As lágrimas brotavam de seus olhos, ardendo.

Poderiam realmente fazer sua relação funcionar? Só um pouco de tempo atrás, tinha estado agradecida - ou pretendendo estar agradecida - de estar separados, já que existiam tantos obstáculos.

— Só espero que possa amar um homem tão tolo. Estou disposto a viver onde desejar. E estou disposto a fazer tudo o que necessite para conseguir que volte. — caiu de joelhos — Quero-te Biana Skyhawk. Estaria orgulhoso de ser teu.

Estava orgulhoso dela. Queria-a. Amava-a. Era tudo o que tinha sonhado em segredo na semana passada. Sim, poderiam fazê-lo funcionar. Poderiam estar juntos, e isso era o mais importante. Mas não lhe disse nada disso.

— Agora? — gritou em seu lugar — Decidiu me apresentar a seus amigos agora? Quando me vejo assim? — carrancuda, olhou-lhes por cima do ombro e viu suas expressões aturdidas — Normalmente me vejo melhor que isto, sabe. Deveriam haver me visto o outro dia. Quando estava nua.

Lysander se levantou.

— Isso é tudo o que tem a me dizer?

Ela voltou a lhe enfocar. Os olhos dele estavam tão abertos como tinham estado os seus, com os braços cruzados.

— Não. Há mais. — resmungou — Mas nunca na vida teria vestido este fantoche amarelo, sabe.

— Biana.

— Sim, quero-te, também. Mas se alguma vez decide que sou indigna de novo, mostrarei-te quão demoníaca posso ser.

— Feito. Mas não tem que preocupar-se, amor. — disse, um lento sorriso elevando esses deliciosos lábios — Sou eu quem é indigno. Só espero que nunca descubra.

— Oh, já sei. — disse ela, e ele estendeu o sorriso — Agora, venha aqui! — ela segurou sua nuca e puxou-o para um beijo.

Os braços se fecharam como correntes a seu redor, apertando-a. Nunca tinha pensado estar vinculada a um anjo, mas agora não podia lamentar-se. Não quando Lysander era o anjo em questão.

— Está seguro de estar preparado para mim? — perguntou-lhe quando se elevaram no ar.

Mordeu-lhe o queixo.

— Estive preparado para você durante toda minha vida. Só que não sabia até agora.

— Bom. — com uma exclamação, elevou-se e passou as pernas pela cintura. Uma onda de ofegos circulou pela sala. Ainda estavam aí? — Desfaça-se dos seus amigos, vou fugir da recepção da minha irmã e vamos lutar no óleo.

— Divertido. — disse ele, envolvendo-a com as asas enquanto voava com ela em seus braços para sua nuvem — Isso era exatamente o que estava pensando.

Fim